Bernardo Guimarães

O BANDIDO DO RIO DAS MORTES

ROMANCE HISTORICO

MONTEIRO LOBATO & Cia.

EDITORES — S. PAULO

1922

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

3947b

44691

UNIDADE IEL
N.º CHAMADA B869.333
G 947 b
V Ex
TOMBO/BC 44691
TOMBO/IEL 67028
PROC.
C ☐ D ☐
PREÇO
DATA
N.º CPD

OK

bibud 49698

Duas palavras de apresentação (1)

I

Segundo os antigos, os livros, como os homens, têm o seu destino.

Nas velhas cousas ha sempre verdade.

Continúa cada opusculo moderno a ser levado por uma sina, bôa ou má. A historia de não poucos constitue genuino romance, cheio de peripecias dramaticas. E' o caso deste que ides compulsar, leitor. O presente romance tem o seu romance. Basta isto a que por elle vos interesseis.

Compol-o Bernardo Guimarães ou, melhor, improvisou-o, não já ao correr, mas ao galopar da penna. Anoitecia-lhe a existencia. Deixou apenas em esboço os derradeiros capitulos.

A novella é continuação e conclusão de outra do mesmo genitor: *Mauricio ou os Paulistas em S. João d'el-Rei*. Andou o manuscripto de mão em mão, á procura de quem lhe désse remate. Extraviou-se. Parecia condemnada a obra a definitivo desapparecimento e olvido.

A isso, porém, não se resignou a dilecta viuva do morto, d. Thereza Guimarães. Com inexcedivel solicitude, com insigne perseverança (que não conseguem as mulheres?) logrou reaver os trechos esparsos. Concatenou-os, recopiou-os, engendrou para a narrativa o desfecho que lhe faltava. Em seguida, graças á dedicada coadjuvação do exmo. e revdmo. **Padre João Pinto de Souza Reis**, **alcançou** do Congresso Mineiro que fosse **o trabalho impresso á custa do Estado.** Tornou-se, dest'arte, d. **Thereza Guimarães** secretaria, collaboradora, **editora** de seu marido. Mais ainda: **salvadora** do livro. Revelou intelligente devotamento á obra do esposo morto, equiparavel ao de Madame Michelet, ou ao de Madame Alphonse Daudet, accrescendo que a somma de esforços necessaria no Brasil foi incomparavelmente mais meritoria do que a reclamada em França.

De maneira indirecta, toda consorte de escriptor póde efficazmente cooperar na tarefa de seu companheiro: organizando-lhe os meios de producção facil e fecunda, quer dizer, poupando-lhe certas preoccupações domesticas, mantendo-lhe a serenidade do lar, proporcionando-lhe as condições de espirito indispensaveis á elaboração de primores.

D. Thereza Guimarães foi além. Debateu-se contra a indifferença e a má vontade, superou mil embaraços, para que o ultimo filho intellectual de Bernardo, nascido quasi invivedouro, não perecesse á mingoa.

---

(1) **Da primeira edição, exgottada.**

Durou nada menos de 4 lustros esse carinhoso labor maternal. Vinte um annos após o fallecimento do auctor. surge á publicidade, e reconstituido e integrado, o derradeiro volume.

Representa a publicação ingente cabedal de fadigas, sacrificios, tenacidade. D. Thereza Guimarães fez jus á gratidão das lettras mineiras. E. d. Thereza Guimarães assim procedeu arcando com obices de outra ordem. Imaginai: viuva, pobre, educando filhos, sustentando velha mãi enferma!

Deve ser, pois, de agora em diante, lembrada, sempre que se nomear o seu glorioso marido. O nome della ainda uma vez se enlaçou perpetuamente ao do preclaro auctor do *Seminarista* e do *Ermitão do Muquem*.

Não achais o facto bello e tocante, leitor? Sois mineiro, isto é, accessivel a todas as nobres commoções. Vejo-vos, portanto, curvado, qual eu estou, na mais respeitosa reverencia, perante d. Thereza Guimarães.

Salve, inclita mineira, excellentissima senhora!

II

Valeria a pena o emprehendimento de d. Thereza Guimarães?

Sem duvida. Quando menos, assiste ao romance posthumo de Bernardo a valia de curioso documento. Succinta resenha do entrecho vol-o demonstrará.

De bandido nada se percebe no heróe. E' galhardo, cavalheiroso. Consiste-lhe o crime unico em amar d. Leonor, filha de D. Diogo, capitão-mór de S. João d'El-Rei, no tempo dos bandeirantes, disputando-a á ambição de Fernando, primo da mesma.

Deseja Fernando desposar d. Leonor, com o só intuito de herdar a fortuna e o cargo do tio, já edoso.

Abre-se a exposição quando Mauricio, foragido, vae buscar, a Ouro Preto, reforços e munições para atacar os emboabas capitaneados, em S. João, pelo cruel e ambicioso Fernando, ataque no qual cumpria proteger ao capitão-mór e á sua filha.

A Mauricio acompanham Itauby, tambem chamado Antonio, indio cathechizado, filho de Itapema, ex-chefe de poderosa tribu Aymoré, e Iamby, negro forte e corajoso.

Itauby, á similhança de Mauricio, vota odio de morte aos emboabas; Mauricio, pela crueldade com que tratam os indigenas e desdem que empregam relativamente aos altivos incolas de S. Paulo de Piratininga; Itauby, porque elles escravizaram Indahyba, aquella a quem adora, a formosa filha de Irabussu', ex-cacique dos carijós.

Ha para Mauricio outros motivos de accommetter o arraial: vingar-se de Fernando que insidiosamente convencera Leonor ser elle, Mauricio, traidor e vilão; justificar-se, ante aquella e o capitão-mór, da morte de Affonso, joven e impetuoso irmão da moça, que, em renhido combate entre paulistas e emboabas, succumbira ás mãos do mesmo Mauricio.

Auxiliado por Itapema e Itauby, alcança Mauricio um troço de Aymorés e paulistas fugitivos de S. João. Com essa diminuta gente, vae investir contra o arraial. Em caminho, succede topar com o seu amigo Gil, que lhe vinha ao encalço, commandando um bando de paulistas. A' tropa de Gil aggrega-se a de Mauricio, formando pequeno exercito.

Dirigem-se á gruta do pae de Indahyba, Irabussú. Devem ahi reunir-se ao resto de indigenas e paulistas escapos de S. João, após a peleja em que expirara o irmão de Leonor. Na gruta, além de Irabussú, o bugre feiticeiro, conforme o alcunhavam os emboabas, estacionava mestre Bueno, velho mestiço, devotadissimo a Mauricio e inimigo, por seu turno, dos emboabas, que lhe haviam escravizado a filha, a graciosa Helena.

Ainda outro affeiçoado de Mauricio ali se via, o capitão Nuno, valente paulista.

Aprestavam-se Mauricio e Gil para o assalto, quando souberam por Irabussú que Fernando se alliara a Caldeira Brant, celebre bandeirante, orgulhoso e máo, augmentando assim consideravelmente a guarnição defensora do arraial.

Não desanimam. Enviam Iamby a entender-se com Amador Bueno, outro afamado bandeirante, de indole benevola, amigo dos paulistas, rival de Caldeira Brant. Propõem-lhe congregar as forças de todos os grupos.

Amador accede, desejoso de responder a um desafio do altaneiro Caldeira Brant. Guiado pelo intrepido Iamby, marcha á frente dos seus, para a gruta de Irabussú onde este, ao lado de Mauricio, Gil, Itauby e mestre Bueno o aguardam impacientes.

Entretanto, Leonor não olvidara Mauricio, como Indahyba, identicamente, não olvidara Itauby. Julgava a primeira que Mauricio trahira a D. Diogo, pactuando com os indigenas assaltantes do arraial; suppunha-o assassino do irmão. Amava-o, a despeito de tudo; e, ao annunciar-lhe Fernando de boa fé a morte de Mauricio, não vingou a donzella dissimular o seu desespero. Dahi immensa colera em Fernando. Odiava Mauricio; deplorava não o apanhar vivo, para o torturar á vontade, antes de, com a propria mão, o trucidar.

Eis o dia da peleja. Leonor e seu pai vão vel-a do cimo de um morro. Indiscriptivel o jubilo da bella, ao avistar na frente dos contrarios o nunca esquecido Mauricio. São completamente batidos os emboabas e Caldeira Brant; Fernando, mortalmente ferido, não tardará a expirar. Mauricio acerca-se do capitão-mór e de sua filha, dando-lhes cabaes explicações restaurando a verdade, perfidamente falseada por Fernando.

Calixto, outro amigo de Mauricio, noivo de Helena, corrobóra as asserções daquelle. Termina a historia, a contento geral: mestre Bueno, Itauby e Irabussú abraçam os filhos que choravam; casam-se os adoradores com as respectivas adoradas.

III

E', como se viu, a um tempo... ingenuo e complicado. Escassa psychologia; violenta acção. Accumulação de personagens; dispersão em escusados episodios, repetições, cousas perfeitamente dispensaveis.

Sem embargo, interessa. O caracter de cada individuo desenha-se accentuadamente. Nos incidentes, ha seguro colorido e firme perspectiva. Mais que chão, em extremo familiar, encanta o estylo pela expontaneidade bor-

bulhante. Não se azou ao autor ensejo de ser conciso.

Affirmadas em tantos trabalhos anteriores, persistem aqui as qualidades de Bernardo.

Em primeiro logar, o vivo amor á natureza brasileira, o dom de evocal-a, de lhe interpretar a suavidade e a excelsitude. De quasi todas as paginas, evola-se o olôr das florestas virgens, com os pios asperos ou brandos de aves ariscas. De subito, desvenda-se immenso panorama, impreciso, mysterioso e soberbo. Sombra intensa, agora, cortilhada de vagas scintillações infinitas...

A par desse amor e dessa evocação, conhecimento dos costumes, das tradições, das particularidades nataes. Sente-se que conversou affectuosamente assumptos antigos; viajou; tratou com os moradores, tropeiros ou garimpeiros, apprehendendo-lhes, sobre a linguagem, o modo especial do pensar e do sentir. Dahi a apresentação de typos inconfundiveis, substancialmente nacionaes, que perambulam nos volumes.

Em seguida, a graça, — graça desageitada, muita vez, — como a das formosas virgens da roça, graça desataviada e fresca, a provocar indulgente sorriso de sympathia.

Dominando, embebendo tudo, acendrada poesia. Porque Bernardo Guimarães foi primordialmente poeta. Poeta pela fina sensibilidade, pela opulencia das sensações, pelo transcendente predicado de perceber e traduzir aspectos subtis do mundo material e do mundo intimo. Não já de seus versos, mas de seus minimos escriptos exhala-se poesia. Poesia inconsciente, como a do passaro trinando, ou a do arroio a derivar.

Poeta pela maneira como produziu, pelo geito do seu viver.

Embora desordenado, escreveu bastante. Foi um activo, um fecundo. Considerando a existencia que levou, o meio onde o seu espirito evolveu, desprovido de estudos e de estimulos, ninguem se eximirá a lhe admirar assim a cerebração como a fertilidade della decorrente.

Ser de eleição, dotado de nobre engenho, não o malbaratou.

Poderia deixar ainda mais e ainda melhor? Poderia, sem duvida. Abundam em seus livros fragmentos esparsos de obra prima. Cordenados, ajustados com paciencia e tempo, eliminadas as excrescencias, surdiria a obra prima absoluta e immortal.

Mas o que deixou basta a lhe perpetuar a memoria na estima e veneração de quantos o lêrem; basta a lhe insculpir a figura na galeria dos brasileiros egregios.

Jacta-se Minas Geraes das pedras preciosas extrahidas das suas entranhas.

Por maioria de razão, deve ufanar-se desta intelligencia.

Nascida, descuidosamente lapidada no sólo mineiro, despediu ella fulgurações ineffaveis, crystallisadas em livros, — fulgurações mais valiosas que as das gemmas riquissimas.

AFFONSO CELSO.

Villa Petiote — Petropolis — VII — 1905.

O BANDIDO

DO

RIO DAS MORTES

O Bandido do Rio das Mortes

CAPITULO I

Nas sombrias e lobregas serranias que demoram ao sul de Ouro Preto, nas visinhanças do pequeno arraial do Itatiaya, que então não existia e que hoje em ruinas tende a desapparecer do mappa da provincia, si é que algum dia ahi figurou, ha um pequeno valle dominado por um serrote de singular configuração.

Quem, pasando ao pé do Itatiaya, se dirige para a Capital de Minas, depois de passar sobre uma ponte o ribeirão que tem o mesmo nome do arraial, sobe continuamente por espaço de cerca de meia legua até chegar a esse pequeno valle no meio do qual deslisa um regato a cuja margem esquerda se estende uma vargem de uns cem metros de largura. Esta vargem, elevando-se em suave declive, vai morrer ao pé de um serro que se eleva abrupto e alcantilado, quasi a prumo, em extensão de meio kilometro, como a barbacan de um castello de gigantes. O que concorre ainda para dar-lhe a mais perfeita semelhança de uma fortaleza colossal, é que, sobre seus cimos, traçados por uma linha horizontal quasi sem inflexão alguma, dois comoros se elevam nas duas extremidades de forma tão regular que imitam perfeitamente dois torreões como esses que na velha Europa guarneciam as antigas muralhas das cidades gothicas.

A epocha em que começam os acontecimentos de cuja narração nos vamos occupar é nos primeiros annos do seculo passado, epocha em que os exploradores portuguezes e as bandeiras paulistanas cruzavam as regiões destas minas em continuo movimento, á semelhança das tribus selvagens.

Figuraram então tres nomes que ficaram para sempre celebres nos annaes dos primeiros descobrimentos das minas: — Amador Bueno, Borba Gato e Nunes Vianna.

Os dois primeiros, paulistas fieis e submissos ás leis e auctoridades da Metropole, mas aventureiros audazes e ambiciosos, só curavam de estender suas explorações por todo o territorio de Minas. O terceiro, Nunes Vianna, era portuguez, mas a acreditar-se a tradição muito verosimil, viera ainda creança para o Brasil, e era bom sertanista como qualquer dos outros. Enriquecêra extraordinariamente, e por seu tino e habilidade alcançára tal influencia e prestigio entre seus patricios, que estes, supportando com impaciencia o jugo das leis do Reino, se insurgiram e acclamaram seu chefe

a Vianna, que nesse posto causou bastante inquietação ao governo do reino.

Vê-se, pois, que não eram os paulistas os mais rebeldes ao governo da metropole, mas sim os portuguezes. Todavia não era em todos os pontos das minas que isto succedia; isolados e dispersos como andavam os diversos grupos de uma e outra origem, por tão vasta extensão, não podia haver entre elles uma combinação geral, e nem sempre eram os paulistas os vassallos fieis, nem os emboabas os revoltosos; mesmo em uma ou outra localidade se congraçaram sem se dar entre elles a menor sizania, como se verá no decurso desta narrativa.

Ali bem ao pé do serro, junto a um rancho coberto de capim e de beira no chão, sentados sobre a relva, em um dia de novembro de 1709, achavam-se tres vultos que conversavam entre si em tom grave, sombrio e mysterioso.

Estes tres personagens divergiam essencialmente entre si na côr, no trajo e na physionomia. O que se achava collocado entre os dois era um joven de cor branca, e, posto que com a tez bastante tisnada pelos rigores do sol tropical, mostrava pelas feições nobres, regulares e caucasianas, que em suas veias girava sem mescla sangue europeu, talvez andaluz ou castelhano. Estava todo vestido de couro de veado e trazia na cabeça um largo sombreiro de palha de coqueiro; tinha por armas um punhal com guarnições de prata, uma escopeta e uma pistola de dois tiros. Em sua physionomia resumbrava um certo ar de sombrio abatimento. O outro era um indio, tambem moço que no rosto e no olhar tinha uma expressão franca, audaz e resoluta; vestia os restos esfarrapados de uma camisa e calção tecido de algodão grosso. Trazia no cinto uma comprida faca de matto e jaziam-lhe ao lado, sobre a relva, um reforçado arco e um feixe de flechas.

O terceiro, um preto de estatura agigantada, algum tanto mais edoso que seus comparsas, mas que parecia ser tanto ou mais agil e robusto que os outros. Os nedios e espadaudos hombros nús luziam-lhe ao sol como ebano brunido; trazia como unica vestimenta um saiote ou tanga de couro de onça que da cintura lhe descia até um pouco abaixo dos joelhos. Suas feições energicas e pronunciadas nada tinham da grosseria e irregularidade africana e indicavam pertencer elle a essa raça mina, cujo typo em nada diverge do arabe ou do musulmano, senão na côr da pelle ou no encarapinhado dos cabellos. Como armas, uma faca de ponta e uma comprida azagaia munida de aguda choupa de uma madeira tão rija como o ferro. Mais ao longe, em distancia de uns duzentos passos, se divisava, remoinhando, um grupo confuso de vinte e tantos a trinta homens, em porte, feições, traje e armamento tão originaes e divergentes entre si, como os tres que acabamos de descrever.

O leitor naturalmente pensará que essa tropilha não é mais do que um bando desses exploradores ou bandeireiros que percorrem os sertões, affrontando todos os perigos, sujeitando-se a todo genero de privações para descobrir jazidas de ouro ou pedras preciosas; e nem outra cousa é de presumir.

Ouçamos o dialogo que entre si travam os tres personagens de que acima nos occupamos, e veremos até que ponto póde ser exacta a nossa conjectura.

— Itapema — disse o branco, dirigindo-se ao caboclo, — estou quasi a desesperar. Ha mais de quatro mezes que andamos foragidos por estes er-

mos e nada conseguimos, nem gente, nem ouro.

— Si quer que lhe falle verdade, patrão, — respondeu o bugre, — nós não fizemos bem em vir para tão longe. Lá mesmo pelas redondezas de S. João d'El Rey, hoje mais perto, amanhã mais longe do arraial, se podia ter arranjado gente para dar cabo daquelle maldito Capitão-mór e toda a sua grey.

— Mas, Itapema, e minha cabeça a premio? E os agentes assassinos, a quem prometteram quantos mil cruzados?... já nem me lembro...

— Vinte, patrão.

— Ah! bem vês... por aquellas immediações todos me conhecem perfeitamente e não haveria disfarce que pudesse me livrar do punhal dos perfidos e aváros assassinos, e eu não quero morrer sem me justificar aos olhos de Leonor, sem desmascarar o infame Fernando e salval-a, vingando-me delle.

— Sim, patrão; mas mesmo para isso, não teria sido melhor ficar por lá, mais perto?... ao menos poderiamos ter noticias de nossa gente que lá ficou nas unhas do Capitão-Mór e do maldito Fernando; de D. Leonor, de minha Indahyba, de mestre Bueno... quem sabe o que será feito delles?!...

— Sim, meu amigo; esta incerteza da sorte das pessoas a quem tanto amamos, por quem temos feito tantos sacrificios, é sem duvida mais um martyrio cruel; mas por lá, nos dominios do Capitão-Mór, a vigilancia deve ser extrema, e, antes que pudessemos arranjar meios de fazer frente a elles, e exigirmos com as armas na mão aquillo que, bem podemos dizer, é nosso, que constitue nosso cabedal, nossa ventura e nossa paz, tinhamos necessariamente de ser victimas de alguma emboscada bem armada, ou de alguma traição.

— Ah! meu branco! — exclamou o negro, erguendo o corpo musculoso e firmando-se na azagaia arrimada ao chão. Para que a gente ha de estar aqui agora a scismar no que já se passou e a lastimar atôa a sorte da gente que lá ficou nas mãos daquelles malditos? O que está feito, está feito. Uma vez que estamos aqui, vamos ver se ajuntamos gente. Estamos em Villa-Rica; sempre eu hei de encontrar algum malungo meu, que me queira acompanhar...

— E eu aposto, replicou vivamente o bugre, que, pelo menos, uns vinte dos meus irmãos do matto posso arranjar; e com mais vinte ou trinta pessoas podemos bem avançar para S. João d'El-Rey, ficando por minha conta amarrar toda aquella corja de emboabas.

— Não é tão facil como suppõem, meus amigos. Tenho grande confiança na amizade e dedicação de ambos, mas é preciso pensar...

— Pensar em que, Senhor Mauricio? — falou com soffreguidão o indio.

— Mauricio!... Não te lembras que não deves pronunciar esse nome!... não te esqueças, eu me chamo Gaspar e tu Itauby...

— E' verdade, patrão, tinha me esquecido.

— E eu, todos me conhecem por Joaquim; mas agora se não me chamarem Zamby, eu não acudo.

— E' preciso fazer-vos sempre esta advertencia.

— Certo; mas daqui em diante não havemos de esquecer mais.

— Pelas bandas de Sabará e Cathé nada pudemos conseguir; Nunes Vianna ali persegue os meus patricios e os enxota como a féras do matto e foi-nos preciso fugir de lá, como fugimos de S. João d'El-Rey. Em Itave-

rava, onde eu esperava encontrar Amador Bueno, que de certo nos prestaria auxilio contra o inimigo commum, não encontramos ninguem. Queira Deus que o mesmo não nos aconteça em Villa Rica.

— Pois bem, — disse Gaspar, eu parto agora mesmo para Ouro Preto, que fica a mais de tres leguas de distancia; vou sondar os animos e ver se posso obter ahi com o Padre Faria e Antonio Dias, que são paulistas, o que não pudemos arranjar em Sabará, Caethé e Itaverava.

— Mas, porque ha de ir sozinho, patrão? O patrão bem sabe que nasci nestas serras e, posto que sahisse daqui pequenino, ainda me lembro de tudo isto palmo a palmo. Quero ir com o patrão.

— Não é preciso, Itauby, eu tambem já por aqui andei e conheço bem estes sertões. Tu e Zamby levai nossa gente para o alto desse morro. Costeando pela esquerda ha caminho muito bom para lá subir...

— Oh! bem estou me lembrando, patrão! Ha lá emcima uma extensa campina e uma grande lagôa, caça, pesca com fartura e muito palmito pelas beiras do morro. Lá ficaremos ás mil maravilhas.

— Tanto melhor, Itauby. Desse ponto, tu, com Zamby, bem pódes encontrar, em tuas sahidas para caçar e procurar palmitos, alguma gente, alguns dos teus parentes do matto que rodam por estas montanhas; procura angarial-os... Não preciso te dizer mais nada senão que é necessario muito cuidado para que nenhum da nossa gente deserte.

— Não tenha susto, patrão; deixe tudo por nossa conta e se Deus nos ajudar, o patrão ha de achar mais alguem no nosso rancho.

— A vosso respeito, meus amigos, eu vou com o coração bem apegado; mas não sei o que me succederá lá pelo Ouro Preto.

— Oh! patrão; se acha que corre algum perigo, porque vai sozinho? porque não vamos todos?

— Perigo serio não ha contra a minha pessoa; os que lá governam são paulistas e meus conhecidos; mas tenho pouca esperança em seu auxilio.

— Nesse caso, é melhor ficar comnosco; vamos procurar só gente do matto.

— Não. Meu brancos, vá sempre; para ajuntar gente do matto nós dois chegamos.

D'ahi a momentos, a pequena tropilha se poz em movimento, e, depois de costear a ponta oriental do serrote, aquelle bando de homens tomou a esquerda, subindo por uma encosta bastante ingreme, mas muito accessivel, em procura de palmito, emquanto Mauricio, guiando-se mais pelo rumo, pelas vertentes e serros desse paiz que já conhecia, do que pelos mal abertos trilhos e confusas veredas que então existiam, se dirigia para Ouro Preto.

Estas paragens eram, ainda, inhospitos e incultos sertões onde apenas se divisavam, aqui e além disseminados, alguns começos de toscas povoações e alguns fracos vestigios da passagem dos inquietos e vagabundos exploradores, que as percorriam em procura de ouro e pedras preciosas.

Já nesse tempo Antonio Dias e o padre Faria lançavam os fundamentos de Villa Rica nos bairros que até hoje conservam os nomes dos dous illustres paulistas e onde existem ainda as venerandas reliquias daquella epocha.

Então o pequeno valle, que é hoje atravessado pela estrada que communica Ouro Preto com a Côrte, era um recesso escuro e ignorado.

CAPITULO II

O bandido que havia partido do Itatiaya ás duas horas da tarde chegara a Ouro Preto ainda não era sol posto. Quando, havia oito annos, ahi estivera pela primeira vez, começavam apenas a desbastar o solo de bastas e emaranhadas florestas que o cobriam, e apenas aqui e acolá via-se uma arranchação pendurada dos alcantis, ou quasi sumida no fundo dos grotões e alguns acervos de cascalho e esmeril pela beira dos corregos.

Ao chegar ahi o bandido, a tarde estava morna, serena e radiante, mas não silenciosa. O echo refrangia pelas quebradas das montanhas os ultimos golpes do almocafre e do alvião entre alegres vozerias. Avisinhava-se a hora em que os trabalhadores, largando o serviço, punham as ferramentas ao hombro e se recolhiam ás suas habitações, cantando ou conversando alegremente.

As falas do povo, que palrava e cantarolava, casavam-se admiravelmente com o marulhar das aguas dos ribeiros que chocalhavam brincando e enredando-se entre o cascalho. Grandes borboletas azues e brancas esvoaçavam como flores volantes, pairando e pousando sobre as areias alvas e scintillantes das praias.

Andando por entre essas turmas, o bandido via ali uma casa que se construia, acolá os alicerces de um templo e de outros edificios que até hoje são notaveis, senão pela grandeza e elegancia, ao menos pela solidez da construcção e pela superior qnalidade dos materiaes empregados.

O bandido passava maravilhado por entre esses grupos que trabalhavam, alegres e descuidosos, e notava o vivo contraste que apresentava no aspecto daquelle descoberto comparado com o de S. João d'El-Rey, onde os trabalhadoras, livres ou escravos, taciturnos e cabisbaixos, pareciam manejar contra a vontade a ferramenta e, em vez de cantiga alegre e algazarras, murmuravam a meia voz queixas e maldições.

E' que em Villa Rica não tinha lavrado a sizania que separava paulistas e portuguezes, e ambos os grupos congraçados lavravam o mesmo solo sem rivalidades odiosas, sendo qualquer conflicto, que porventura entre elles surgisse, logo terminado com prudencia e espirito de justiça pelos dous illustres chefes paulistas, a quem todos acatavam.

De facto, Antonio Dias e o padre Faria, como todos os outros chefes e descobridores, governavam com poder absoluto essas colonias, que, sem leis nem auctoridades, separadas por longas distancias e invios sertões dos centros administrativos, viviam quasi como em regimen patriarchal; e, portanto, não é para admirar que das boas ou más qualidades de seus chefes dependessem, muitas vezes, a paz e a prosperidade desses nascentes povoados.

Gaspar, com ar sombrio e abatido, abeirando os corregos, ora encontrando, ora mesclando-se com diversos grupos de trabalhadores que se recolhiam, em todas as direcções, procurava em vão achar alguma pessoa conhecida, paulista ou emboaba, bugre ou negro.

Por fim, enxerga um indio velho, que se achava em companhia de um moço da mesma raça e que, longe de acompanharem a alegria geral, se tinham deixado ficar assentados ao la-

do um do outro, como que conversando tristemente.

Pelo caminho, Gaspar ia monologando comsigo: — Aqui tudo está satisfeito e contente; não acho companheiro. Aqui ha paz e alegria, não é como em S. João d'El-Rey.

Quando, pois, encontrou os dous bugres, cujo ar de descontentamento se harmonizava com a situação do seu espirito, dirigiu-se affoutamente a elles.

Gaspar conhecia algum tanto a lingua indigena e em um dialecto misturado pediu que lhe ensinassem a casa do Padre Faria.

— Somos de lá, — respondeu o velho — e estamos descançando um pouco para nos recolhermos.

O indio velho respondeu em tão bom portuguez, que Gaspar ficou maravilhado, começando, portanto, a falar com elle a lingua portugueza sem mescla de indianismo.

— Quero que me conduzas á casa delle.

— Daqui até lá não tem nem um quarto de legua — podemos ir conversando pelo caminho.

— Pois vamos.

O indio pegou em sua ferramenta, o alvião, o almocafre e o carumbé, o filho fez outrotanto e puzeram-se os tres a caminho, Gaspar, o bugre velho e o moço.

Gaspar que marchava atraz, observando-os com attenção, notou que tanto um como outro traziam ao pescoço, em vez dos enfeites selvaticos, rosarios e bentinhos; comprehendeu que eram já cathechizados e christãos e tratou de entabolar conversação com elles.

— Então, como te chamas, meu velho.

— Quando estava com os meus companheiros do matto me chamavam Tacapemba, e a este colomim, que é meu filho, Jurucy. Mas sinhô Padre Faria quando nos baptizou, me botou nome de José e a este o de Francisco.

— Ha muito tempo que estão em poder dos brancos?

— Ha muito mais de dez annos.

— Já deviam estar acostumados a servil-os; mas pelo ar de abatimento em que os vejo, parece-me não estarem tão satisfeitos como os outros trabalhadores deste povoado.

— Que quer, meu branco? a edade é muita e eu tenho padecido tanto!...

— Pois o Padre Faria não os trata bem?

— Muito bem; o sinhô Padre é um santo homem e nos trata muito bem, mas uns malvados emboabas, que nos agarraram no matto á traição, a mim, a minha mulher e a meus colomins, que eram quatro, mataram o mais velho que procurou resistir; a menina, que já era grandinha, foi dada a um perro de paulista velho que, em pouco tempo, a poder de maldade, enviou a pobrezinha para o outro mundo .O segundo, que era um rapazito muito vivo e muito bomzinho, foi enviado para longe, para S. Paulo do Piratininga; e, por mais que me diga o sinhô Padre que elle está lá muito bem arranjado, com um patrão muito bom, assim mesmo meu coração não fica socegado. Elle era o mimo, o regalo de minha pobre companheira, que a semana passada deu a alma a Deus! Coitada! Tão desconsolada por não ver o filho! Ah! meu Deus!... estou vendo que tambem vou morrer sem enxergar mais o meu colomim.

Gaspar escutava commovido as palavras do velho indigena, que não pareciam sahir dos labios de um selvagem cathechizado já em edade avançada, mas, sim, de um velho christão que desd'o berço professára a religião do Crucificado. Percebeu que o des-

venturado pae de familia enxugava furtivamente com a palma da mão, ao proferir aquellas palavras tão repassadas de dó e sentimento, umas lagrimas escassas, que lhe brotavam dos olhos quasi exhaustos e, sulcando-lhe as faces, nella se embebiam como gottas de chuva pelos rigores da secca.

Emquanto Gaspar, enternecido, maravilhava-se de ver em um filho daquellas barbaras e incultas regiões uma alma tão affectuosa e bem formada como a do velho caboclo, uma supposição, luminosa e rapida como um meteóro, lhe atravessou o espirito.

— E como se chamava esse teu filho? perguntou com soffreguidão.

— Chamava-se Itauby; mas de certo por lá já lhe deram outro nome.

— Que feliz achado!... — murmurou comsigo Gaspar — é o pae do meu Antonio!...

— Pois socega teu coração, meu bom velho, — continuou em voz alta, — quando quizeres, tu poderás ver teu filho.

— Como?... quando? exclamou o bugre em alegre sobresalto.

— Não te posso dizer ainda; mas póde ser isso com mais facilidade e mais depressa do que imaginas.

— Qual! murmurou o velho abanando a cabeça com incredulidade — já estou muito velho. E dizem-me que Piratininga é muito longe; e morrerei antes de lá chegar.

— Mas, elle póde vir cá.

— Ah! isso sim!... mas elle, coitado, nem sabe onde estou, nem si sou vivo ou morto...

— Tem esperança, meu bom velho; deixa tudo isso por minha conta. Eu sou de S. Paulo de Piratininga e conheço muito teu filho; não has de morrer sem vel-o e sem deitar-lhe ainda muitas vezes a tua benção. Mas, por agora, apressemo-nos a chegar á casa do Padre Faria; estou impaciente por falar-lhe hoje mesmo sobre negocio da maior importancia.

Esperançado com as palavras de Gaspar, o indio sentiu novo alento dilatar-lhe o peito alquebrado, accelerou os passos, impaciente e ancioso por ter occasião de ouvir da bocca do forasteiro noticias mais circumstanciadas de seu filho. Gaspar, por seu lado, exultava dentro d'alma com aquelle encontro tão propicio, pois não lhe restava no espirito a menor duvida de que aquelle velho selvagem era o pae do joven indio que vimos a seu lado junto á serra do Itatiaya.

Escravo ou camarada do padre Faria, pessoa nenhuma se achava em melhores circumstancias para conduzil-o á presença daquelle veneravel sacerdote, cuja virtude e sabedoria eram apregoadas e exaltadas por todas as boccas naquella redondeza. A idéa, porém, que mais lhe sorria era a esperança de encontrar nelle e em seu filho o mais poderoso auxiliar para angariar por aquellas paragens mais alguma gente afim de reforçar o grupo de que dispunha, grupo ainda tão fraco em vista da arriscada empreza em que pretendia aventurar-se contra os emboadas de S. João d'El-Rey. Parecia-lhe fóra de toda duvida que o velho bugre, descontente da sua sorte com os brancos e ancioso por ver seu filho, não hesitaria um momento em abandonar o padre Faria e associar-se a elle, levando o outro filho, arrebanhando parentes e conhecidos que, sem duvida, os teria muitos por aquellas brenhas.

Itauby sahira de dez annos daquellas paragens, onde nascera e, por certo, não teria senão mui confusa recordação das localidades e das pessoas de que vivia separado desd'a infancia; mas, reunido ao pae e ao ir-

não, com a dedicação illimitada que votava a Gaspar, e com a resolução, força, coragem, tino e perspicacia de que era dotado, poderia, por certo, em pouco tempo, fornecer-lhe um valioso contigente. Parecia-lhe certo que Antonio não o abandonaria jamais para ficar em companhia do pae, que mal conhecia, em tranquillo e ignobil captiveiro; e não só a extrema amizade e dedicação que o indio lhe votava, como principalmente o amor que votava a india Indayba, que ficára prisioneira em S. João d'El-Rey em poder do capitão-mór, tambem eram garantia mais que segura ainda, se é possivel, que Itauby jámais o abandonaria e não deixaria por motivo nenhum de acompanhal-o a S. João d'El-Rey. Era mais provavel, sem duvida, que o velho indio, em vista da saudade e affecto que mostrava pelo filho que perdera, e do descontentamento em que vivia, não hesitaria em acompanhal-o por toda a parte.

Gaspar, mui de proposito, não quiz revelar ao velho que seu filho se achava ali bem perto, apenas a duas leguas de distancia; a soffreguidão do pae para tornar a ver o filho, cuja perda tanto lastimava, o faria talvez lá ir procural-o immediatamente, e não lhe convinha que se divulgasse a sua chegada áquelles sertões com o bando que capitaneava. Reservava-se para, em occasião mais azada, conversar largamente com elle e sondar melhor a disposição de seu animo.

Reflectindo assim, Gaspar e os dois indios treparam silenciosamente uma extensa ladeira que vae á eminencia que hoje se chama — Alto da Cruz.

Descambando do Alto da Cruz, os tres caminheiros desceram por um ingreme declive para o fundo de um estreito e sombrio valle, onde estavam as casas e os estabelecimentos do padre Faria, paulista natural da Ilha de S. Vicente, que penetrara nas Minas e ali viera se estabelecer com uma bandeira, da qual era elle ao mesmo tempo o chefe e o capellão. Viera pouco tempo depois do seu conterraneo Antonio Dias, que se achava estabelecido no bairro que tambem até hoje conserva o nome de seu fundador.

Havia já nove para dez annos que os dois illustres paulistas, com razão considerados os fundadores da Capital de Minas, se tinham ali estabelecido, e, entretanto, como é natural, a povoação nascente apresentava mais o aspecto de um acampamento provisorio e temporario do que os delineamentos e planos para uma futura cidade. E esse desalinho e falta de symetria nos edificios persistiu e veiu a dar á cidade de Ouro Preto, além do accidentado do terreno, o privilegio de ser a mais irregular de todo o mundo.

Todavia já nesse tempo o bairro do padre Faria, que era então o nucleo principal do extenso povoado, apresentava certos visos de uma aldeia mais ou menos regular.

Graças aos esforços, actividade e boa vontade de seu fundador, já ahi se achava erecta a pequena capella que até hoje existe, solidamente construida de pedra e cal, tendo em frente uma grande cruz de pedra. A casa do padre Faria era vizinha á capella e, como esta, pequena, mas construida com solidez; os moveis asseiados, de jacarandá preto, modelados segundo o gosto da epocha por artifices que comsigo trouxera.

Faria não escravisava os indios; provavelmente *filiado* á companhia de Jesus, como eram quasi todos os sacerdotes daquella epocha, não só por indole, como por espirito de disciplina, os protegia; era um eloquente pregador e um grande cathechista.

O seu arraial compunha-se de grande numero de familias indigenas por elle cathechizadas. Tinha lavras de que tirava grandes cabedaes mas não se locupletava; empregava os rendimentos em beneficio da cathechese, em alfaias e ornamentos para a capella e em outros muitos actos de caridade. Era um verdadeiro patriarcha no meio de sua tribu pacifica e laboriosa.

Chegados á casa do padre, o velho indigena deixou á porta Gaspar com seu filho e penetrou no interior da habitação. Dahi a momentos voltou com o padre, o qual veiu á porta e guiou seu hospede á pequena sala modestamente mobiliada com algumas cadeiras de jacarandá, de assento de sola lavrada, e uma mesa da mesma madeira, sobre a qual ardiam duas velas de cera amarella cravadas em grandes castiçaes de prata, em frente de um bonito oratorio, o que tudo dava áquelle recinto ares mais de sacristia do que de sala de visita.

O padre era homem de uns cincoenta annos, de porte mediano, compleição vigorosa, physionomia intelligente e expressiva; apezar da simplicidade do seu trajo, de suas maneiras lhanas e affaveis, tinha em seu olhar um não sei que de grave e severo que incutia respeito e ante o qual Gaspar não deixou de sentir-se impressionado.

— Tenho muito prazer todas as vezes que hospedo em minha casa um patricio, — disse o padre ao desconhecido, depois dos primeiros cumprimentos.

— Ao que parece, V. Mercê anda foragido; talvez seja um desses infelizes a quem persegue o sr. Nunes Vianna, esse homem fatal que não quer prestar obediencia ás leis do reino. Pode estar certo que aqui ha de achar não só refugio e abrigo seguro, como tambem meios faceis de fazer fortuna, si quizer trabalhar. Não estamos em desavença com ninguem, mercê de Deus, nem mesmo com os gentios; obedecemos de boa vontade ás ordens d'El-Rei e pagamos de bom grado o tributo que lhe é devido. Paz e trabalho é a nossa divisa.

Este introito acabou de desconcertar Gaspar, que ali não vinha com nenhuma intenção pacifica nem vontade de estabelecer-se, mas sim com o interesse de agenciar auxilio e gente para uma resistencia á mão armada contra os oppressores dos paulistas em S. João d'El-Rey. Pareceu-lhe que aquellas palavras eram dictadas pelo receio que, porventura, lhe inspirava o seu traje quasi selvatico; e que sua chegada sem comitiva alguma e o ar sombrio e merencorio, que em vão procurava dissimular, despertavam desconfianças no espirito do padre.

Conservou-se mudo por alguns instantes, perplexo, sem atinar com o que deveria responder.

— Emfim, — continuou o sacerdote, como para provocar uma resposta do seu hospede, — estou ancioso por saber quem é e o que pretende deste velho servo de Deus, que está prompto para o seu serviço em tudo que não offenda a lei divina nem a de El-Rei, nosso Senhor.

As palavras do padre cada vez mais confundiam e desalentavam o misero Gaspar. Dir-se-hia que já tinha advinhado quem era elle e que as intenções com que vinha já lhe tinham sido denunciadas.

— Minha cabeça vále mil dobras e ha centenas de caçadores que a procuram e a cobiçam com mais avidez do que o mineiro que esfuraca a terra em busca de ouro ou do diamante. Mas ai delles! antes que recebam o preço de minha cabeça hão de provar a força

de meu braço, — pensava elle comsigo. Não tinha razão para pensar assim porque se achava entre bons e leaes paulistas, os quaes, ainda mesmo que tivessem noticia de quem elle era, e da perigosa e precaria situação em que se achava, seriam incapazes de trahil-o. A hesitação e o embaraço de Gaspar duraram poucos momentos. A dissimulação repugnava ao seu caracter franco e resoluto; comprehendeu que muito tardava em se explicar.

— Não venho aqui perseguido por Nunes Vianna, senhor padre, e nem tão pouco vim procurar estabelecer-me aqui com o fim de enriquecer-me. As minhas circumstancias são bem differentes do que pensa Vossa Reverendissima; mas para que dê conta dos motivos que me trazem a Ouro Preto e á presença de Vossa Reverendissima, é preciso que narre e explique por miudo os graves acontecimentos que se deram, ha perto de um mez, em S. João d'El-Rey, nos quaes tomei grande parte.

— Ah! — exclamou o padre com grande curiosidade, — já por aqui tinhamos tido uma leve noticia de que por lá houve grandes disturbios e muita mortandade. Muito desejo tenho de saber de sua bocca o que lá houve, visto que diz ter tomado parte nesse movimento ou levante.

— Tomei parte, sim, senhor padre, e parte bem importante e é por isso que me vejo foragido e minha cabeça posta a premio por mil dobras!

— Oh! que horror!... isso é deploravel! Pois V. Mercê acaso commetteria crimes que...

— Tranquillize-se, senhor padre; não é um criminoso que tem em sua presença. A parte que tomei nesse disturbio não foi de um bandido feroz, nem de um vassallo revoltoso; foi pelo contrario impellido por fatal necessidade e circumstancias quasi incriveis que me vi forçado a envolver-me nesse horrivel conflicto para conciliar os espiritos, poupar sangue e proteger a pessoa do capitão-mór e sua familia. Não pude conseguil-o e eis a razão porque me vejo proscripto e perseguido.

A bella presença de Gaspar, o tom respeitoso, mas de nobre seguridade com que falava, produziram logo forte impressão no espirito do padre Faria, subindo de ponto sua curiosidade.

— Ha de contar-me a sua historia, não é assim, meu amigo? disse dirigindo-se ao forasteiro em tom affectuoso.

— Sem duvida, senhor padre; e isso até me é indispensavel, afim de que Vossa Reverendissima fique sciente dos motivos que me trazem hoje a sua presença; mas a historia não deixa de ser um pouco longa, e receio incommodar Vossa Reverendisisma a estas horas com a narração de acontecimentos que em nada lhe podem interessar.

— Por que não? — interrompeu vivamente o padre — tudo que diz respeito á sorte dos paulistas que têm vindo a estas minas, me interessa grandemente. Pode contar-me sua historia sem o menor receio de importunar-me.

— Mas além disso, senhor padre, eu desejaria contar-lhe essa historia em occasião em que ninguem pudesse me escutar. Bem comprehende quanto é melindrosa e arriscada a minha situação; a narração dos acontecimentos que desejo fazer-lhe é como uma especie de confissão que venho confiar aos ouvidos de um veneravel e virtuoso sacerdote, debaixo de todo o sigillo.

— Comprehendo. Não instarei mais por hoje; tambem Vossa Mercê deve estar fatigado. Vá descançar que amanhã pela manhã lhe proporcionarei meios de contar-me a sua historia sem receio de ser ouvido. O indio velho que aqui o trouxe vae lhe dar ceia e aposento. Até amanhã.

CAPITULO III

Gaspar, a despeito das preoccupações que lhe agitavam o espirito, dormiu profundamente essa noite. Para isso contribuiram não só as longas fadigas da escabrosa vida de foragido que ha dous mezes levava, como tambem o tranquillo e confortavel aposento, o leito quente e macio como por certo nunca encontrara em seu errar por brenhas e montanhas. Este somno reparador foi-lhe muito util para fortalecer o corpo e vigorar o espirito, tão quebrantado pelas vigilias, privações e fadigas de dous mezes de uma vida fragueira, inquieta e rodeada de continuos perigos e sobresaltos. O indio velho que guiara Gaspar á casa do padre Faria, nesse dia não quizera ir ao serviço de mineração; estava ancioso por saber da sorte de seu filho de quem Gaspar na vespera lhe dera noticias vagas, que lhe alvoroçaram o coração de curiosidade e esperança.

Desde que se levantou, Gaspar não o perdeu mais de vista.

O padre, logo ao romper do dia, como era seu costume, tinha ido dizer missa na Capella visinha de que já falamos. O bugre querendo aproveitar de sua ausencia para colher de Gaspar informações mais minuciosas a respeito do filho, logo que se lhe apresentou occasião, acercou-se do hospede e, com um gesto, sem dizer palavra, postando-se diante delle, fitou-o com certo olhar tão significativo e supplicante, que Gaspar logo lhe comprehendeu o sentido interrogativo.

— Queres saber de teu filho, não é assim, meu velho? — disse Gaspar. Posso te afiançar que não está longe, e que amanhã, mesmo hoje, poderás vel-o, si quizeres me acompanhar.

— Pois se elle está tão perto, porque não póde vir cá?... disse o indio sacudindo a cabeça.

— Logo saberás o motivo; nada te poderei dizer emquanto não conversar com teu amo; mas si quizeres, já t'o disse, amanhã mesmo poderás ver teu filho.

— Pois sim, branco, eu vou; preciso ver meu filho antes de morrer; eu vou, sim, mas com elle ou sem elle, tenho de voltar; Deus não quer que eu largue a companhia de meu patrão.

— Farás o que quizeres, mas talvez te resolvas a ir commigo e com teus dous filhos para as bandas de S. Paulo de Piratininga.

— Isso nunca, meu branco. Estou velho e cansado, já não presto para nada; devo morrer mesmo nestas serras onde nasci e quem me baptisou é quem me ha de enterrar...

— E quem foi que te baptisou?

— Pois não sabe?... quem mais poderia ser? Quem me baptisou a mim, a minha defunta e os meus filhos todos foi... aquelle santo homem que lá vem.

Era o padre Faria que sahia da Capella e se recolhia á casa.

O bugre retirou-se e Gaspar ficou á espera do seu hospedeiro.

— Depois de almoçar iremos dar um

passeio por estes arredores — disse o padre — e então teremos occasião de conversar sem testemunhas.

De feito, depois do almoço, que foi frugal, mas succulento, o padre conduziu o mancebo beirando o longo de um corrego, por entre montes de cascalho já apurados e serviços abandonados, até a um recesso semicircular, uma especie de gruta descoberta, onde penetrava a luz de um formoso dia, formada por um grupo de massiças rochas, e tapizada de tenra relva macia. Era, emfim, um recanto mysterioso que serviria maravilhosamente de *rendez-vous* para entrevistas e confidencias amorósas mas que ia agora ouvir horriveis e sinistras revelações de um bandido.

A seus pés murmurava brandamente, a alguns passos de distancia, o regato que vieram bordejando e que descia saltitando por entre alvas areias e cascalho; por cima, uns arbustos florescidos meneavam-se brandamente ao sopro da viração que entornava de vez em quando algumas petalas cheirosas sobre elles e sobre a relva macia em que se reclinaram.

Era um pequeno e delicioso scenario, mais proprio para servir de esconderijo ás confidencias de um amor feliz do que para as sombrias revelações que o leitor vai escutar.

Sentados alli sobre a relva, Gaspar começou assim sua narração.

— Em primeiro logar, meu reverendo padre, devo declarar-lhe que o meu verdadeiro nome não é Gaspar, mas, sim, Mauricio, o nome que recebi na pia da Sé em S. Paulo de Piratininga. Si uso de outro nome, é por motivos que Vossa Reverendissima ficará sabendo depois que ouvir a historia dos acontecimentos que lhe vou contar.

Espero que depois que V. Reverendissima me tiver escutado, não me terá em conta de um aventureiro ambicioso e sem coração, nem de um vassalo rebelde que não quer sujeitar-se ás leis e ao dominio de El-Rey, nosso senhor.

Si vivo foragido e perseguido como uma féra, não é por crimes que eu tenha commettido, mas por circumstancias de acontecimentos extraordinarios em que me vi envolvido em S. João d'El-Rey. Mas, para esse fim, me é preciso contar-lhe a minha historia com muitas minudencias e particularidades e muito receio tomar a V. Reverendissima um tempo precioso, incommodando-o com uma longa narrativa.

— Não lhe dê isso cuidados, senhor Mauricio; conte-me, tudo muito por miudo, que com isso em vez de incommodar-me, dar-me-á grande satisfação. Si não puder terminar agora, deixará o resto para a tarde, e, si ainda lhe ficar alguma cousa a dizer, deixaremos para o dia de amanhã.

Mauricio narrou ao Padre Faria detalhadamente toda sua vida, como fôra creado em casa do Capitão-Mór, Diogo Mendes, a cuja filha, Leonor dedicara o maior affecto, nascido entre os brincos infantis e calorosamente correspondido. Descreveu seu respeito filial ao velho fidalgo emboaba e a paz socegada que fruiram até o dia em que chegou do reino um sobrinho de Diogo Mendes, Fernando, homem de maus instinctos que ambicionou o dote e a formosura de Leonor que, repellindo sua côrte, despertou seus instinctos maldosos. Espirito mesquinho e vingativo, comprehendeu a razão do desdem de Leonor, e estabelecendo a sizania na casa, acirrado

o seu rancor pelo ciume, abusava da confiança do Capitão-Mór determinando perseguições injustas de que resultou um ataque á fazenda. Obrigado pelo seu rival a sahir do lar em que vivera tantos annos, alvo das intrigas e machinações de Fernando, que uelle se desforrava do desdem de sua prima, vira-se envolvido na refrega, em que tomara o partido de defender o Capitão-Mór e os seus sem atacar os companheiros e patricios. Por isso, no delirio do morticinio a que a raiva conduzira os atacantes, assumira attitudes que a todos pareceria de um traidor. Obrigado a escapar á sanha de Fernando, mal tivera tempo de entrever Leonor e dizer-lhe rapidas palavras que nada explicavam, para que não o julgasse covarde. Na fuga, simulara no caminho uma sepultura junto á qual deixara seu chapeu e sua faca para que o tivessem como morto. Seus irmãos de infortunio, Calixto, de quem não sabia o paradeiro, e Antonio, que o acompanhava, tinhám lá na fazenda do Capitão-Mór aquellas que preoccupavam seus corações mocos: — Helena e Indahyba, esta filha do velho cacique Irabussu', e aquella do bondoso ferreiro paulista mestre Bueno. Era preciso salval-as, arrancal-as do poder de Fernando, cuja perversidade de tudo era capaz... Queria rehabilitar-se ante Leonor da pécha de traição que certamente lhe fôra inculcada e que na apparencia os factos justificavam, esclarecel-a sobre a morte de seu joven irmão Affonso, que ferira mortalmente quando unicamente pretendera desarmal-o e zelar pela sua vida afastando-o do combate. Para isso só havia um recurso: — nova expedição á fazenda do Capitão-Mór, o que o puzera a caminho de Ouro Preto...

Neste ponto batia meio dia na capella; o padre Faria interrompeu Mauricio.

— E' tempo de ir ensinar a doutrina a meus cathecumenos, depois do que irei revistar os serviços de mineração e algumas obras que estamos fazendo. A' tarde, V. Mercê poderá continuar a relação de sua historia que muito está me interesasndo. Se não quizer acompanhar-me pode ficar em nossa casa; lá achará o indio velho que o conduziu, o qual o servirá em tudo que lhe for mister.

Bem desejava Mauricio acompanhar o sacerdote na dupla faina de colher almas para a religião do crucificado e ouro que assegurasse a prosperidade de sua nascente colonia... porém, maior era o interesse que tinha em achar-se a sós, dispondo de tempo para conversar largamente e em plena liberdade com o velho pae de Antonio. Si conseguisse chamar a si o velho chefe de tribu que ainda contava por aquellas brenhas em derredor numerosos arcos, promptos a acompanhal-o a toda parte, a um aceno seu, poderia marchar sobre S. João d'El-Rey com boas esperanças do feliz exito de sua empreza.

O padre foi para a egreja e Mauricio para casa. Nesse intuito contou ao velho chefe indigena a historia de seu filho e a amizade que entre elles existia, fazendo-lhe as mais seductoras promessas afim de o conjurar a acompanhal-o a S. João d'El Rey com seus dous filhos, e reunir os restos de sua tribu, espalhados pelo matto. Nada poude obter do velho sinão a promessa de ir ter com Itauby no dia em que Mauricio voltasse a Itatiaya. Desanimado, Mauricio contentou-se com essa promessa.

CAPITULO IV

A' tarde, depois do jantar, Mauricio continuou, mesmo em casa do padre, sua narrativa, a qual terminou pela noite.

— Agora vejo, depois do que acaba de me contar, que são bem tristes, bem complicadas e crueis as circumstancias em que V. Mercê se vê enredado. Eis ahi em que dão estes amores tão faceis quão impossiveis, que se contrahem na meninice. Devia ter comprimido, desd'a nascença, essa fatal inclinação.

— Devia, bem o sei; mas, meu pae, o calculo e a reflexão são cousas que se não compadecem com o amor e a mocidade.

E' isso uma triste e pura verdade — disse com amargo sorriso o padre — mas vejamos o que pretende agora V. Mercê fazer.

— Pelo que acabo de lhe expor, vê Vossa Reverendissima que me é forçoso já não tanto obter uma felicidade a que aspirei ardentemente e que talvez jamais poderei alcançar, por não ser digno della, mas lavar meu nome da nodoa de traição que o mancha em S. João d'El-Rey, tanto perante meus patricios como perante o capitão-mór e sua filha; e, para chegar até a presença do capitão-mór, me é preciso abrir caminho á mão armada.

— Mas, V. Mercê com um coração tão bem formado, quererá levar a guerra, a devastaação, o sangue á habitação de seu bemfeitor?...

— Não, de certo; mas si Vossa Reverendissima deu attenção á minha historia, verá que meu principal intento é salvar o capitão-mór e sua filha, afim de, perante elles, provar a minha lealdade e depois morrer.

— Não era melhor — replicou com grande fleugma o bom padre Faria — esquecer estas tristes aventuras, deixar lá o capitão-mór e sua filha e empregar-se aqui nestas lavras que são muito mais ricas do que as vossas de S. João d'El-Rey? Ficará aqui seguro e tranquillo, eu lhe afianço; com a habilidade e boas disposições que mostra ter, pode enriquecer e ser tão considerado e poderoso como Bueno e Borba Gato.

— Não, senhor. Não poderei viver aqui tranquillo; a sanha implacavel de meus inimigos me procurará por toda a parte: ninguem pode estar livre de uma traição. Nem a segurança de minha pessoa, nem a paz de meu coração acham aqui refugio. Vim — fallo-lhe agora com toda franqueza — a ver se acho aqui algum reforço de homens que me coadjuvem na tentativa honrosa, que já expuz, de ir justificar me na presença de Diogo Mendes e sua filha da triste reputação em que as circumstancias me collocaram. Justificar-me e innocentar-me aos olhos de ambos é o meu principal e ardente proposito; tendo conseguido isto, pouco me importa o que depois suceeder. O que me arroja a estes extremos não é tanto o amor mal succedido, como a minha honra, a minha lealdade posta em duvida, digo mal, inteiramente destruida ante pessoas a quem tenho tributado a mais extrema dedicação, respeito e amor, e tudo isso por ardis de um scelerado, de um ambicioso, intrigante e infame... ah! senhor padre, desculpe-me estas palavras odientas e inflammadas... em sua consciencia pura, em sua alma candida e tranquilla, que nunca esteve exposta ao emba-

te das paixões, não pode V. Reverendissima, de certo, comprehendel-as; mas si ha odio santo, si ha vingança que mereça as bençãos do céo...

— Perdão — atalhou o padre, está blasphemando; não ha vingança alguma legitima tomada pela mão do homem... Só Deus é justo, só Deus é recto; a elle só compete vingar e punir os transgressores de sua santa lei.

— Mas elle pode servir-se de um instrumento para dar execução ás sentenças de sua eterna justiça... meu braço é o instrumento escolhido por elle...

— Cale-se, moço. A justiça do Eterno nunca deixa de fulminar a cabeça do criminoso; mas, quem lhe disse que é V. Mercê o encarregado da execução dos decretos de sua vontade omnipotente? Assim quer V. Mercê punir um crime com outro crime? ...e Deus mandará tambem um outro executor para punil-o do crime que commetter.

— Crime não, senhor padre; minha vida está em perigo constante, e a minha honra calcada aos pés de um miseravel aventureiro sem brio e sem consciencia. Defender a propria vida e a honra, por qualquer modo que seja, não é crime, nem perante Deus, nem perante a sociedade.

O padre empregou ainda, em vão, por algum tempo, os recursos de sua palavra branda e suasiva para demover o mancebo de sua temeraria empreza; mas viu-se supplantado sempre pela dialetica energica e fogosa de Mauricio que, além de ser inspirado pela paixão, desenvolvia recursos de habil polemista, graças á educação que recebera e á sua bella intelligencia.

— Bem vejo que nada ha que o arrede do obstinado e louco intento em que com tanto afferro persevera. Deixo-lhe o campo livre e lavo as mãos sobre as consequencias; declaro-lhe somente que em nada lhe posso valer. Na qualidade de sacerdote de Christo e como subdito e vassalo fiel de S. Magestade Fidelissima, El-Rey de Portugal, não devo nem posso cooperar, nem prestar auxilo algum á arriscada empreza em que V. Mercê pretende se empenhar. Posso lhe fornecer alguns viveres para as necessidades de sua jornada, se delles tem precisão, mas não devo prestar-lhe nem armas nem soldados para empregal-os contra uma auctoridade constituida por El-Rei. Não poderei impedir aquelles que quizerem acompanhal-o, pois não são meus escravos; só tenho irmãos em Jesus Christo; mas protesto, desde já, que irão muito contra a minha vontade. Espero que não se enfadará commigo por falar-lhe com franqueza.

— Oh! não, por certo; e... posto que V. Reverendissima como que, por suas ultimas palavras, me auctorizasse a angariar gente entre trabalhadores de seu arraial, não tentarei distrahir nem um só delles da vida tranquilla e invejavel, que aqui levam, para seguir-me atravez dos riscos de minha vida errante. Mas devo declarar-lhe que não vim sozinho de S. João d'El-Rey; trouxe em minha companhia uns vinte camaradas foragidos e perseguidos como eu pela mesma causa. Deixei-os a cêrca de duas leguas daqui, em um logar chamado Itatiaya.

— Ah!... sim?!... porque os não trouxe comsigo?...

— Não queria incommodal-o com tantos hospedes. São bugres e alguns negros que talvez lhe inspirassem terror.

— São christãos?...

— Nem todos; mas são creaturas que me obedecem e me são dedicadas. Entre elles se acha um moço indio, por

nome Itauby, que é meu amigo de infancia e que é filho de seu velho indio Itapema.

— Deveras!?... exclamou o padre — tem em sua companhia um filho de meu velho caseiro!...

— E' exacto! é o meu amigo Antonio, de que lhe fallei em minha historia. Hontem, em conversação com elle, descobri isso ao velho bugre, que ficou muito contente por poder ver ainda o filho de que nunca se esqueceu.

— Ah!... elle tambem me tem contado a historia desse filho, e chora sempre que falla nelle.

— E' verdade, esse velho bugre tem alma tão sensivel e bem formada como a de um christão velho; achei nelle um testemunho vivo do que se me tem contado dos esforços que V. Reverendissima emprega para chamar o gentio ao gremio de vossa santa religião, e do poder de sua palavra evangelizadora. O filho delle, o meu amigo Antonio, é tambem christão, senhor padre; tem uma alma nobre e sensivel e, como sabe, fui eu quem o catechizou.

— Ah!... muito bem! já me contou isso e reconheço com prazer os instinctos generosos de seu coração.

— Pois bem; o velho quer ir commigo até o Itatiaya, ver seu filho; Vossa Reverendissima permitte?...

— Porque não, meu amigo?... conheço bem esse velho chefe dos Aymorés; por esse respondo eu; nunca mais me largará. Póde ir ver seu filho. Estou certo de que amanhã ou depois estará de novo commigo.

— E não serei eu quem procurará arredar o bom velho de vossa companhia.

O padre Faria não mais desconfiou da lealdade e nobreza de caracter do joven bandido e até sentiu não poder prestar-lhe auxilio para a empreza tão justa e tão nobre em que se ia empenhar.

No dia seguinte Mauricio, acompanhado do velho Itapema e de seu filho, dirigiu-se ao Itatiaya, onde chegou ao pôr do sol, nesse valle, do qual, dois dias antes, o vimos partir em direcção a Ouro Preto, deixando Antonio, Joaquim e seus outros companheiros de exilio homiziados nas invias brenhas e nos sombrios e asperos fraguedos daquellas cercanias. Itauby e Zamby lá se achavam sentados no mesmo sitio em que os encontramos no começo desta historia. Conversavam e olhavam de continuo para o caminho de Ouro Preto, anciosos pela volta de seu patrão. Quando o avistaram, de um pulo puzeram-se em pé, batendo palmas de contentamento. Logo, porém, que não divisaram em sua comitiva mais do que dous bugres, um dos quaes bastante alquebrado pelos annos, sentiram esmorecer todo o seu enthusiasmo.

— Ah! Itauby! — exclamou o preto abanando a cabeça, ahi está a gente que o patrão achou!...

— Ora, — replicou Itauby, — quem sabe si os outros não virão mais atraz? Esperemos.

— Tempo perdido!... repetiu Zamby depois de algum silencio. — Não vem mais ninguem!...

— E nós tambem, que gente vamos apresentar ao patrão?... ah! Zamby, Zamby!... a cousa vae nos correndo bem mal; mas... Deus é bom e ha de ter piedade de nós. Não desanimemos.

— Então, meus amigos! disse Mauricio chegando — pelo que vejo não foram mais felizes do que eu?... estão sozinhos!...

— Nossa gente está lá no alto do serrote, — disse Itauby. — Não são muitos, mas creio que arranjamos mais

do que o patrão que não traz sinão esse pobre velho e este columim... oh! este sim, continuou chegando-se para perto do indio moço e examinando-o e olhando-o com muita attenção, este sim!... esta um bello rapagote!... Ah!... se o patrão trouxesse ao menos mais uma duzia destes!... Columim, não me conheces? Até te pareces commigo!... Que bonito?...

Assim exclamava Itauby com alegria quasi infantil, batendo no hombro do joven bugre, rodeando-o por todos os lados, como quem examina um animal que deseja comprar. Emfim, o moço bugre, vendo-se apertado pelas alegres caricias de seu novo camarada, abriu a boca e disse estas palavras — Não te conheço, não, meu camarada, mas já te quero bem, não sei porque. E se abraçaram.

Mauricio assistia sorrindo áquella scena de dous irmãos que, sem se conhecerem, attrahidos por instincto mysterioso, se abraçavam, como dous regatos que, partindo de pontos oppostos das montanhas, se confundem no mesmo leito.

O velho bugre, já prevenido de que Antonio era seu filho, estava extasiado a contemplar aquelle espectaculo, impaciente tambem por se dar a conhecer.

— E a mim, columim, — disse, chegando-se para a frente de Itauby;—não me conheces?

Itauby encarou fixamente o velho e o mediu com o olhar por tres vezes, de alto abaixo; uma vaga reminiscencia vinha-lhe ascendendo ao espirito. Fôra aprisionado e remettido a S. Paulo na edade de dez annos; portanto, não podia deixar de conservar lembrança da figura de seu pae; mas o decurso de quinze annos tinha lhe alterado consideravelmente o porte e as feições, de modo que não foi possivel a Itauby reconhecer logo, á primeira vista, seu pae, o antigo e valente cacique dos Aymorés.

— E' talvez Itapema!... é meu pae!... murmurou comsigo, ainda hesitando; mas logo toda a duvida desappareceu, quando divisou no antebraço esquerdo do velho uma larga cicatriz.

Um dia, — Itauby teria sete ou oito annos, — Itapema conduzia sua tribu atravez das mattas que bordejam o rio Piranga; trazia sua tribu atravez das mattas que bordejam o rio Piranga; trazia no braço Itauby, emquanto a esposa com os outros filhos o acompanhava, conduzindo ás costas, na maca pendente da cabeça, o columim mais moço, ainda em tenra edade, quando foi atacado por uma horda de Tupynambás.

Uma flexa vinha certeira ao menino que elle carregava: aparou-a, no largo e musculoso braço, que ficou horrivelmente lacerado. O cacique entregou o menino aos cuidados da mãe e, empunhando com a mão direita o truculento tacape, soltou o grito de guerra, cahiu sobre os Tupynambás e os poz em fuga, depois de uma pavorosa carnificina. Itauby conservara sempre vivamente gravada na memoria aquella terrivel scena, e nunca se esquecêra daquelle profundo golpe que lhe salvára a vida e a cujo curativo havia assistido com as lagrimas nos olhos e a sêde de vingança no coração, não obstante sua tenra edade. Não fosse o acontecimento que o havia roubado ao seio de sua tribu e o arrancára á vida selvagem, apenas pudesse brandir um arco e a sopezar um tacape, teria marchado contra os Tupynambás e não descançaria emquanto não tivesse tomado a mais cabal vingança

Ao ver aquella cicatriz, sua memoria despertou de subito, como á luz de um relampago; cahiu aos pés do velho indigena, abraçando-lhe os joelhos. Ergueu-se depois e beijando a cicatriz, exclamou:

— Oh! é elle mesmo!... é meu pae!... é Itapema.

— E' elle mesmo!... — bradou o cacique com voz rouca e alquebrada; e pelas faces rugosas e tisnadas lhe correram, lentamente, duas lagrimas que se sumiram logo como duas fontes que nascem no oasis para seccar immediatamente no arido areal do deserto.

— Ah! como estás grande e bem feito; não tinha mais esperança de ver-te, meu Itauby; mas, graças a esse generoso branco de quem hoje és companheiro, não morro sem essa consolação. Aqui está teu irmão mais moço; eu e elle, como tu, tambem já somos christãos. Tu acompanharás esse branco porque foi elle quem te fez christão, mas eu e teu irmão não podemos deixar de ir para a companhia do bom padre que nos baptisou. E' elle que ha-de me fechar os olhos, quando eu for dormir na cama do somno eterno.

— Nem nós queremos que nos acompanhes, Itapema; não deves abandonar, como um ingrato, esse homem a quem tanto deves. Viste e abençoaste teu filho, é quanto eu desejava, — disse Mauricio.

— E' tal qual; nem Itapema almeja outra cousa, e nem elle, velho e cançado como está, podia ser prestimoso; mas Itapema quer ficar aqui tres dias e tres noutes com o branco e com seu filho. Por essas cercanias de serra do Itacolumim rondam muitos dos nossos irmãos, os Aymorés, que não têm querido adorar o Deus dos emboabas. Muitas vezes elles me têm chamado para de novo ir empunhar o tacape do commando, mas Itapema hoje não pertence a si e só obedece ao Tupan dos brancos, que amaldiçôa a inubia da guerra e só quer a paz e a caridade.

Amanhã, Itauby, tu te levantarás quando apontar a barra do dia, e, tomando teu arco e flexas, te dirigirás para as mattas das nascentes do rio Piranga; procurarás teus irmãos do matto e todos que encontrares conduzirás para aqui, dizendo-lhes que seu velho cacique Itapema lhes quer fallar pela ultima vez antes de morrer. Espero-te dentro de tres dias.

— Mas Itauby vae sem Zamby? — disse o preto.

— Iremos juntos, replicou Antonio.

* * *

No dia seguinte, Itauby, acompanhado por Zamby, ao primeiro alvorecer do dia, partiu alegremente para desempenhar a commissão de que o encarregara o velho cacique. Ainda não era meio dia e já elles tinham transposto a pitoresca serra de Lavras Novas, que fórma como o socalco do gigantesco Itacolomy, e se embrenhavam pelas espessas e profundas florestas que se estendem pelas faldas meridionaes do altaneiro gigante de granito.

Itapema nada dissera a seu filho nem a Gaspar a respeito da intenção que o levava a chamar á sua presença os restos dispersos da tribu que outr'ora havia tão gloriosamente conduzido atravez de mil azares e brilhantes combates; e os dois, perplexos, faziam de si para si as mais divergentes conjecturas, esperando anciosamente a terminação do prazo dos tres dias que Itapema tinha marcado a seu filho. Esses tres dias passaram sem novidade.

Mauricio, depois da partida de Itau-

by e Zamby, tinha-se dirigido com o velho bugre e seu filho para o planalto da serra de Itatiaya, a reunir-se ao pequeno grupo de companheiros que trouxera ás cercanias de Ouro Preto, augmentado agora com o pequeno contingente de dez a doze homens angariados por Itamby e o negro.

Alli aguardaram a chegada de Itauby, porque, por qualquer lado que entrasse, d'ali podiam divisar de longe a sua approximação. Na tarde do terceiro dia, Mauricio, Itapema e o columim, inquietos e impacientes, procuravam as eminencias, perscrutando com o olhar, ao longe, e os arredores a ver se chegava o filho do cacique com os valentes Aymorés.

Mauricio mostrava-se inquieto e apprehensivo.

— Cacique, quem sabe o que terá acontecido ao meu amigo lá pelo matto?

— Branco, melhor do que Itapema deves conhecer seu filho, que Deus te deu por companheiro. Duvidas delle?

— Nem um momento. Sua coragem, dedicação e lealdade para commigo não precisam mais provas.

— Pois então, branco socega; dei a Itauby tres dias; antes de meia noite Itauby estará comnosco.

— Esperemos, suspirou Mauricio. E assentou-se sobre a relva, escondendo a cabeça entre as mãos sem mais olhar para o horizonte. Entretanto, a noute descia; um baço luar lançava uma luz frouxa, como uma espuma de prata alvacenta, sobre os dorsos negros do Itacolomy. O velho cacique avançou, descendo algumas centenas de passos pelo declive da serra; encostou o ouvido no chão e nada mais ouvio senão o murmurio vago, solemne e mysterioso das solidões. Voltou para junto de seus companheiros e nada disse.

O seu silencio desalentou-os; a esperança começava tambem a desfallecer no coração de Itapema.

Uma cruel preoccupação o affligia; elle nenhum interesse tinha na empresa de Mauricio; era seu filho, esse a quem duas vezes tinha dado a vida, que agora era sacrificado, indo cumprir suas ordens. Os tres, acabrunhados, deitaram-se na relva entregues a anciosa inquietação, com o ouvido alerta.

Assim decorreu mais de uma hora de angustia e de incerteza, quando, subito alarido atroou ao longe as montanhas; os tres puzeram-se em pé, de um pulo, com o coração a saltar de emoção e alegria; os guerreiros de Itauby, que tambem se achavam deitados a alguma distancia, ouvindo o grito selvatico, egualmente, de subito, se ergueram, meneando os cocares e apoiando-se nos rijos e truculentos tacapes.

Aquelle alarido era o grito de guerra dos Aymorés.

Minutos depois ouviu-se o tropel confuso da horda, e os tres observadores não tardaram em divisal-a, galgando rapidamente a encosta do serro em que se achavam; mal, porém, se foram avisinhando, uma nuvem de flexas voou silvando pelos ares e cahiu como saraiva, em torno delles, sem attingir a nenhum.

— Inimigos!... — bradou Gaspar, transido de surpresa e com o frio no coração.

Um terrivel pensamento lhe assaltara o espirito.

— Oh!... Antonio trahir-me!

Quem o creria!... Ah! velho execravel, continuou, voltando-se furioso para o velho cacique, — foste tu por certo que urdiste esta traição nefanda...

— Cala-te, branco, — interrompeu com energia o cacique, onde ouviste tu

fallar que do sangue de Itapema nasce traidor?!...

— Não ouvi falar, mas estou vendo!

— Que é que vês?... Si Antonio vier contra nós, acredita-me, branco, este braço velho ainda tem força para brandir o tacape, e se eu não morrer, será Itapema mesmo que, com as proprias mãos com que já outr'ora o salvou da morte, esmagará o craneo de Itauby; mas se não for elle...

— Se não for elle, — interrompeu Gaspar assombrado com a nobre e heroica linguagem do cacique, — para meu castigo atravessa meu coração com tua flexa.

Entretanto, as settas continuavam a chover.

— Branco, não é hora de conversa; elles ahi estão e são muitos. Vamos para acolá com nossa gente; aqui não estamos bem. Dizendo estas palavras, Itapema apontava para uma especie de comoro que ficava a uns duzentos passos, como uma verruga na face lisa e avelludada do planalto, toda eriçada de lascas de rochedo e de certos arbustos ou parasitas que nascem nos cimos pedregosos das cercanias de Ouro Preto e a que dão o nome de *canella d'ema*. Estes arbustos, que crescem até á altura de um homem, são uma especie de palmeira, cujo tronco relativamente grosso é coroado por um facho de espathos rijos e lanceolados que, na escuridão, lhes dão a apparencia de um guerreiro selvatico com o cocar na cabeça. Não nascem muito juntos, mas sim disseminados, dispersos a pequenas distancias.

Immediatamente, Itapema, Gaspar e Jurucy, chamando sua gente, que com os indios de Itauby chegariam apenas a cincoenta combatentes, correram ao logar indicado por Itapema.

Nesse reducto natural se alapardaram, aguardando o inimigo que logo appareceu no planalto, soltando gritos ferozes e insolentes como quem já contava com o triumpho. Por conselho de Itapema, os guerreiros de Gaspar ficaram immoveis e mudos.

Os assaltantes olharam em derredor e nada viram nem ouviram.

— Que é desses valentes aymorés!?.. fugiram?... é essa a sua valentia!... hei de procural-os por todos os cantos... onde estão elles? covardes!.... — bradava exasperado o chefe dos assaltantes.

Nesse momento uma nuvem de flexas certeiras cahia entre elles, matando e ferindo bom numero de combatentes. O chefe surprehendido notou o logar de onde choviam as flexas e para lá guiou sua gente; quando chegaram perto do comoro, outra chuva de flexas ainda mais certeiras fez pavoroso estrago e levou o desanimo ás fileiras disseminadas dos assaltantes. A lua crescente sumia-se no horizonte.

Olhando para os comoros, os Tupynambás, em razão da escuridão que augmentava, tomaram por combatentes *as canellas de ema*, e, possuidos de pavor, julgando ter em frente inimigo tres ou quatro vezes superior em numero, puzeram-se em fuga precipitada. Entretanto, o numero de assaltantes excedia de cem, emquanto que os guerreiros de Gaspar não chegavam a cincoenta.

— Branco, disse o velho cacique a Gaspar: parece-me que não são Aymorés, mas sim Tupynambás, os guerreiros que nos assaltam; todavia, vamos acossal-os. Eu morrerei desesperado, se não ficar sabendo se Itauby foi quem arremessou contra nós este magote de perros vis... Havemos de matal-os um por um, e, se entre elles eu encontrar vivo o filho de Itapema, matal-o-hei:

se achal-o morto, cahirei tambem morto de vergonha e desgosto sobre seu corpo.

Dizendo isto, o velho cacique sentia reviverem-se em seu sangue, aquecerem-se de novo ao fogo selvatico, indomaveis paixões de sua mocidade e brandia o tacape com vigor juvenil.

— Tens razão, disse Gaspar; eu tambem tenho o mesmo desejo. Vamos!...

Immediatamente, toda a gente de Gaspar, que ainda não tinha recebido nem o mais leve ferimento, desceu rapidamente do comoro, e poz-se no encalço dos fugitivos; grande, porém, foi o seu espanto, quando os viram voltar sobre seus passos em grande confusão, a toda pressa.

— E' um embuste de guerra, — disse Gaspar ao cacique, — querem-nos chamar a campo limpo... voltemos ao nosso posto.

E immediatamente voltaram para o comoro. Mal tinham retrocedido alguns passos, ouviram um tiro de escopeta! Pararam. Instantes depois, uma voz forte como o rugido do jaguar, bradou em distancia:

— Gaspar... Itauby aqui está!... toca para cá esses perros!... São Tupynambás!...

Um extremecimento inexplicavel de coragem e prazer percorreu os membros de Gaspar, Itapema e Jurucy.

— A elles! aos Tupynambás!..., bradaram todos e, voltando sobre o inimigo, cahiram sobre elles como onças esfaimadas. Poucos minutos durou esse combate; foi uma carnificina. Os Tupynambás, atacados por dous lados, foram todos trucidados até ao ultimo.

* *
*

E'-nos agora necessario narrar succintamente alguns factos antigos que aconteceram a Antonio ou Itauby na expedição de que seu pae o encarregára, afim de que o leitor possa comprehender as causas que deram logar aos acontecimentos que acaba de ler no capitulo anterior.

Entre os Aymorés que volteavam pelas montanhas de Ouro Preto, havia uma india gentil como a mais bella de entre as filhas das selvas, cuja posse era ardentemente disputada pelos mais garbosos e valentes mancebos dessa audaz e bellicosa tribu. Muitos despojos tinham sido depostos a seus pés; muitos jovens se tinham arriscado aos ultimos arrojos da guerra e da caça para merecer sua preferencia. Ella, porém, mostrava-se insensivel a tantos extremos. Chamava-se Itajyra, palavra formada de dous nomes indigenas, dos quaes o primeiro —Ita—significa pedra, e o segundo—Jyra — quer dizer mel. Ella tinha o olhar e o sorriso suaves e doces como o mel e o coração impenetravel ao amor e duro como a pedra. De entre todos os adoradores de Itajyra distinguia-se um e não pelo garbo e gentileza e pelas proezas que tivesse praticado, ao menos pela tenacidade e obstinação com que aspirava ao amor da insensicel filha da selva, Aconteceu que um dia Itajyra foi com seu pae e sua tribu a Ouro Preto. Ahi a moça viu, pela primeira vez, o joven Jurucy, filho do cacique Itapema e o amor pela primeira vez entrou em seu coração.

Não quiz mais voltar para o matto e ficou nos braços de seu amado, com quem se casou, sendo baptisada e cathechisada pelo padre Faria. O joven indio malogrado perdeu o tino e seu coração entregou-se aos furores do ciume.

Muitas vezes tentou insurreccionar a tribu dos Aymorés, contra a colonia

de Ouro Preto, mas seus irmãos que eram lá agasalhados e tratados com caridade, nunca quizeram accudir ao seu appello. Os indios selvagens dos arredores de Ouro Preto naquella epocha visitavam os arraiaes, sem receio de serem perseguidos nem escravisados, graças á tolerancia e ao espirito benevolo do padre Faria e do capitão Antonio Dias, que não perseguiam nem escravisavam os bugres; por isso as tribus que então erravam em torno de sua colonia em um raio de dez leguas, Pirajás, Tupynambás, Coroados, Botucudos e Aymorés, não hostilisavam os brancos; pelo contrario, visitavam muitas vezes seus arraiaes e ahi se demoravam dias, como em uma feira, trocando caças, pelles, esteiras, rêdes, cabazes e outros artefactos de sua selvatica industria por quinquilharias, bugigangas da industria européa.

Por fim, apresentou-se-lhe occasião azada, e a inspiração do odio e do ciume suggeriu-lhe o plano da mais hedionda e execravel traição. Quando Antonio, que ignorava completamente estes factos, se dirigiu ao matto afim de convocar a tribu á presença de seu antigo chefe, acertou por acaso de encontrar no primeiro grupo, que se lhe deparou, o despeitado amante.

Antonio expoz-lhe a commissão de que vinha encarregado e o indio affectou tomar tambem a peito essa empreza e prometteu auxilial-o quanto pudesse.

Indicou-lhe onde poderia achar maior numero de guerreiros Aymorés, e elle proprio, com os poucos que trazia em sua companhia, dirigiu-se para lado diverso, afim de angariar mais gente; mas em vez disso, emquanto Itauby com o negro se entranhava pelas mattas que bordejam o Ribeirão do Carmo até sua juncção com o Gualaxo, por onde Meribá estava certo que bem poucos Aymorés Itauby houvera de encontrar, dirigiu-se para os lados de Itaverava, onde vivia uma numerosa horda de Tupynambás, implacaveis inimigos dos Aymorés.

Insinuou-se entre estes Meribá, dizendo-se carijó, outra tribu egualmente infensa aos Aymorés, e facilmente os induziu a marcharem contra estes, para o planalto de Itatiaya onde Itapema esperava o filho com os guerreiros de sua tribu.

Meribá fôra informado muito minuciosamente por Antonio, da estada de seu feliz rival com seu pae na referida localidade, que lhe era muito conhecida. A horda dos Tupynambás, que contava mais de cem combatentes, atacaria de surpreza os Aymorés, matal-os-hia todos e Meribá marcharia immediatamente para Ouro Preto, levando de presente a Itajyra a cabeça de Jurucy. Vendo malogrado o seu amor, queria, ao menos, ver satisfeita a sêde de vingança em que ardia. Mas, como vimos, sahiu tudo ao invez do que esperava o desventurado traidor.

Antonio e Zamby, guiados pelas falsas informações do bugre, depois de infinitas voltas, pesquizas e fadigas extraordinarias por mattas emmaranhadas e escabrosas serranias daquellas asperas regiões, mal puderam arrebanhar trinta ou quarenta guerreiros de sua tribu, que com todo o enthusiasmo e alacridade se prestaram a acompanhal-os. O nome de Itapema era legendario; gosava de reputação entre os Aymorés; suas façanhas e numerosas victorias contra as hordas inimigas estavam na memoria de todos; e elle tornou-se o idolo dos seus e o terror dos inimigos.

Quando, pois, tomou a resolução, cathechizado pelo padre Faria, de aban-

donar as selvas, trocar o tacape de chefe glorioso de uma poderosa tribu pela enxada e o alvião de mineiro, foi grande o descontentamento e desgosto dos seus; e, por mais de uma vez, tentaram, mas em vão, chamal-o de noxo á vida rude das selvas e dos combates. Foi, pois, com animação e enthusiasmo que acudiram ao seu chamado. Entretanto, aconteceu que, quando Antonio se recolhia de sua commissão com os seus trinta e tantos guerreiros, alcançou mais um pequeno grupo de Aymorés que o esperavam no caminho. Estes, sem serem vistos, tinham presenciado a passagem da horda de Tupynambás, dirigindo-se para a serra do Itatiaya e o communicaram a Antonio. Ao ouvil-os, Itauby sentiu uma vaga inquietação, um presentimento confuso de algum trama qualquer. Sem perda de tempo, pôz logo sua gente em marcha accelerada para as alturas do Itatiaya, onde o vimos chegar justamente a tempo para inflingir aos assaltantes a mais completa e desastrosa derrota.

Um somno profundo, occasionado pelas fadigas das marchas e dos combates, apoderou-se da hoste de Gaspar, e os guerreiros, com as armas na mão, se prostraram sobre o campo ensanguentado, dormindo tranquillamente mesclados entre os cadaveres daquelles que ainda ha pouco tinham feito morder a terra, dormindo o somno eterno.

Si alguem alli chegasse, áquella noite, ao ver o chão juncado de corpos immoveis, uns atracados com as suas armas, outros tendo-as quebradas e dispersas ao redor de si, escorregando na sangueira e sentindo o cheiro acre e repulsivo da carnificina, juraria que todos eram cadaveres.

Ao romper do dia, despertando Gaspar do seu profundo e não interrompido somno, o primeiro pensamento que lhe assaltou o espirito foi o voto insensato que fizera de deixar-se trespassar pela setta de Itapema, caso não se realisasse a cruel e irreflectida desconfiança que um momento concebera contra Itauby.

Na vespera, a excitação do combate e depois a fadiga não lhe deram tempo de pensar nisso. Estremeceu, transido de vergonha, e mal poude encarar a Itauby, que já em pé junto delle com semblante risonho e sereno o contemplava, aguardando o seu accordar. Itapema não lhe havia dito se acceitava ou não o voto imprudente, mas Gaspar, em sua delicada consciencia, julgava-se bem digno e merecedor da punição a que elle mesmo se condemnára. Itauby não deixou de notar a perturbação de Mauricio.

— Que tem o patrão que está assim com o ar preoccupado? — perguntou o indio.

— Nada, meu amigo; effeito do somno e da fadiga, — respondeu Mauricio, levantando-se da grama em que jazia, — estou orientando o meu pensamento agitado pelos successos de hontem. Espera-me aqui, Itauby; preciso dizer algumas palavras a teu pae.

E Mauricio encaminhou-se para o lado em que, a alguns passos de distancia, dormira o velho cacique, que nesse momento tambem se ia levantando, bem como toda a sua gente.

— Cacique, — disse-lhe — toma teu arco e tua melhor flexa e affastemo-nos um pouco do meio desta gente.

— Prompto, branco, respondeu o bugre; mas o branco está com o olhar torvo e sombrio; o que é que lhe aconteceu? para que esta flexa?

— Mais adiante saberás; vamos.

O cacique não insistiu mais e, acompanhando Mauricio, se affastaram uns cem passos da turba dos guereriros.

— Cacique, disse Mauricio parando, já te esqueceste das palavras que hontem trocámos quando tive a louca idéa de duvidar da lealdade de Itauby? Fui um indigno, um insensato; agora cumpre que dês a punição que mereci, atravessando com tua flexa este coração ingrato e indigno da amizade de um heróe como Itauby.

— Branco, — respondeu Itapema — lembro-me bem de tudo isso, mas eu nada prometti; e nunca será o arco de Itapema que despedirá a flexa contra um guerreiro desarmado, quando mesmo fosse um inimigo.

— Ah! exclamou Mauricio commovido, bem mostras ser o pae do meu valente e generoso Antonio. Perdoa-me, meu velho, si desconfiei tão injustamente e levianamente da lealdade de teu filho. Praza ao céo que nunca Antonio saiba que assim o ultrajei.

— E quem lhe ha de contar?... Só Itapema sabe disso, e sua bocca será muda como o Itacolomy e mesmo que não o seja, daqui a pouco Itapema vai separar-se de seu filho para sempre.

O velho cacique pronunciou estas palavras com voz tremula de commoção e seus olhos voltaram-se ao céo como quem, dizendo adeus ao mundo, procurava alli seu ultimo refugio. Voltando aos seus, Mauricio foi com Antonio e seu irmão Jurucy percorrer o campo a examinar os cadaveres inimigos de que se achava juncado. Eram todos Tupynambás como reconheceram pelas armas e pelos signaes do corpo. Apenas um era Aymoré.

— Eis um que me parece Aymoré. — disse Antonio examinando com surpresa o cadaver, — e foi este quem nos traiu. Foi elle um dos primeiros que encontrei quando daqui me fui em procura dos nossos guerreiros. Elle prometteu-me gente para nos ajudar e foi buscar os Tupynambás para nos atacar!...

— Ah! maldito! — continuou Antonio, estendendo os punhos cerrados sobre o cadaver, com gesto ameaçador, como se elle pudesse ouvil-o — que motivo tinhas tu para assim nos atraiçoar!?...

— Tambem eu estou conhecendo esse nosso desgraçado irmão e adivinho a razão porque nos veiu guerrear,

— Qual é ella?

— Meribá amava muito a formosa Itajyra, a mais bella das virgens Aymorés; porem ella não o quiz e hoje é esposa de teu irmão Jurucy.

— Ah!... o motivo era bem forte!... exclamou Antonio, lembrando-se de que tambem era o amor que em grande parte o levava a estar envolvido na audaciosa empresa, em que se achava empenhado com Mauricio.

— Ah!... sim, o amor!... o amor!... mas nem eu nem Mauricio atraiçoamos a ninguem.

— E' verdade, — exclamou Mauricio — quem é capaz de uma traição é indigno do amor de uma virgem. Ah! Leonor!... Leonor!... e é principalmente para justificar-me a teus olhos da nodoa de traidor que hoje lucto com estas difficuldades e me vejo envolvido em tão terriveis azares!

Pronunciando estas palavras, Mauricio cruzou os braços, fitou os olhos no chão e assim esteve por instantes entregue ás mais tristes e acabrunhadoras impressões.

Antonio que comprehendeu perfeitamente a causa daquelle abatimento, pois compartilhava de infortunio em tudo identico, arrancou-o daquella scisma dolorosa.

Vamos, patrão, disse batendo-lhe no hombro; a occasião não é para ficar aqui a banzar; nada temos que fazer ao pé do corpo de um traidor que nem sepultura merece.

— Tens razão, Itauby; vamos. Não ha tempo a perder; hoje, agora mesmo, se for possivel, devemos procurar o rumo de S. João d'El-Rey.

*
* *

Uma hora depois do incidente que relatamos no capitulo anterior, dava-se no mesmo planalto da serra do Itatiaya uma scena bem differente do sanguinoso combate que ahi se travara na noite precedente. Itapema ia falar por sua propria bocca aos guerreiros de sua tribu e elles se achavam reunidos e enfileirados deante delle.

A seu lado estavam seus dois filhos, Mauricio e o negro Zamby. O velho cacique tinha dado provas no combate do dia antecedente de que nem a valentia e força de seu braço, nem o seu tino haviam ainda de todo esmorecido sob o peso da idade e dos trabalhos.

Os jovens guerreiros esperavam que elle mesmo em pessoa fosse guial-os a alguma grande empresa, como aquellas que outróra levára seus pais, contra Tupynambás e Carijós e outras tribus inimigas, e cada qual sonhava os mais arrojados sonhos de valentia, aspirando egualar, senão exceder, as façanhas do legendario cacique.

Mal sabiam elles quão arredado andava o espirito do bom velho d'aquellas scenas de vingança e morticinio. Se na vespera circumstancias imperiosas o fizeram ainda uma vez brandir o tacape e soltar flexas certeiras contra o inimigo, foi a isso forçado em defesa sua e dos companheiros. Posto que civilisado, Itapema nunca abandonara suas armas ou para a caça ou para emergencias provaveis naquellas regiões selvaticas, e as preferia ás melhores armas de fogo.

Os guerreiros Aymorés, postados em semicirculo deante do velho cacique, o acclamavam com altos alaridos, chocando entre si os rudes tacapes, meneando os arcos e entoando pocemas de guerra.

A tal espectaculo Itapema sentiu ainda uma ultima vez aquecer-se-lhe o sangue no enthusiasmo das lides heroicas da guerra que tinham constituido a occupação e a gloria de quasi toda sua longa vida. Teve por alguns momentos saudades do tempo de suas selvaticas proezas; mas para logo a reflexão extinguiu aquella quasi apagada scentelha que ainda restava debaixo das esfriadas cinzas de seu bellicoso passado.

Vieram-lhe á memoria o padre Faria e a nova religião de paz e fraternidade que tinha abraçado, e todo o seu enthusiasmo se esvaneceu.

Erguendo o tacape e brandindo-o por cima da cabeça, fez signal para que cessasse a vozeria das acclamações. Immediatamente acalmou-se todo o barulho e reinou fundo silencio.

O cacique em sua lingua selvatica falou assim:

— Guerreiros Aymorés, quem está agora na vossa presença é o vosso velho cacique Itapema que em outras eras conduzia os vossos paes a longinquas distancias, desd'o rio Piranga até ás nascentes do Jequitinhonha, e da beira do Sabará-ussu' até ás serranias onde nasce o Paraná. Todas as tribus tinham medo do seu tacape e os mais afamados e valentes caciques invejavam o seu nome. Nesses tempos os guerreiros de Itapema eram tão numerosos como os coqueiros da floresta: ao seu primeiro aceno, mil arcos surgiam como por encanto do fundo dessas

mattas e cada guerreiro valia por dez. O sangue de nossos inimigos regava campos e florestas e nós traziamos por brazão, pendurado ao nosso pescoço, os dentes arrancados á bocca de nossos irmãos mortos por nossa mão. Mas isso era cruel e eu não me glorio, antes me envergonho e me arrependo dessas façanhas. Hoje Itapema não é o mesmo cacique d'aquelles tempos; não porque a velhice e os trabalhos lhe tenham quebrantado as forças, o animo e a valentia, mas... Itapema conhece hoje um Deus que abomina o sangue e a guerra e Itapema não quer ir contra a lei desse Deus Santo. Se Itapema hontem entesou o arco e delle despediu a flexa de guerra foi para se defender e a seus amigos.

Itapema está velho e cançado e em breve irá repousar na *igaçaba* da morte... mas Itapema vos pede, moços e valentes guerreiros... acompanhae meu filho que aqui está, — e batia com a mão no hombro de Antonio — e este nobre guerreiro branco — e designava Mauricio.

Elles não vão com más intenções, vão arrancar ao captiveiro muitos de nossos irmãos do matto que estão em poder dos crueis emboabas.

Quereis acompanhar meu filho Itauby e seu amigo guerreiro que aqui está?

Itapema não falou mais. Um murmurio confuso, como o da viração que agita a coma dos arbustos, se fez sentir por alguns instantes. Os jovens Aymorés estavam pezarosos de não ter á sua frente o seu velho e famigerado cacique e hesitaram em responder. Antonio então avançou alguns passos para elles e falou assim:

— Meus irmãos, escutai-me. Se não vae á vossa frente o vosso chefe, vae seu filho que aqui está! Sou do mesmo sangue e tambem não sei o que é covardia nem traição...

Comnosco vae este guerreiro branco que vale tanto como dez de nós... Quereis ou não quereis ir?...

A esta interrogação incisiva e terminante, seguiram-se alguns instantes de profundo silencio; mas em breve irrompeu uma exclamação ruidosa e enthusiastica, como lufada de vento que inopinadamente agita com violencia a copa da floresta.

— Itauby! bradavam todas as boccas; Itauby, filho de Itapema!... Itauby vai nos levar aos combates... e á victoria!...

Passados aquelles instantes de alacridade e enthusiasmo, Mauricio, commovido, tentou dizer algumas palavras; mas a vozeria e as selvaticas acclamações recrudesceram e abafaram-lhe a voz.

— São horas de partir cada um para seu destino, exclamou Itapema, erguendo o tacape para chamar a attenção dos guerreiros...

As mulheres e crianças que aqui vieram voltarão commigo e ficarão em Ouro Preto; o pagé dos brancos é caridoso e bom.

Não faltarão aos Aymorés nem a caça e o cauim, nem a taba de repouso, e o vil Tupynambá nunca se atreveu a ir lá perturbar a nossa paz que não se arrependesse amargamente. Não é muito longe o lugar para onde partem os jovens guerreiros Aymorés; em menos de duas luas poderão estar de volta. Fujamos deste logar sinistro, manchado pelo sangue dos Tupynambás...

— E mais ainda, — interrompeu Antonio com voz atroadora de indignação — e mais ainda, oh! Itapema, illustre chefe de uma tribu valente e generosa, — e mais ainda manchada pelo sangue de um Aymoré traidor!...

Dizendo isto, Antonio apontava para o cadaver de Meribá que jazia a poucos passos de distancia.

Os Aymorés, surprehendidos por estas palavras, rompendo a ordem mais ou menos regular em que até ali se achavam postados, affluiram de tropel parà junto do cadaver apontado por Antonio, afim de reconhecel-o.

— Meribá! Meribá!... exclamavam soltando gritos medonhos de indignação e despejando flexadas e rudes golpes sobre o corpo inanimado do traidor.

Tanto a traição é abominada até mesmo entre os selvagens!

Em presença de tal espectaculo, Itapema estremeceu horrorisado; sua alma regenerada pelo padre Faria e imbuida dos sentimentos da moral christã, não podia mais conformar-se com esses actos de ira brutal e canibalismo.

— Que é isso, guerreiros Aymorés! — bradou elle, lançando-se indignado no turbilhão que refervia em torno do cadaver e affastando-os violentamente a punhadas e golpes de tacape. — Que é isso?... onde se viu um guerreiro Aymoré despejar flexas e desperdiçar valentia no corpo de um morto!... Oh!... não pareceis mais os descendentes d'aquelles que eu outr'ora guiára aos combates, que nem ao menos olhavam para o inimigo que cahia morto a seus pés, e só se apraziam em apanhar vivo o mais valente de entre todos para abrilhantar com o seu supplicio a festa do triumpho... immolal-o e erguer um trophéo tranquillamente na taba, ah!... e isso mesmo era bem cruel e feroz!...

O cacique murmurou estas ultimas palavras com voz cava e compungida, como que arrependido do assomo bellicoso a que por um momento se deixára arrastar.

— Fujamos d'aqui! — continuou elle. Os urubu's do ar e os bichos do matto se encarreguem de consumir esses corpos indignos de sepultura e da igaçaba dos guerreiros leaes e valorosos!

No mesmo instante Itapema, seguido por seus dois filhos, e Mauricio acompanhado de Zamby e toda a horda dos Aymorés, tomando suas armas e seus cabazes cheios de fructas, palmitos, caças e legumes, abandonando aquelle logar sinistro, se puzeram em marcha accelerada e desceram pelas ingremes, lisas e descobertas encostas orientaes da serra do Itatiaya. Dir-se-hia o transbordamento de algum lago, que despejava pelo flanco da montanha suas aguas turbidas e revoltas.

*
* *

Dentro em pouco achava-se reunida, no valle do Itatiaya, cuja descripção já fizemos, a cohorte dos guerreiros bandidos. Ahi descançaram e tomaram alimento.

Itapema falou assim a seu filho Antonio:

— Itauby, meu filho, tu marchas para a guerra em companhia do branco a quem juraste amizade. Itapema, teu pae, não quer que tu te affastes delle e o abandones; serias um traidor como este malaventurado Meribá, cujo corpo lá ficou em cima, entregue aos urubu's. Vae; eu não posso acompanhar-te, mas a benção do padre Faria e de teu pae te livrem de todo mal. Adeus, meu filho!...

Antonio abraçou seu pae e beijou-lhe a mão, e depois com lagrimas nos olhos, apertou nos braços seu joven irmão, que apenas conhecia de vespera e de quem ia separar-se talvez para sempre.

Mauricio, Zamby e todos os guerreiros assistiam commovidos o despedir dos dois indios. Mesmo os selvagens alcançavam o sentido daquella nobre e tocante scena.

O leitor talvez estranhe os sentimentos nobres e elevados, a linguagem por demais grave e sensata de que usava o velho chefe selvagem, tão impropria da bocca de um botucudo; por isso lembraremos que Itapema, havia já dez annos, residia em casa do padre Faria, que durante todo esse tempo não cessou de doutrinal-o; o bugre em suas mãos tinha-se tornado um poderoso auxiliar para o domesticação e cathechese das tribus que vagavam pelas cercanias de Ouro Preto.

O indio tem sempre a palavra vehemente quando recorda feitos heroicos, e os chefes da tribu, quando falam ás cohortes guerreiras, enchem de imagens os discursos e sabem fazer reviver na memoria dos homens os feitos nobres dos guerreiros mortos.

Itapema era o interprete de que se servia o padre em suas relações com os selvagens e por seu intermedio não só se tinham evitado muitos ataques e correrias de indios sobre Ouro Preto, como mesmo se havia attrahido ao gremio do christianismo e da civilização européa consideravel numero de selvagens.

Mauricio, abraçando o velho cacique, expressou-lhe com palavras lhanas e sinceras o valioso auxilio que tão generosamente acabava de lhe prestar.

Itapema — disse-lhe elle commovido, — tens dois filhos dignos de ti; um delles ha muito tempo é meu irmão; o outro o será tambem de agora em diante, — accrescentou cingindo ao peito com o braço esquerdo o joven Jurucy, emquanto com a direita beijava a mão mirrada e calosa de Itapema, dizendo-lhe: — Tens tambem em mim um amigo e um filho, em qualquer occasião que precises de meu craço e do meu coração.

— Não preciso mais do soccorro dos homens — atalhou Itapema, — minha esperança está no céo e na misericordia de Deus!...

Zamby tambem, não podendo resistir ao empenho de mostrar sua gratidão ao velho cacique, postou-se de joelhos aos pés delle, e curvando a cabeça estendeu-lhe a mão direita, como que lhe pedindo a benção á maneira dos escravos. Itapema, com o cavalheirismo e as maneiras delicadas que aprendera do padre Faria, levantou-o, tomou-lhe a mão, levou-a ao peito e abraçou o africano.

Depois de volver um olhar saudoso aos guerreiros da tribu, Itapema fez um gesto a Jurucy, e ambos, seguidos da turba de mulheres e crianças, tomaram o caminho de Ouro Preto.

Os guerreiros da tribu de novo acclamaram Itauby seu chefe e, entoando uma pocema de guerra, se affastaram com Mauricio e Antonio, procurando o rumo de S. João d'El-Rey.

Mauricio procurou occultar, o mais que foi possivel, sua marcha com aquella numerosa horda em demanda da villa de S. João e para isso tinha razões de sobra.

Devia affastar-se principalmente de todos os caminhos já batidos pelas bandeiras exploradoras que então cruzavam aquellas regiões, porque se acaso as encontrasse corria risco de ser reconhecido e não faltariam boccas que fossem levar aos ouvidos do capitão-mór a noticia de que elle ainda era vivo e marchava em direcção á villa com um numeroso séquito. Embora nada revelasse das intenções com que ia, bastava esse facto para pôr de sobreaviso Diogo Mendes, o que por cer-

to faria malograr sua empresa, cujo bom exito dependia sobretudo de uma surpreza.

Além disso, Mauricio, devia esforçar-se tambem por evitar encontros e travar combate com as hordas selvagens que porventura se apresentassem em seu caminho; era-lhe mister poupar sua gente e aproveitar o tempo.

Para esse fim, recommendou silencio, e nada de pocemas nem alaridos, o que com muito custo poude obter e, em vez de procurar o caminho mais trilhado e directo que de Ouro Preto conduzia a S. João d'El-Rey, demandou as montanhas escabrosas e cobertas de florestas que formam as cabeceiras do rio Piranga e por ahi se dirigiu ao arraial de Itaverava, a nascente colonia de Amador Bueno. Esperava talvez ahi encontrar o valente bandeirante paulista, que com sua gente se tinha retirado para o lado de Sabará e Caethé a fazer novas explorações, emquanto cresciam e amadureciam as plantações que ali fizera. O paulista, porém, tendo soffrido contratempos e mesmo hostilidades da parte do portuguez Nunes Vianna, que então dominava quasi soberanamente naquella região, não voltou mais a sua colonia, e, perseguido pelos emboabas, viu-se forçado a recolher-se a S. Paulo de Piratininga, afim de reunir mais numerosa comitiva com que voltasse ás Minas.

Mauricio, apezar de todas as precauções, não deixou de encontrar algumas hordas de selvagens; mas graças á astucia e habilidade de Antonio, que corajosamente se apresentava a parlamentar com ellas, evitou suas hostilidades, e, no fim de seis dias de marchas lentas e peniveis, através de mattas espessas, tendo de atravessar ribeirões cheios, pois se estava em fins do anno de 1709, epocha das chuvas e do transbordamento dos rios, chegou ás paragens onde hoje está assentado o arraial de Prados, que fica a pouca distancia da parte oriental da Serra de S. João d'El-Rey. Estava já nas visinhanças do logar em que ia jogar o seu destino; por isso, maior cautela e mysterio devia empregar em sua marcha, pois maior probabilidade havia de se encontrar com habitantes de S. João d'El-Rey, que o reconhecessem e avisassem o Capitão-mór de sua chegada.

Era já tardinha, quando Mauricio com sua comitiva chegou ao ribeiro que corre ao pé do arraial de Prados, logar então coberto de densissimas mattas. A chuva torrencial que desabava desd'o meio dia engrossara consideravelmente as aguas do ribeirão, que roncava medonho pelas lobregas espessuras. Não sendo possivel vadeal-o antes que passassem as chuvas e as aguas decrescessem, Mauricio mandou sua gente fazer alto ali. Com ramos e taquaras, os guerreiros Aymorés em poucos momentos improvisaram uma barraca para Mauricio, Antonio e Zamby, a quem já adoravam, emquanto elles mesmos, acocorados e encostados aos troncos das arvores, agarrados ao arco e ao carcáz, podiam se tomar por verdadeiras mumias tiradas da igaçaba, se não fosse a mastigação com que devoravam avidamente o moquem de caças que de antemão traziam preparado.

Mauricio estava pensativo e sombrio. O rugir da chuva, o ronco das catadupas que cahiam das montanhas, o bramir do ribeirão, que fugia impetuoso como leão ferido que ruge bravio correndo atravez das florestas, inspiravam-lhe sinistras impressões e emoções desoladoras.

De feito, a situação difficil, arriscada e complicadissima em que se achava, não era propria para alimentar no

espirito sinão acerbas e dolorosas apprehensões, e, quanto mais se avisinhava do theatro em que ia jogar o seu destino em uma arrojada e quasi louca empresa, mais temerosa e ardua se lhe afigurava a conjunctura em que se achava collocado.

Quantos motivos o levavam áquelle acto de desespero, que parecia uma rebeldia e uma traição, e que todavia era nada menos que um generoso e nobre impulso de lealdade e dedicação!!

A torrente turva e impetuosa do corrego espumoso e revolto, solapando as ribanceiras e bramindo furioso á semelhança do jaguar ferido, que rompendo as florestas, solta rugidos de dor e de raiva, offerecia aos olhos de Mauricio a mais viva imagem de seu cruel destino.

Tambem corriam-lhe dias turbados e inquietos: errantes e foragido, occultando os passos na escuridão de selvas medonhas, e pelas escacrosas encostas de serros quasi inaccessiveis, deixando em seu caminho sangue e ruinas, e arrastando-se, por singular e inexoravel capricho da sorte, de abismo em abismo, sem poder lobrigar no futuro qual seria o paradeiro a tantos e tão desastrosos azares.

Quando, porém, alli se achou, tão proximo dos logares onde outr'ora, ufano e cheio de esperanças, cavalgara ao lado da donosa e gentil Leonor, recrudesceram as hesitações e as crueis apprehensões que lhe atormentavam o espirito.

A que terriveis azares ia expor os dias daquella por quem daria mil vidas que tivesse?... Ia pela segunda vez ensopar de sangue e talvez sepultar em ruinas a habitação do homem que o tinha abrigado em seu tecto hospitaleiro, em quem sua infancia desvalida tinha achado um pae que o destino lhe negara! Mas, reflectia elle — como posso eu viver passando por infame traidor aos olhos daquella a quem adoro e daquella a quem devo mais do que a vida, a quem devo tudo quanto sou e poderei ser ainda, si melhores destinos me sorrirem?

Que outro recurso me resta para me justificar perante ambos sinão avançar até elles com mão armada e victoriosa? Se eu sucumbir na lucta lá está o memorial, que ficou entregue a mãos fieis, honradas e dedicadas, e desvendará aos olhos d'aquelles cegos voluntarios tudo quanto tem acontecido e justificará minha memoria. Então comprehenderão claramente quem era o homem de bem, o amigo leal e dedicado; se eu, Mauricio, ou esse ignobil fidalgo, que para cavar minha ruina lhes venda os olhos e os vae empurrando para um abismo, do qual queira Deus que escapem incolumes; e a lagrima de dor e de arrependimento, que eu sei que o pae e a filha hão de verter sobre a minha sepultura, amaldiçoando o nome de Fernando, será cabal vingança e a extrema consolação que minha alma levará para o outro mundo. Mas, se Deus proteger os meus designios, que são os da causa da verdade e da justiça; se eu puder fallar-lhes alto, [illegible] nada receiar pela minha cabeça [illegible] de meus amigos, até agora expostas a todos os embustes e perseguições de um scelerado.... As reflexões de Mauricio foram atalhadas por Antonio:

— Que é isto?... O patrão anda só a banzar!... Estamos perto; é tempo de fazer alguma cousa!...

— E' verdade, meu amigo — acudio Mauricio, como que acordando de um pesadello. — Chama Zamby para concordarmos no que havemos de fazer.

* * *

Mauricio, que se achava com Antonio sob o fragil abrigo de ramos que

lhe haviam preparado os indios, mandou chamar tambem para junto de si Zamby. Emquanto a chuva desabava rugindo pela coma da floresta, os troncos rangiam açoitados pelo vento e as catadupas roncavam despenhadas pelos grotões da serra, os tres começaram a deliberar sobre o modo por que deviam avir-se no assalto que iam emprehender contra os emboabas de S. João d'El-Rey.

Antonio e Joaquim, o indio e o africano, eram o braço direito e esquerdo de Mauricio; não lhe eram sómente uteis pela valentia e coragem nos combates; tambem nas deliberações gostava de ouvil-os, pois eram ambos capazes de se encarregarem do mais arriscado emprehendimento.

Não lhes faltava para isso nem tino nem audacia, e bem se sabe a extrema lealdade que votavam não só á causa que serviam, como mesmo á pessoa de Mauricio.

Concordaram facilmente e sem contestação, que o assalto devia ser dado de noite, e, para esse fim, tomando as precauções para que sua approximação não fosse percebida, deviam ir postar-se na gruta de Irabussú, que lhes era bem conhecida. Desse medonho esconderijo que com razão presumiam ainda não fosse descoberto pelos emboabas, poderiam mandar ao arraial de S. João, espias que se informassem do estado da povoação, se se achavam ou não ali prevenidos contra qualquer aggressão.

Essa espionagem tanto Antonio como Joaquim poderiam desempenhal-a perfeitamente, pois conheciam melhor que ninguem o terreno, as pessoas e mesmo as circumstancias do arraial. Algumas palavras que pudessem ouvir, sem serem presentidos, podiam dar-lhes a revelação do estado em que alli se achavam os animos e as cousas.

Havia, porém, uma grande difficuldade em que Mauricio insistia e cuja solução era difficilima e quasi impossivel. Esse assalto devia ser um ataque e uma defesa ao mesmo tempo. Mauricio, como se sabe, tinha supremo interesse em derrotar os emboabas, salvando não só a vida como a propriedade do capitão-mór e sua filha. Queria um golpe rapido, seguro e certeiro, sem que o capitão-mór soffresse a menor violencia ou desacato em sua familia, golpe dado sem precipitação nem alarido e, se fosse possivel, sem o derramamento de uma só gotta de sangue. Antonio tambem tinha presa em casa do capitão-mór sua querida Indahyba e, por consequencia, receiava egualmente que no furor do ataque a pobre menina fosse victima da ferocidade brutal dos guerreiros Aymorés.

Estes não podiam conhecer o capitão-mór, nem sua filha, nem Indahyba, pessoas que nunca tinham visto. Joaquim, posto que não tivesse em casa do capitão-mór pessoa por quem immediatamente se interessasse, comprehendia comtudo perfeitamente a situação de seus dois companheiros de infortunio, porque lá tambem tinha sua amante, senão em casa do capitão-mór, em outra qualquer parte que elle mesmo ignorava; e estava disposto a procural-a, a tomal-a e defendel-a, em qualquer parte, onde quer que a encontrasse, á viva força.

Perplexos e irresolutos assim estiveram por algum tempo, sem saber em que haviam de accordar. Antonio, porém, depois de alguns minutos de silencio e reflexão, propoz este alvitre:

— Patrão, tenho uma idéa, — exclamou elle, batendo na testa e levantando-se com enthusiasmo.—E' cousa muito simples, mas não hà no mundo ninguem que a possa desempenhar, senão eu.

— Qual é ella, Itauby ? Dize-nos depressa.

— E' o seguinte. Amanhã ou depois, quando for possivel, vou a S. João, entro ás escondidas em casa do patrão velho, procuro Indahyba, que de certo ainda lá está guardada...

— Ah! meu amigo, — interrompeu Mauricio, — tu vaes correr muito perigo... não devo consentir...

— Deixe-se de sustos, patrão. Vossa mercê bem sabe que não é a primeira vez que tenho feito isso sem correr nenhum risco.

— Pois vá feito; mas que vaes tu fazer em casa do capitão-mór?

— Vou procurar Indahyba e taes artes arranjarei que poderei conversar com ella sem que ninguem nos perceba e hei de fallar-lhe assim: — Indahyba, olha que em tal noite, a taes horas, o senhor Mauricio, eu e muita gente armada vamos dar de subito nesta casa, isto para teu bem, de Sinhá Leonor e de Helena; nessa noite e nessa hora, tu e ellas duas devem estar no oratorio rezando; vae haver guerra e sangue; mas, haja o que houver, não saiam da capella porque correm grande risco, e lá, nossos guerreiros, que serão avisados por mim, hão de respeital-as e não tocarão nem em um fio de vossos cabellos.

— E o capitão-mór? — interrompeu Mauricio. — Tu te esqueceste delle... Onde se refugiará?

— Ora! o capitão-mór!... esse é um valente!... ha de sahir a combate; mas, coitado!... é velho; Antonio de um pulo o agarra, carrega-o para o meio dos nossos e, sem o magoar, põe-no fóra do combate e de perigo.

— Bem sei que assim o farias; mas, se elle cahir em mãos de outros?

— Ah! nesse caso — redarguiu Antonio hesitando — nesse caso... Antonio no meio do combate mostrará o capitão-mór aos seus guerreiros e dirá: «E' aquelle; não toquem nelle". E elles cumprirão minhas ordens.

— Mas um ataque á noite! As flexas, os tiros que se disparam mesmo de perto, a esmo, sem pontaria?... Quanto perigo não corre?... Já te esqueceste do Affonso, o infeliz irmão de Leonor, que vi morrer na ponta de minha espada, por mais esforços que eu fizesse para nem de leve offendel-o?... E o temerario e impetuoso Calixto? Pobre moço... Coberto de feridas, combatia como um leão; consegui desarmal-o, mas elle cahiu exangue e inanido, não sei si morto. Oh! isto é cruel! é doloroso! Confesso e sinto que me vae faltando coragem e resolução para sujeital-os aos azares de um novo conflicto, que poderá talvez não ter outro resultado senão o de aggravar mais os funestos effeitos do primeiro.

— Não tenha susto, meu branco; seu negro e Antonio, antes que haja sangueira e carnagem, hão de procurar e hão de achar modo de roubar as tres meninas e botal-as a salvo em logar seguro. Desta vez a gente já está escarmentada e não se ha de ir assim atôa, não; ha de se riscar nosso plano, e, com a ajuda de Deus, Nosso Senhor, a cousa ha de tomar rumo.

— E' justamente o que eu penso, Zamby; não temos mais que nos avir com essa gente barulhenta e desensoffrida, como da primeira vez; os meus Aymorés me obedecem cegamente e nenhum delles é capaz de respingar contra o que eu disser. Mas, como eu já disse, para se poder roubar e pôr a bom recato as tres meninas, é preciso que ellas estejam avisadas para não se assustarem e não fazerem alarido; para isso é indispensavel que eu me introduza sorrateiramente em casa do patrão velho.

— Não caias nessa, Itauby; tu não comprehendes que avisar Leonor é levar infallivelmente ao conhecimento do capitão-mór e de Fernando a nossa approximação e os nossos projectos?... Leonor hoje me tem na conta de um traidor, um facinora, julgando-me o assassino de seu irmão; esse rapto para ella actualmente é uma infamia, a que por modo algum se sujeitará; demais ella adora seu pae e, com os nobres e elevados sentimentos de que é dotada, vendo os riscos a que se acha exposto, como poderá deixar de avisal-o afim de prevenir-se contra o golpe que o ameaça?...

— Mas Itauby lhe fará ver que o patrão está innocente das desgraças que houve e do sangue que se derramou e lhe contará toda a historia da gruta.

— Nem tocar nisso, Itauby; isso é um passo arriscadissimo que iria denunciar-nos e transformar todos os nossos planos. Não; se me queres bem, se queres bem a Leonor e Indahyba, não faças semelhante loucura...

— Loucura, meu patrão?...

— Sim, loucura, meu amigo: as cinzas do joven Affonso ainda estão quentes; ainda fumega o sangue de emboabas e paulistas que naquella fatal noite fomos forçados a derramar. Foragidos, como andamos, por estes sertões, nada sabemos do que tem occorrido no arraial de S. João. E' bem provavel que todos, tanto emboabas, como paulistas que por ventura ainda alli existam, sejam todos contra nós, até mesmo o proprio Calixto que, desarmado por minhas mãos, foi posto fóra de combate e nesse caso lá ficou, ferido ou prisioneiro, em casa do capitão-mór.

— Cruz! Ave Maria, patrão! nem é bom lembrar-se disso.

— E' bom lembrar, se bem que nos dóa n'alma! A' excepção de Gil, que sabia de minhas intenções e que comtigo tão generosamente correu a me salvar na ultima refrega, com quem mais podemos nós contar? O proprio mestre Bueno, se por acaso ainda por lá anda, me terá talvez em conta de traidor!

Mauricio pronunciou tristemente estas palavras, deixando pender a cabeça para o chão.

— E quem sabe — accrescentou ainda — se a mesma Indahyba a quem tanto adoras, embaida pelo perverso e *embusteiro Fernando, não estará* tambem contra ti, contra mim e contra nós todos?

— Ah! patrão, patrão!... não falle assim! exclamou o indio soltando um rugido de jaguar. Se isso pode acontecer, Itauby não descança mais um momento; sozinho ou com quem quizer acompanhal-o, lá vae; mata tudo quanto encontrar deante de si, agarra pelos cabellos Indahyba e, si ella não acreditar nelle, enterra-lhe esta faca no coração!...

— Oh! Antonio; oh! meu amigo! — disse Mauricio com voz supplicante, arrependido das palavras que acabava de proferir, e que tão violenta excitação haviam produzido no espirito do amoroso e valente indio.

— Antonio, não! bradou elle ainda exasperado. — Itauby! Itauby! Chame me Itauhy! Se Indahyba está pervertida, é pelos christãos, e eu quebro este...

Dizendo isto, Antonio apertava com mão frenetica o pequeno crucifixo de prata que sempre trazia ao pescoço. — O Deus que proteje a esses que perseguem umas pobres meninas desvalidas não póde ser bom!

— Que dizes, Antonio!... estás a blasphemar!

Nesse momento um trovão, e um raio que cahiu a pouca distancia, prostraram um enorme tronco.

— Estás vendo, Antonio, o effeito de tuas palavras? E' uma ameaça!... O nosso Deus, que morreu por nosso amor, não póde proteger os máos. O máo, o unico máo que lá existe, tu bem o conheces, é o maldito Fernando. Esse, tarde ou talvez bem cedo, por designio desse mesmo Deus, de quem acabas de maldizer e desconfiar, ha de cahir prostrado a nossos pés e receber o castigo que merece. Oh! por quem és, Antonio, não percas a fé no Deus de bondade e de justiça, que é hoje nosso unico refugio.

Ao proferir estas palavras, Mauricio, que tinha crença firme e profunda na religião do crucificado, levantara-se em toda a altura do seu bello porte, e, apontando para o céo com um gesto inspirado, parecia um propheta a devassar os arcanos do futuro.

O africano, com um joelho meio curvado, e arrimando-se em sua zagaia, contemplava-o cheio de respeito e commoção. Antonio prostrou-se aos pés do seu amo, abraçando-lhe os joelhos:

— Perdão, meu amo—exclamava elle —Antonio já não sabe o que disse; não faça caso das palavras de um bugre grosseiro que nasceu no matto; elle tem a cabeça muito ruim, mas seu coração é bom.

— Levanta-te, meu bom Antonio! Tens um coração mais nobre do que a maior parte dos fidalgos, e, se tua cabeça desvaira alguma vez, é levada por impulsos generosos. Deus te perdoará o grito de blasphemia que ha pouco te veiu á bocca e que decerto não nasceu da alma nem veiu do coração, mas do impeto da paixão.

Emquanto se dava esta scena, a chuva havia cessado completamente; as nuvens, impellidas do occidente para o oriente por uma violenta lufada, deixaram o sol completamente descoberto, coando do occaso inflamado seus raios horizontaes atravez da ramagem e dos troncos da floresta.

Agitado pela brisa que succedera ao tufão, o tecto verde-escuro da matta, de onde um outro pedaço do azul apparecia, deixava cahir o resto da chuva que ainda lhe humedecia a coma, aos pingos grossos, irisados. A selva apresentava então um aspecto phantastico e deslumbrante; as resteas de sol que se insinuavam naquellas brenhas, quebrando-se sem derramar luz muito viva nem sombras muito pronunciadas, expandiam uma claridade egual e côr de rosa; os troncos, cobertos desse musgo que lhes reveste a crosta aspera e rugosa, pareciam columnas de bronze velho e azinhavrado e as gotas que cahiam da folhagem, iriadas pela luz do sol, pareciam uma chuva de ouro, de perolas, de rubis, de topazios e esmeraldas. Pura phantasmagoria!

Os malaventurados viventes, que ali se achavam, não encontravam deante de si senão brenhas e escabrosidades a romper, senão trabalhos e privações a supportar, azares e perigos.

— Não ha mais hesitar, — reflectiu Mauricio comsigo mesmo — o meu destino, seja qual fôr o resultado, feliz ou desastroso, está traçado de um modo fatal e inevitavel. O meu caminho é um só, sem desvio nem atalho possivel; devo marchar com as armas na mão, direito á casa do capitão-mór. Não quero, não devo, não posso ter outro procedimento. E' possivel que eu passe os dias, que ainda tenho de viver, errante, foragido, diffamado e até amaldiçoado pelos entes a quem mais prezo neste mundo e por quem tantos sacrificios tenho feito?... E elle, esse vil e embusteiro Fernando, o unico auctor de todos os meus infortunios, passe a vida junto della, gosando de todas as venturas que o céo me tenha destinado?! Oh! não! nunca! nunca! E' forçoso ar-

rîscar um golpe decisivo, que me arranque de uma vez destas crueis conjecturas, deste inferno insupportavel, em que ha mais de seis mezes me vejo sepultado e que cada vez se torna mais sinistro e desesperador!... Não é só a honra e a liberdade de tres donzellas e os direitos de meus patricios opprimidos por um perro de emboaba o que tenho de proteger com as armas na mão; é tambem a minha vida que tenho a defender e pôr em segurança; é tambem e principalmente o baldão de traidor, que macula meu nome, baldão que, infelizmente, só poderei lavar com sangue. Ah! Deus me perdoará por certo o sangue que for derramado; é em defesa da honra, da lealdade, da justiça, do amor e da innocencia!

Entretanto, o sol havia inteiramente desapparecido atraz dos morros do poente; o ribeiro que a pouco turbido e espumoso rolava em catadupas rugidoras atravez das selvas, escalavrando as ribanceiras, agora, reduzido a seu leito natural, murmurava timidamente como o cão irritado que se deita rosnando aos pés do senhor, que veiu apazigual-o.

— Eia, meus amigos! — disse Mauricio com voz animada e resoluta. — Já agora não nos é mais dado recuar. Não tarda anoitecer; o ribeirão já esvasiou, passemos para outra banda antes que venha por ahi mais alguma pancada de chuva grossa, como a que acabamos de aguentar. Esta noite mesmo, a não haver algum transtorno, poderemos estar na caverna de Irabussu'.

A estas palavras de Mauricio, Antonio e Zamby saltaram fóra da pequena tolda de ramos, em que se achavam abrigados. Antonio deu um signal aos seus Aymorés, que em um momento se puzeram de pé com suas armas e cabazes e se agruparam redemoinhando como uma vara de caetetus, gesticulando e resmungando com esgares, gestos e palavras indigenas, que denunciavam impaciencia e vontada de partir.

O troço de homens de Mauricio, composto, como sabemos, de alguns poucos paulistas, de negros foragidos e de diversos bugres meio civilizados, tambem não tardou em se apresentar prompto para proseguir na marcha. Em poucos minutos tinham todos passado para a margem direita do corrego.

O dado estava lançado; Mauricio havia transposto o seu Rubicon.

CAPITULO V

Uma vez passados para a outra margem do arroio, Mauricio e seus companheiros se puzeram em marcha e foram acompanhando o curso da torrente, não por caminhos nem trilhos, que não existiam, mas por uma batida, como se diz em linguagem sertaneja, que ali havia ha muitos seculos aberta por certo pelos animaes silvestres, pelas antas, veados e caitetús e depois mais praticavel talvez pela frequente passagem das hordas errantes que cruzavam por aquellas paragens. Essa batida, que seguia até as proximidades da confluencia do ribeirão com o Rio das Mortes, já era muito conhecida de Antonio, de Zamby e mesmo de Mauricio, que em suas caçadas tinha tido occasião de reconhecel-as.

Não pensem, porém, os leitores, que era um caminho franco e desimpedido: nas mattas brasileiras, principalmente naquella epocha, sómente dous ou tres mezes de chuva mudavam completamente o aspecto do sólo.

As torrentes pluviaes e a extraordi-

naria exuberancia de uma vegetação vigorosa e rapida apagam completamente, em pouco tempo, até o ultimo vestigio, mesmo de uma estrada regular, feita pela mão do homem civilizado, atravez das florestas, se ella não continua a ser frequentemente transitada.

A não ser o instincto selvatico de Antonio e o traquejo que Mauricio e Joaquim tinham daquelles sertões, bem difficil seria reconhecer o seguimento dessa batida. A marcha, portanto, não podia deixar de ser lenta e penivel atravez de uma floresta, onde então apenas penetrava escassamente o clarão da lua, que ainda não havia attingido ao seu quarto crescente.

Antonio, Mauricio e Joaquim, como conhecedores e praticos da localidade, caminhavam adiante. Marchavam um a um, de frente, porque em semelhante caminho e com tal escuridão, outra não podia ser a ordem da marcha. Assim andaram sem novidade nem contrariedade alguma por espaço de duas horas, avizinhando-se do leito do Rio das Mortes.

Já estavam bem visinhos do logar em que, deixando o corrego, que desagua no rio, deviam descer por este, passar a ponte e d'ahi continuar margeando-o sempre, seguindo aguas acima o seu curso, para chegar antes de amanhecer á gruta de Irabussú.

— Graças a Deus, — disse Mauricio a Antonio — estamos quasi chegados sem grande novidade nem contratempo ao termo de nossa terrivel peregrinação. De amanhã em diante só nos será preciso astucia, coragem e prudencia.

— E' verdade, patrão; não nos ha de faltar nada disso: animo e paciencia no trabalho e no perigo não nos faltam, e Deus é por nós.

Poucos instantes depois de proferidas estas palavras, Antonio, que marchava uns cincoenta passos adiante de Mauricio, parou de subito, deitou-se por terra, e encostou o ouvido ao chão, e nessa posição se conservou por alguns instantes.

— Que temos de novo, Antonio? perguntou Mauricio com soffreguidão e voz abafada.

— Não sei, meu amo; mas parece-me que ahi vem gente pela nossa frente.

— Ah! exclamou Mauricio com angustia; teremos sido percebidos!... Estaremos denunciados?!

— Isso não é possivel, patrão; até o presente nenhum de nossa tropa desertou ainda e em nosso caminho ainda não encontramos viva alma. Ha de ser algum troço de bugres, como eu e meus Aymorés: com esses eu me entendo, o patrão bem sabe; não é a primeira vez, esperemos. Zamby, manda nossa gente marchar avante depressa e parar...

Zamby voltou cincoenta passos e com incrivel rapidez fez parar toda a horda debaixo do maior silencio. Mauricio e Antonio avançaram mais uns trinta passos e esperaram a pé quêdo e quasi suspendendo a respiração na maior anciedade; por fim, ouviram distinctamente o tropel surdo de homens, que se avisinhavam.

Momentos depois, Antonio com sua vista de lynce lobrigou atravez das trevas, na distancia de uns cincoenta passos, a vanguarda de um grupo de homens que, entre os ramos, vinha avançando pela mesma batida. Antonio, sem dizer palavra, entesou o arco e despediu uma flexa que voou zunindo e foi cravar-se em um tronco, pouco acima da cabeça dos que vinham. A resposta foi um tiro, e uma bala, que silvou bem perto dos ouvidos de Mauricio e Antonio.

— Bem vês, Antonio, que não são bugres. Estamos descobertos, — disse

Mauricio e depois com toda a força de sua voz clara e vibrante: — Antonio, Zamby, paulistas, temos inimigos pela frente! avançar!...

— Mauricio! bradou mais alto ainda outra voz do lado contrario.

Ouvindo esta voz, Mauricio estremeceu e parou hirto e immovel como si seus pés se cravassem de subito no chão e clamou por tres vezes — Gil! Gil! Gil!

Ambos voaram um para o outro, de braços abertos e, atravez da escuridão, como levados por uma poderosa attracção magnetica, ou por uma impulsão mysteriosa, cahiram nos braços um do outro.

— Estás ferido?

— Não, e tu?

— Nem de leve! Louvado Deus!

Gil não precisou dizer uma palavra a sua comitiva, composta de uns vinte homens em sua maioria paulistas e alguns indios domesticados.

O nome de Mauricio, que ouviram distinctamente dos labios de Gil, nome que lhes era tão conhecido, foi echoando de bocca em bocca:—«E' Mauricio! é Mauricio!...» e sustou immediatamente todo o acto de hostilidade.

Os Aymorés, porém, que vinham ainda um pouco disseminados a uns cem passos atraz e que não sabiam quem era Gil, ignoravam inteiramente o que acabava de occorrer. Antonio, deixando Mauricio e Gil, com a rapidez do veado voltou ao encontro delles, que com Zamby á frente já vinham em passo accelerado e de flexa enristada, dispostos a combater a todo o transe.

— Zamby! Zamby!... bradou Antonio. Pára ahi, são amigos! E' Gil, o amigo do patrão.

Em alguns instantes, mas não sem alguma difficuldade, Antonio e Zamby conseguiram conter e applacar o impeto bellicoso, de que vinham animados e que impellia para diante aquelles selvaticos guerreiros. Pareciam sentidos por terem perdido aquella primeira occasião de mostrar ao filho de seu velho chefe a pujança do tacape brandido por seus braços e os tiros certeiros de suas flexas aceradas.

Posto que um pouco descontentes, avançaram lenta e tranquillamente; mas os paulistas de ambos os grupos encontradiços, que eram todos conhecidos e amigos velhos, cheios de contentamento por aquelle feliz e inesperado encontro, se apinhavam e ennovelavam em derredor de Gil e Mauricio, cada qual mais ancioso por vel-os. Aquelle troço de cerca de quarenta homens, remoinhando em volta de um ponto limitado, fallando-se uns aos outros com voz surda e abafada, no meio de uma floresta espessa e tenebrosa, altá noite, se não se assemelhava a um congresso de vampiros e duendes, devia parecer-se com uma vara de caetetus quando agglomerada em torno do caçador, que, trepado em um tronco ou em um cupim, munido de uma fouce os vae ceifando um por um.

Assim Gil e Mauricio não se viram livres do aperto, emquanto não falaram e abraçaram a cada um dos do grupo contrario.

— Que feliz encontro, hein? Mauricio?!

— E' verdade, meu Gil; feliz encontro, mas por um pouco nos ia sendo fatal.

— Ah! Mauricio! Deus proteje a boa causa. E' tempo de nos vingarmos; tudo corre ás mil maravilhas a nosso favor; só tu nos faltavas. Agora creio que podemos contar com o triumpho.

— Devéras, Gil?!

— Oh! por Deus, meu amigo! Mas não devemos perder tempo aqui para-

dos. Eu só venho á tua procura; acheite mais depressa do que esperava e agora tenho de voltar comtigo.

— Vamos, Mauricio! ordena a tua gente, e toca a marchar; de caminho, apesar da escuridão e da difficuldade da marcha, tudo te direi, contando por miudo.

Puzeram-se, pois, em marcha, os da comitiva de Gil, voltando sobre seus passos e os de Mauricio, proseguindo sua jornada.

Si grande era o desejo, que tinha Gil, de contar a seu amigo tudo o que havia occorrido depois que se haviam separado na calamitosa noite do assalto á casa do capitão-mór, maior era ainda a anciosa curiosidade de Mauricio por saber o que alli se passára depois. Portanto, apezar da escuridão do caminho, Gil, interrompendo-se a cada passo, foi contando o que se vae ler nos capitulos seguintes. Antonio e Zamby, igualmente interessados, seguiam-nos immediatamente e marchavam sobre as pegadas dos dous jovens paulistas, cosiam-se a elles como se fossem sua sombra, sempre de ouvido afiado afim de não perder uma só palavra.

CAPITULO VI

— Tenho muito que te contar, meu caro Mauricio.

— Bem o sei e estou ancioso por saber tudo; mas em primeiro logar dá-me noticias de Leonor.

— Ah! já eu esperava por essa pergunta! é tão natural... é ella o teu eterno cuidado!

— Desculpa-me, meu amigo.

— Oh! sim, não te estou exprobando nada; o amor e tão natural em um moço e ella é tão digna de adoração... Mas espero que desta vez não irás commetter as imprudencias, que da outra vez nos puzeram a perder!

— Não tenhas susto, Gil; a experiencia escarmentou-me; mas... como vae ella?

— Infelizmente não te posso dar noticias muito circumstanciadas a seu respeito; só sei que ella vive muito triste depois daquella noite fatal, o que é muito natural e explicavel; tanto sangue, tantos desastres, a morte de seu irmão...

— Ah! sim! sim! Não era preciso tanto para abalar profundamente aquelle coração tão nobre e tão sensivel; e ademais, Gil, talvez o saibas, Affonso morreu atravessado por minha espada...

— Ah! não sabia... Como foi isso então, Mauricio?

— Sem eu querer... Pelo contrario fazia todo o possivel para desarmal-o sem o offender; mas emquanto eu, com a espada em riste, no meio daquella confusão medonha, que tu bem viste, com minha capa enrolada no braço esquerdo aparava uma cutilada, o pobre moço atirou-se ás cegas, como um furioso, sem reparar na espada, e cahiu morto a meus pés com a garganta atravessada. Bem podes calcular qual foi a minha angustia, o meu desespero, quando arranquei a minha espada fumegante do sangue do irmão de Leonor. Julguei-me inteiramente perdido, e dessa hora em diante tambem brigando como um louco, tanto ou mais do que Affonso, suspirava pelo golpe, que viesse dar cabo de meus dias. Mas dahi appareceste com Antonio, voando em meu soccorro; reflecti um pouco e comprehendi que não devia morrer ainda;

era um auxilio que parecia descer-me do céo; eu não devia morrer deixando meu nome com o labéo de traidor aos olhos daquella por cujo amor até alli me tinha exposto a tantos e tão extranhos azares. Correndo em meu soccorro, tu e Antonio, não me salvastes só a vida; salvastes o meu nome do opprobio e da ignominia.

— Isso era *nossa obrigação*; serviço por serviço, dedicação por dedicação; o que nos cumpre agora é não descançar emquanto não puzermos um paradeiro a esta vida de proscriptos que levamos, a esta série de azares e sacrificios, a que ha perto de dous annos andamos condemnados.

— Isso é que é falar verdade, senhor Gil! exclamou Antonio, não podendo conter o desejo de tambem tomar parte na conversação. A gente ha de andar perdida por estes mattos, passando vida de cachorro, ao sol e á chuva, perseguido como onça, e elles bem anchos e enxutos, debaixo de bons tectos, depois de terem roubado nosso ouro e aprisionado nossas amantes!... Ah! estou afflicto por saber o que é que tem havido lá pelo arraial de S. João d'El- Rey.

— Igual impaciencia tenho eu, Antonio.

— Vamos, anda Gil, conta-nos o que aconteceu e o que foi feito de nossos companheiros depois daquella desastrada noite.

Gil foi contando pelo caminho o seguinte:

— Na noite do mallogrado e prematuro assalto dado á casa do capitão-mór, elle, que ao ponto de Ave-Maria se tinha separado de Mauricio, foi direito a sua casa. Gil, graças ás diligencias do seu velho bugre Irabussu', era possuidor de uma consideravel fortuna consistente em ouro bruto, em pó e em folhetas, que o bugre colhia ás escondidas não se sabia onde.

Como nessa noite tinha de arriscar-se aos azares de um conflicto, cujo resultado era bem duvidoso, desejava pôr a bom recato esses valores, afim de que não cahissem nas mãos dos emboabas.

Sabia que todo o mal que estes lhe desejava provinha não tanto do odio, que votavam á sua pessoa, como da inveja que tinham de sua riqueza, que reputavam dez vezes superior ao que realmente era.

Gil preferia ver esse thesouro restituidb ao seio da terra donde sahira, a entregal-o ás mãos avidas de seus perseguidores.

Não tinha a quem confial-o por que seus melhores amigos andavam, como elle, foragidos e expostos aos mesmos perigos e perseguições. Depois de pensar por algum tempo, tomou uma ultima deliberação.

— Foi Irabassu' quem me deu estas riquesas, — pensou elle. Sahiram da gruta, onde elle morava e talvez móra ainda. Só elle adquiriu este ouro, com tantos trabalhos e perigos, para mim. Assim, pois, levemos este thesouro para o logar donde veio. Em parte alguma póde ficar mais bem guardado, do que ali, debaixo das vistas de quem o descobriu.

Tendo tomado esta resolução, Gil, chegando á casa formou um pacote de todo o ouro e joias que possuia, montou com elle a cavallo, e partiu a trote largo para a gruta de Irabussu', de onde nessa noite elle e Mauricio deviam conduzir os insurgentes contra o arraial e contra a casa do capitão-mór. Tomando, como era seu costume, caminho muito differente daquelle que seguia a cohorte dos insurgentes, ao chegar á gruta ficou surprehendido por encontral-a completamente abandonada. Não

era possivel que os insurgentes tivessem sido atacados pelos emboabas.

Gil não encontrou na gruta o minimo signal de combate, nem cadaveres, nem sangue. Logo atinou com o verdadeiro phenomeno:

Fôra a impaciencia e soffreguidão dos insurgentes que, não achando quem os reprimisse, os levaram a antecipar o rompimento sem esperar nem por elle, nem por Mauricio.

Esta apprehensão, que era uma certeza, encheu-o de inquietação; mas, como o mal estava feito e sem remedio, Gil, pegando em um tição dos fogos ainda não extinctos, para alumiar seus passos, procurou na gruta um logar onde depositasse seu thesouro. Desviou uma especie de nicho, cuja abertura não era grande, mas parecia ter cavidade bastante profunda. Por cima desse nicho formava-se em relevo uma perfeita cruz de scintillantes estalactites; era um logar bastantemente assignalado e com um signal auspicioso; em qualquer tempo Gil, que conhecia muito bem a gruta, poderia reconhecel-o. Estendendo bem os braços, que a custo puderam alcançar a altura do nicho, Gil ahi atirou o pacote que continha sua riqueza. Depois, voltando-se para o interior da gruta:

— Irabussú!—clamou com voz bem alta — teu amigo Gil vem confiar á tua guarda este ouro, que lhe déste. Se ainda és vivo, vigia bem esse thesouro, para que não caia em mãos de nossos inimigos.

— Branco, vae-te em paz! rugiu uma voz pesada e lugubre do fundo dos socavões da gruta. — Ninguem tocará no teu ouro, porque, vivo ou morto, Irabussú sempre aqui estará. Vae-te, mas não me voltes mais aqui sem trazer pela mão minha filha Indahyba e o teu punhal tinto no sangue do emboaba.

— Confesso, — dizia Gil depois de ter contado este estranho episodio, — confesso que não esperava resposta alguma, e que quando ouvi na medonha solidão daquella caverna os écos sepulcraes de uma voz, que parecia fallar das *margens do outro mundo*, tive arrepios de medo, e tremi dos pés á cabeça. Não tive animo de fallar, sahi da gruta a toda a pressa e voltarei á redea solta para a povoação.

— Ah! senhor Gil! — acudiu Antonio — nessa mesma noite, já Irabussú nos *tinha falado*, e foi elle, o pae de Indahyba, quem alvoroçou a gente toda... elle e Calixto... eu tambem fiquei com os cabellos arripiados... Aquelle velho bugre ou é o demonio que nos tenta, ou é o nosso anjo da guarda.

— Seja o que for, aquelle indio velho e matreiro ainda existe em sua caverna mysteriosa, e é um grande elemento, com que podemos ainda contar.

Gil, continuando a sua narrativa, contou como ao chegar á casa ouviu os primeiros tiros, a vozeria e o estrondo do assalto á casa do capitão-mór.

Sua conjectura se realizava. Largou o cavallo e correu immediatamente para lá. Ao entrar no pateo encontrou-se com Antonio, que do lado opposto vinha correndo tambem para o theatro daquelle horroroso conflicto em procura de Mauricio.

Essa terrivel e tremenda refrega teve termo na fuga de Mauricio e Antonio para um lado, e na derrota e dispersão dos insurgentes para outro.

Depois que se separou de seus amigos, Gil andou percorrendo as ruas da povoação, arrebanhando seus patricios destroçados e em debandada. Os portuguezes felizmente para os paulistas, talvez por temerem ainda algum novo assalto, não abandonaram a casa do Capitão-Mór, de maneira que

não foi difficil a Gil reunir sem grande perigo os insurgentes fugitivos e conduzil-os para sua casa.

Além dos que morreram no conflicto, muitos, gravemente feridos, tinham ficado prisioneiros em casa do Capitão-Mór, e outros tinham-se desnorteado e no fim de contas Gil só poude reunir trinta ou quarenta insurgentes, quasi todos paulistas, alguns bugres, e um ou outro africano. Tabajuna, o valente e prestigioso chefe dos Caethés, havia succumbido na lucta; uma bala, logo no começo do ataque, lhe havia atravessado o craneo. Este terrivel incidente encheu de furia a seus guerreiros, que foram os primeiros a sahir á varanda e a encher a casa do capitão-mór de sangue e de cadaveres. Mas restava ali vivo e bem disposto o velho ferreiro, o valente mestre Bueno, tão rijo e resistente como o ferro em que costumava malhar, e que, preso por causa do minhoto, fôra solto pelos insurgentes. Gil, depois de ter pensado algumas leves feridas dos seus camaradas e de lhes ter dado algum conforto e alimento que tinha em sua casa, dirigiu-se a mestre Bueno pedindo-lhe conselho sobre o que deveriam fazer.

— Então, meu velho amigo, que devemos fazer agora?... Dentro de duas ou tres horas vae amanhecer o dia; não podemos *ficar aqui reunidos no* arraial: os emboabas cahirão sobre nós, e somos bem poucos para lhes poder resistir.

— E o que é que o patrão pretende fazer? — perguntou mestre Bueno...

— Eu... eu... respondeu Gil hesitando, vou-me embora daqui com os companheiros que quizerem seguir-me. Aqui até agora já não havia segurança, nem liberdade para nós; daqui em deante, depois do desastre desta noite, havemos de ser perseguidos como onças.

— Pois eu, patrão, não saio desta redondesa; aqui hei de ficar como onça mesmo que sou; aqui hei de espiar, aqui hei de negociar tudo. Lá está minha filha, na casa daquelle capitão-mór de uma figa. Calixto tambem lá ficou, não sei se vivo ou morto. Ou hei de arrancal-os de lá ou hei de botar fogo na casa e lá morrer com elles.

— E onde pretendes tu ficar, que não te persigam e não te apanhem?...

— Onde? na caverna de Irabussu'. Lá está o meu velho indio; elle bem me conhece; nós nos arranjaremos.

Gil *reflectiu um momento* e convenceu-se de que, na urgente situação em que se achavam, o melhor expediente era mesmo tomarem immediatamente todos os que ali se achavam o caminho da gruta.

Sómente lá poderiam encontrar segurança e tempo para deliberar tranquillamente sobre o que agora deviam fazer. Tomada esta resolução por accordo unanime, Gil arranjou tudo que havia de aproveitavel em sua casa, armas, viveres, vestuario, ferramenta, e cada um tomando o que podia carregar, evacuaram a pequena casa seguindo o rumo da gruta de Irabussu'. Gil foi o ultimo que sahiu, e tirou a chave, dizendo com seus botões:

— Vão achar a casa vasia; mas não é máo dar-lhes o trabalho de arrombal-a; irão a meu quarto, arrombarão tambem a minha gaveta, e lá acharão sómente um pedacinho de papel com estas linhas:

«O ouro do minhoto acha-se em poder do senhor Dom Fernando; o de Gil, Irabussu' o levou de novo para o outro mundo».

Com este ardil, que a ninguem tinha communicado, era seu intento assa-

nhar os emboabas contra a cobiça de Fernando, e darem-se de novo a perros para descobrirem Irabussu' em sua gruta, ou seu thesouro. Talvez ousassem fazer alguma expedição ou exploração com tão bom resultado como a primeira. Era isso o que Gil mais desejava.

CAPITULO VII

Sem novidade nem contratempo, os insurgentes derrotados chegaram á caverna de Irabussu', quando já ia rompendo o dia. Gil contava ahi encontrar o thesouro, que na vespera confiára aos cuidados do velho bugre. Era um grande recurso, com que poderia armar muita gente e emprehender nova tentativa para sacudir o jugo dos emboabas.

Accenderam fogos dentro da caverna e, emquanto iam tomando algum descanço e refeição, não deixaram de deliberar.

Ficou convencionado que mestre Bueno continuaria na gruta, dirigindo a espionagem e preparando elementos para uma nova tentativa, emquanto Gil com alguns companheiros sahiria em direcção a Sabará e Caethé, por onde andava o tenente-general Borba Gato, paulista opulento e de grande prestigio, que annos antes, á frente de uma numerosa bandeira, alli tinha feito as primeiras descobertas de ouro e fundado diversos arraiaes. Borba Gato andava tambem por aquellas bandas em lucta encarniçada com os emboabas, dirigidos pelo celebre Manoel Nunes Viana, riquissimo e habil caudilho que gosava de immensa consideração e prestigio e exercia em quasi toda a região das minas então conhecidas tamanha influencia, que os proprios governadores o respeitavam e temiam.

Quando Gil, depois de tudo assim ficar deliberado e resolvido, perceben que todos os seus companheiros, em consequencia das fadigas daquella desastrada noite que acabavam de passar, se achavam profundamente adormecidos, chamou de parte a mestre Bueno que, em razão da extrema preoccupação de seu espirito, ainda não havia succumbido ao somno. Em poucas palavras, contou-lhe tudo quanto lhe acontecera e tinha feito na vespera de tomar parte no assalto e como tinha escondido os seus thesouros na gruta, confiando-os a Irabussú, que de facto lhe apparecera e assegurára que seriam fielmente guardados.

— Fez muito bem, disse mestre Bueno. — Antes se percam para sempre essas riquezas do que cahiam nas mãos desses perros excommungados.

— Entretanto, respondeu Gil, — é de absoluta necessidade que tu saibas em que logar desta gruta escondi esse ouro que não é meu, nem o quero para mim, e só o tenho para servir á causa dos opprimidos contra os emboabas. Tenho de partir e não sei se voltarei, pois vou expor-me a toda sorte de riscos e azares. Tu, mestre Bueno, tu, que aqui ficas, se bem que não estejas em plena segurança, com tudo melhor do que eu poderás vigiar esse thesouro, que nos pertence a todos.

— Mas Irabussú? — retorquiu mestre Bueno — Irabussú não vos prometteu vigial-o?

— E' verdade; mas Irabussu' é um ente mysterioso, que apparece e desapparece de tempos a tempos nas sombras de seus esconderijos impenetra-

veis, como um phantasma que se some no sepulcro ou delle surge conforme seu capricho. Ninguem sabe onde dorme aquelle esqueleto animado e um dia pode bem acontecer que por lá fique dormindo o somno eterno. Portanto, é bem que fiques sabendo em que logar está esse ouro. Em ti, meu bom e valente velho, deposito a mesma confiança que depositaria em Mauricio ou Antonio.

— Pois vamos com isso, patrão: permitta Deus que Vossa Mercê não nos falte; mas, se faltar, Bueno jura que não ha de pôr a mão nesse ouro senão para defender nossa gente e acabar com essa corja de emboabas. Mas o patrão bem vê que este velho ferreiro tambem anda jogando a vida, e que tão facil é Vossa Mercê perdel-a por lá como eu por aqui. E se nós dous morrermos ou cahirmos nas unhas do emboaba?

— Irabussu' entregará esse thesouro a quem lhe parecer.

— Mas Irabussú — Vossa Mercê mesmo ainda agora o disse, — vivo ou morto pode desapparecer...

— Ah! tens razão, mas que fazer, meu velho?

— Chamar um terceiro, que seja de confiança e que fique sabedor do logar...

— Tens razão; eu da minha parte nenhum receio tenho de confiar esse thesouro a qualquer de nossos patricios... São todos leaes e de consciencia pura; mas nem todos são prudentes e ajuizados... Eu tambem já fui um desmiolado como ninguem... a experiencia escarmentou-me. E' preciso um homem que saiba fazer desse ouro bom emprego a bem de nossa causa. Quem será esse, mestre Bueno?

— O senhor capitão Nuno. E' homem de edade e que gosa de respeito; não é nenhuma cabeça de vento, como o meu pobre Calixto...

— Bem lembrado, mestre Bueno: vá chamal-o.

Deste capitão Nuno deves te lembrar, Mauricio — disse Gil contando este episodio — é aquelle paulista não muito velho, mas de edade madura, que tantas vezes procurava moderar a impetuosidade dos nossos...

— Oh! se me lembro, Gil!... Posso eu esquecer-me de um dos nossos mais leaes e valentes camaradas? Foi elle que na caçada do capitão-mór voltou depressa a redea a acalmar a gritaria que nos ia compromettendo.

— E foi elle, Mauricio, que na noite do assalto, segundo me contaram, empenhou debalde os ultimos esforços para conter o levante, até que tu chegasses.

— Bem, disse Mauricio, — continúa; conta-me o resto; estou ancioso por saber tudo.

Gil continuou a contar o que vamos resumindo.

Mestre Bueno foi procurar entre os numerosos vultos, que jaziam adormecidos, a pessoa do capitão Nuno, não lhe sendo muito facil reconhecel-o com a fraca luz que reinava na gruta, mais fraca que um luar de quarto crescente ou mingoante. Sacudido por mestre Bueno, o capitão Nuno accordou algum tanto sobresaltado:

— Que me queres, mestre Bueno?...

—Pouca cousa, meu capitão, mas cousa de importancia.

O valente paulista poz-se de pé em um instante, procurando suas armas.

— E' inimigo? perguntou.

— Não, respondeu Bueno — mas eu e o senhor Gil precisamos agora mesmo de sua presença.

— Prompto, seja lá para o que for.

Guiados por Gil, Bueno e o capitão Nuno foram direito ao logar onde Gil escondera o thesouro commum.

— Oh! é aqui! — exclamou Nuno— um logar bem assignalado... e começou a reparar mais, — aqui bem perto emparedamos hontem o maldito Thiago . . . terá já morrido o malvado?!...

Nem Gil nem mestre Bueno estavam presentes na occasião em que, na vespera, os insurgentes haviam emburacado o Thiago; não podiam, pois, bem comprehender o sentido das palavras de Nuno; mas estes continuava a andar e a apalpar as paredes de estalactites. Por fim parou.

— Estamos perdidos! — exclamou elle — O maldito escapou... o buraco está aberto! oh! meu Deus! oh! meu Deus! estamos perdidos!...

— Que é lá isso? perguntaram ao mesmo tempo Gil e mestre Bueno, aterrados pela exclamação de Nuno.

Como o leitor sabe, Gil e mestre Bueno ignoravam o que se tinha dado na vespera a respeito de Thiago, e por que maneira elle tinha sido entaipado por alvitre de Antonio em um buraco da gruta. Nuno, que na vespera havia presenciado essa horrivel scena, contou-lhes tudo em poucas palavras.

— Só elle, — terminou Nuno — conhece a existencia e o caminho desta gruta. Elle escapou, estamos bem mal parados.

— Quem o soltaria? Por si mesmo era imposivel ao homem mais robusto mettido neste buraco arredar estas pedras.

— O certo é que escapou, exclamou Gil, e nenhuma segurança temos no abrigo desta gruta; é preciso abandonal-a immediatamente e fugir para mais longe. A qualquer hora a gente do capitão-mór pode dar sobre nós e somos bem poucos para resistir.

— Sim, mas é preciso levar o vosso ouro.

— Sem duvida; vamos tiral-o do esconderijo.

Dizendo isto, Gil pegou em um grosso bloco de estalagmite, collocou-o bem junto á parede da gruta, e subiu sobre elle para melhor poder retirar o pacote de ouro, que ali depositára; mas suas mãos debalde tactearam por todos os lados o vão que ali formava a parede: nada encontraram senão pedra!... Emfim, saltou abaixo, esmorecido.

— Ainda esta nos faltava, meus camaradas! — disse com desalento; tambem o nosso ouro fugiu, desappareceu!

— Embora, disse Bueno; não havemos de morrer de fome; temos armas e não falta caça por essas mattas.

— E' verdade, disse Gil; porém que falta vae fazer-nos aquelle ouro !... Sem duvida o mameluco que ali esteve emburacado, ouviu minhas palavras e as de Irabussú, foi direito ao buraco e de lá levou o nosso ouro para as mãos dos emboabas... Ah! Irabussú! Irabussú! Por que fatalidade desta vez não soubeste guardar o nosso thesouro!?

Esta exclamação, que Gil pronunciou, voltando-se para o fundo da caverna, retumbou com voz plangente, mas sonora e forte e, apenas morreram os ultimos écos pelas profundas anfractuosidades da gruta, ouviu-se outra voz cavernosa e lugubre bradar lá de dentro:

— Cala-te, branco, e espera.

Dahi a instantes, os tres companheiros viram ir-se desenhando na penumbra o vulto hirto e esguio de Irabussú que avançava para elles. O espectro avisinhou-se de Gil, e pousan-

do-lhe sobre o hombro a comprida e descarnada mão: — Branco, disse-lhe, escuta o que o teu amigo Irabussú vae dizer-te. Nem Irabussu' nem teu ouro ainda não sahiram desta toca; quem sahiu foi só o maldito columim. Quando hontem partiram, eu vim para aqui. Queria tambem acompanhar os guerreiros, mas a voz de Tupá me disse: Irabussú não deve sahir; os guerreiros ainda voltarão. Irabussú ficou e ouviu uma voz lamentosa que chorava daquelle buraco; condoeu-se, afastou as pedras e um vulto veloz como a flexa saltou de dentro, correu e desappareceu. Era o mameluco.

— E agora, meu velho, disse Gil — estamos perdidos; elle vae denunciar-nos e virá mostrar a nossa guarida.

— Socega teu coração, meu branco; não saiam daqui por ora. Irabussú é o jaguar que vae rondar em volta do arraial dos emboabas; o sagui ha de cahir nas garras do jaguar. Não saiam emquanto Irabussú não voltar.

Ditas estas palavras, o velho pagé, armado unicamente de um pequeno arco e de algumas flexas curtas, a passos largos e compassados, que mediam quasi dous metros, dirigiu-se para a bocca da furna e sahiu.

A palavra de Irabussú tinha para Gil e seus companheiros o dom da infallibilidade. Tranquilizados por ella, Gil, mestre Bueno e Nuno, extenuados de fadigas, embrulharam-se em suas capas e, fazendo do braço travesseiro, tomaram logar entre seus companheiros, adormecendo profundamente.

Era quasi meio dia, quando Irabussú sahiu da caverna. Voltando quando o sol tocava ao seu occaso, achou todos ainda resomnando tranquillamente.

— E' bom deixal-os dormir, — pensou o velho pagé. — Nenhum perigo os ameaça e o guerreiro precisa de repouso.

E sumiu-se nas profundas e sinuosas cavidades daquelle seu palacio negromantico.

Quando baixou a noite Gil acordou; reinavam na caverna as mais profundas trevas, si bem que fóra della um esplendido crepusculo afogueasse os horizontes, tocando com um véo côr de rosa o tope das montanhas e a coma das florestas.

— Ah! — pensou Gil, — dormi demais!... — e, esfregando e abrindo bem os olhos: Que escuridão! meu Deus!... deve ser noite!... Que terá acontecido?!...

Gil acordou mestre Bueno e Nuno, que atearam o fogo, e despertaram o resto da gente.

— Meus amigos — disse Gil — Irabussú appareceu a mim, a mestre Bueno e ao capitão Nuno. Irabussú sahiu e nós tambem adormecemos de cançaço; algum daqui o viu tornar a entrar? ...

— Não vimos não, senhor, responderam todos.

— Peior, respondeu Gil; se elle tivesse voltado, era impossivel que não nos tivesse despertado. Meus amigos, Irabussú não voltou.

— Voltou sim e aqui está!...

Era elle.

Os olhos de todos volveram para o lado donde partia aquella voz. Era o esqueleto vivente, era elle mesmo, o proprio Irabussú!...

— Que aconteceu, Irabussú? perguntou com viva curiosidade Gil, avançando para o bugre.

— Socega, meu branco; tudo vae bem.

— Conta-nos o que aconteceu. — Já é noite lá fóra e aqui dentro; é hora de contar historias.

Todos se ajuntaram ao redor de Irabussú, que se agachára ao pé do fogo. Tinham immenso interesse em ouvir a narração, que por certo não seria phantastica, podendo decidir da sorte dos paulistas, que se achavam em situação desesperadora.

Irabussú contou que ao sahir da gruta correu a toda pressa, em direcção ao arraial, e poz-se a rondar em volta da casa do Capitão-mór, resolvido a não abandonar aquelle posto, em quanto não enxergasse o maldito mameluco para lhe enviar ao peito uma das agudas e hervadas settas que levava. Em qualquer parte que apparecesse, só ou acompanhado, no pateo, na rua, á janella, o mameluco podia contar com a flexa de Irabussú; seus dias estavam contados, embora Irabussú tivesse de passar alli dias e noites sem comer nem dormir.

Era esse o seu dever, porque por culpa sua é que o infame caboclinho se havia escapado da espelunca em que devia ficar morto e sepultado. Irabussú poucos emboabas encontrou, e os que o avistavam, pallidos e espavoriôos, persignavam-se e fugiam a bom correr. Depois de andar espionando por espaço de duas horas ao longo das cercas e por traz do quintal do Capitão-mór, divisou por fim um vultinho de homem pendurado pelo pescoço ao galho de uma alta goiabeira; saltou ao cercado, avisinhou-se, e reconheceu... era o seu homunculo, era Thiago, que por aquella maneira havia expiado todas as infamias e atrocidades de sua curta vida.

— Bemdito seja Tupá, exclamou Irabussú á vista daquelle miserando espectaculo. Bemdito seja Tupá, que não permittiu que minhas flexas se estragassem no sangue vil daquelle malvado. Todavia, Irabussu' não poude esquivar-se ao desejo de satisfazer sua vingança mesmo no cadaver do mameluco.

— Toma, disse elle, descochando uma flexa que foi cravar-se na garganta do suppliciado; — toma, leva esta de presente a Anhangá, junto com a corda que te enforcou. Os emboabas que te enterrem e vejam que levas para a cova este signalzinho da affeição de Irabussú.

— Não admira — disse Nuno, — é esse sempre o fim de todos os Judas.

Irabussú, depois que relatou o miserando fim que tivera o mameluco, levantou-se, dizendo: — Podem ficar socegados, meus brancos; emquanto Irabussú for vivo, o emboaba não entrará nesta gruta, senão para nella achar a sepultura! E, dito isso, voltou de novo aos mysteriosos recessos da caverna.

Como, por quem e porque motivo fora o mameluco pendurado, é o que Irabussú não podia dizer e bem pouco lhe importava saber. Não era crivel que se tivesse enforcado a si mesmo; o miseravel que a pouco escapára a uma morte inevitavel, tinha bastante amor á vida e não haveria motivo algum capaz de leval-o a tal extremo.

Soube-se depois que os paulistas, que ficaram feridos e prisioneiros em casa do capitão-mór, interrogados por Fernando, declararam que Thiago se achava na vespera no meio delles prompto a tomar parte na revolta; que fora elle quem os avisára de que Fernando, sabedor de seus planos e de seu esconderijo, pretendia atacal-os no dia seguinte, o que os levára a antecipar o assalto que deram á casa do capitão-mór, mas como desconfiaram muito do mameluco, por ser geralmente conhecido como embusteiro e traidor, não quizeram acceitar a sua cooperação.

— E onde se acha? Para onde foi

então elle? perguntou Fernando com vivacidade. Desde hontem desappareceu e até agora não tenho noticia desse garoto.

Os paulistas não quizeram contar a Fernando o que tinham feito de Thiago; apenas lhe fizeram sentir que tanto elles como Fernando e os emboabas nada tinham a receiar da perfidia do mameluco.

— Mataram-no então?

— Não senhor, mas o puzemos em logar tão seguro, que nem vivo, nem morto de lá poderá sahir, a menos que nós mesmos vamos de lá tiral-o.

— E em que logar foi isso? não me poderão dizer?

— Pois Vossa Mercê não se contenta com se ver livre por nossas mãos de um traidor?...

— Não se está vivo, eu quero darlhe por mim mesmo o castigo que merece. Não hei de forçal-os a revelarem e mesmo a irem mostrar-me o logar onde o encerraram.

— E' excusado, senhor; já o dissemos, elle de lá não sahirá.

Fernando começava a enfurecer-se e a ameaçar, quando de repente surde de um pulo, na sala, em que se achava com os paulistas, a figura diabolica do mameluco.

Qnal foi a horrivel decepção e o assombro dos paulistas é impossivel exprimir. Fernando, surprehendido, olhava para elles com visos de feroz desconfiança; mas as palavras do mameluco vieram confirmar tudo que haviam relatado a Fernando.

— Ah! meu amo! meu amo!... escapei de boa!... exclamou, entrando sem reparar nos paulistas, ebrio de alegria por ter escapado a uma morte certa e horrivel.

— Onde tu te achavas, maldito?...

— Onde me achava?... ora!... na sepultura.

— E como foste cahir na sepultura?

— Ora, como? Indo espiar o inimigo por ordem que me deu meu amo, tive a desgraça de cahir nas unhas delles; metteram-me em um buraco, uma especie de forno e taparam-me lá dentro com cada pedra, que dois homens os mais forçudos mal poderiam alluir do chão.

— Mas tu mentes; tu não tinhas ordem nenhuma para ir espiar o inimigo; devias, sim, nos guiar esta madrugada a essa gruta, que dizias conhecer. Que foste lá fazer? Fala, maldito!

— Ah! perdão, — respondeu o mameluco titubeando, — eu pensei que meu amo me tinha ordenado...

— Não acredite nesse cão tinhoso, senhor Dom Fernando; é o que lhe dissemos; esse biltre nos foi avisar que seriamos atacados hoje pela manhã; quiz ser de nossa comitiva afim de atraiçoar tambem, como já tinha feito a Vossa Mercê. Mas nós bem o conhecemos.

— Basta — interrompeu Fernando, — já comprehendo tudo.

Fernando, pensativo, guardou silencio por algum tempo.

Comprehendeu, de certo, que aquelle diabrete era um auxiliar muito perigoso e que convinha desfazer-se delle; o embuste e a traição estavam bem patentes.

— E como pudeste escapar dessa sepultura? perguntou a Thiago.

— Eu mesmo não sei, meu amo; parece um milagre. Um vulto, que na sombria caverna não pude reconhecer, poz-me a salvo. De certo ouvindo os brados e lamentos, que eu soltava, teve dó, e arredando as pedras deu-me escapula. Logo que me pilhei livre, tratei de voar para casa, sem mesmo olhar para traz.

— Dou-te meus parabens, meu bom e leal creado; surgiste da sepultura,

agora só te falta subir ao céo; mas isso não ha de tardar muito.

Nem Thiago, nem os paulistas comprehenderam logo o verdadeiro sentido destas sinistras palavras.

Fernando mandou vir dous dos seus malsins, chamou-os de parte e, depois de conversar em segredo por alguns momentos, dirigiu-se a Thiago.

— Mameluco, disse-lhe, deves estar bem aborrecido de ter morado no sepulcro por algumas horas; vae-te com estes senhores distrahir-te um pouco pelo quintal.

O mameluco começou então a entrever todo o horror de sua situação; lançou-se aos pés de Fernando: — Senhor! Senhor! que pretende fazer de seu pobre escravo? — bradava elle.

— Vae-te! vae-te! estou muito occupado; depois conversaremos, respondeu Fernando, voltando-lhe as costas.

Os malsins o agarraram e arrastaram para fóra. E assim aquelle miseravel surgiu da sepultura para subir não ao céo, mas á forca.

Tranquillizados, portanto, os insurgentes perseveraram na deliberação que tinham tomado.

Mestre Bueno e Nuno ficariam na gruta emquanto Gil, com alguns companheiros escolhidos, procuraria o rumo de Sabará e Caethé a reunir os paulistas, que por ali andavam tambem perseguidos por Nunes Vianna e Caldeira Brant.

Entretanto, Gil demorou-se ainda dous dias na gruta; não só tinha de fazer alguns preparativos para a excursão que projectava, como esperava com anciedade alguma noticia de Mauricio. A's vezes lhe vinha á ideia, que Mauricio em razão do amor extremo que consagrava á filha do Capitão-mór, não ousaria affastar-se para muito longe e, talvez fazendo alguns rodeios por aquellas paragens que elle e Antonio conheciam perfeitamente, viesse de novo procurar o abrigo da gruta de Irabussu'.

Mas suas esperanças foram tristemente mallogradas; no fim de dous dias um dos paulistas que, levemente ferido, ficara prisioneiro dos emboabas, conseguiu evadir-se e trazer á gruta a funesta noticia da morte de Mauricio, deprehendida das circumstancias que o leitor já conhece.

Nesta passagem de sua narração, Gil não poude conter a emoção: parou e estreitando nos braços a Mauricio:

— Mas felizmente aqui te tenho em meus braços, meu bom, meu sincero e valente amigo — exclamou elle e se não fosse a escuridão em que se achavam, ver-se-ia humedecerem-se-lhe os olhos pela emoção de sua franca e heroica amizade.

Gil contou mais que a maior parte dos paulistas, depois de saber de sua supposta morte, ficaram extremamente magoados e arrependidos de sua impaciencia e insubordinação, praticando, aquelle assalto sem sua ordem e sem sua presença. Reconheceram que, tendo-a á sua frente, as cousas talvez não tivessem corrido tão mal e se praguejavam a si mesmos como os auctores daquelle desastre e da morte de Mauricio.

Tambem não se esqueciam do seu valente e leal camarada Antonio, que de certo fôra quem sepultara seu amo e de quem não tinham noticias, e do negro Joaquim, que havia desapparecido no fim do combate.

Neste momento Gil no meio das trevas viu-se agarrado por quatro valentes braços, que o suspendiam no ar.

— Que é isto! gritou elle, algum tanto sobresaltado. Que temos de novo?

— Nada, meu caro Gil, respondeu Mauricio, que logo reconheceu seus dous valentes e dedicados camaradas. São elles, os nossos amigos de quem acabas de falar.

— Sim somos nós, disse immediatamente Antonio, somos nós o indio Antonio e o preto Joaquim, que aqui estamos, senhor Gil, sempre promptos a seguir os mesmos riscos com Vossa Mercê e meu amo.

— Meus amigos, disse Mauricio sorrindo, nem o logar nem a occasião são proprios para estas expansões. Vamos adeante, e tu, Gil, continua a tua narrativa.

CAPITULO VIII

Atravez das mattas, em uma escuridão quasi completa, Gil continuava contando a seu amigo os successos, que se tinham dado durante dous mezes depois de sua separação, na desastrada noite do assalto; Antonio e Joaquim continuavam a acompanhal-os de perto, sem perder uma só palavra.

O leitor talvez extranhe que em taes circumstancias, um pudesse contar e outros escutar com attenção uma tão longa narrativa; mas o leitor deve lembrar-se de que estes homens eram sertanistas experimentados, que desde a infancia se tinham habituado a varar florestas densissimas e os mais escabrosos caminhos com aquelle passo firme, vista penetrante e ouvido aguçado, que se adquirem no decurso de uma vida passada entre continuos perigos e trabalhos. Demais, os paulistas de Gil iam adeante, seguindo a mesma batida que tinham trilhado nesse mesmo dia, o que tornava mais commoda a marcha aos que lhes seguiam as pegadas.

Melhor seria que tivesse narrado esses successos depois de terem chegado ao pouso, sentados tranquillamente junto a um bom fogo, bem acceso.

Mas, já o disse, grande era o desejo de Gil de contar, e mais viva ainda a curiosidade de Mauricio de ouvir os successos que tinham occorrido depois que se ausentara de S. João d'El-Rey.

Continuaram a caminhar o Gil a contar o que se segue:

— No terceiro dia depois da sanguinolenta investida, Gil com dez companheiros escolhidos e bem providos de armas e munições, não só para resistir a qualquer aggressão, como para prover á sua subsistencia, que devia consistir em caça e pesca, sahiram da gruta de Irabussu', e puzeram-se a caminho, procurando as vertentes do rio Paraopeba, que desagua no rio das Velhas.

Depois de muitos trabalhos e perigos, chegaram no fim de doze dias a Sabará-ussu', arraial que era colonia de Borba Gato. Ahi nada encontraram sinão uma duzia de paulistas foragidos e perseguidos como elles.

Nunes Vianna, caudilho dos emboabas, gosava naquellas paragens de uma preponderancia que os pulistas em vão procuravam contrabalançar. Dotado de eminentes qualidades, opulento, liberal e beneficente, seu poder era respeitado e seu nome querido de todos os seus patricios. Era elle secundado por um outro portuguez que se estabelecera nas regiões diamantinas do Serro Frio e arraial do Tejuco, hoje cidade da Diamantina; chamava-se Felisberto Caldeira Brant.

Este, porém, não possuia as quali-

dades de Nunes Vianna; era de caracter duro e altaneiro, e posto que se conformasse por necessidade com a vontade de Vianna, que lhe era muito superior em opulencia e prestigio, não deixava de reprovar no fundo d'alma a prudencia, moderação e espirito conciliador de seu conterraneo.

Nunes Vianna, embora dispensasse mais confiança e protecção a seus patricios, não perseguia aos paulistas; pelo contrario procurava todos os meios de alicial-os ao seu partido, que era, ao envez do que geralmente se crê, o da resistencia ás ordens das autoridades da metropole, principalmente ao vexatorio imposto do quinto sobre o ouro. Os paulistas, porém, que pelo contrario faziam timbre de sua lealdade ao throno e submissão ás ordens d'El-Rei, respeitando sempre o nobre caracter e prestigio do caudilho portuguez, não obedeciam, nem cediam ás suggestões e mantinham-se sempre fieis executores das ordens emanadas das autoridades constituidas pelos governos da metropole.

Pelo tempo em que se deram os acontecimentos que fazem o assumpto desta historia, Nunes Vianna andava ausente, em explorações que dirigia pessoalmente pelas margens do S. Francisco, não só em busca de riquezas mineraes, como procurando estabelecer por esse lado uma communicação mais facil com a capital de S. Salvador da Bahia.

Caldeira Brant, que ficara fazendo suas vezes na direcção das colonias que tinham fundado, desde Sabará-ussú até o arraial do Tijuco, rompeu logo em hostilidade aberta e desabrida contra os paulistas.

O Tenente general Borba Gato, paulista que, dez annos antes, á testa de uma bandeira, tinha feito as primeiras descobertas naquellas regiões e que, com justo titulo de primeiro descobridor daquellas minas e fiel executor das ordens de El-Rei, devia ter ali a supremacia, viu-se forçado, em consequencia das vexações que soffriam e das violencias de que eram ameaçados, elle e seus patricios, a retirar-se com grande numero dos seus para sua terra natal.

Um frade, segundo rezam as chronicas daquelle tempo, foi quem suggerin a Caldeira Brant um meio perfido de vexar e perseguir os paulistas tirando-lhes os recursos para qualquer resistencia. Por conselho desse frade, cujo nome os chronistas não declinam, fingiram-se ordens regias para serem recolhidas todas as armas dos particulares em um deposito, a pretexto de segurança publica. Estas ordens foram executadas, mas foram apprehendidas sómente as armas dos paulistas, que na boa fé não se recusaram a entregal-as. e ninguem procurou as dos emboadas.

Recolhidas as armas, foram logo presos dois dos mais ricos e notaveis paulistas e espalhou-se immediatamente o boato de que por ordem passada aos cabos dos districtos seriam todos elles massacrados.

Esta terrivel ameaça, pilhando os paulistas assim desarmados á falsa fé, os encheu de pavor e consternação, e, como não tinham outro recurso sinão a fuga, foram-se retirando em bandos para o sul donde tinham vindo, á procura da sua terra natal.

Informado Amador Bueno destes successos pelos primeiros fugitivos que chegaram a S. Paulo de Piratininga, mandou pedir a Caldeira Brant satisfação dos vexames e perfidias de que eram victimas seus conterraneos e intimou-lhe que puzesse cobro a tão caprichosa e injusta perseguição.

Caldeira Brant, porém, de caracter violento e obstinado como era, respon-

deu a este recado com ameaças e dirigiu a Bueno uma carta de desafio, emprasando-o para vir desaffrontar seus patricios com as armas na mão e que elle, Caldeira, ficaria á espera de Amador no arraial de S. João d'El-Rey, dentro do praso de seis mezes.

Quando Gil chegou com sua pequena comitiva ao arraial de Sabará-ussú, já estes acontecimentos se tinham desenrolado, sem que em S. João d'El-Rey se tivesse noticia delles. Gil ainda encontrou alguns paulistas fugitivos, que se incorporaram ao seu grupo, formando todos um troço de quarenta e tantos a cincoenta homens. Estes, porém, vinham desarmados e desprovidos de tudo, e, como em S. João, na caverna de Irabussú, Gil possuia não só ouro como tambem armamento e munições, graças aos cuidados e previdencias de mestre Bueno, resolveu, na impossibilidade de avançar mais por um territorio, onde seus patricios, em vez de auxilio, só lhes traziam embaraço e perseguições, voltar com elles sobre seus passos, induzindo-os a formar um nucleo na caverna do velho bugre, onde encontrariam não só segurança e refugio, como tambem armamento e meios de subsistencia. Ahi se conservariam até que Amador, que se sabia ter acceitado o desafio de Caldeira, se apresentasse com a gente que estava ajuntando e preparando em S. Paulo.

Em caminho chegou-lhes a noticia de que Amador Bueno já se achava em marcha, á testa de duzentos homens, que já haviam passado o Rio Verde e o Sapucahy e que em breves dias se achariam nas immediações de S. João d'El-Rey. Ao saber, Gil enthusiasmado disse:

— A fortuna corre a nosso favor! Vamos!... Faça-se da caverna de Irabussú nosso quartel general.

Ahi chegaram depois de fadigas e privações. Foi preciso a Gil, como era prudente, enviar uma esculca ou espia; depois de parafusar por algum tempo e consultar com os camaradas, lembrou-se de chamar o proprio Irabussu'. Chamou-o por tres vezes, como quem faz uma evocação de espiritos, voltando-se para o interior da gruta.

— Irabussú! Irabussú!... Appareceu o esqueleto vivente que o leitor bem conhece. Gil, apezar de conhecel-o, teve um calafrio e tremeu da cabeça aos pés, quando o bugre lhe pousou a mirrada mão no hombro.

— Que é que o branco pretende de Irabussú?

— Irabussú — respondeu Gil — teu amigo Gil espera de ti um grande serviço.

— Qual é elle? fala, branco.

— Ha muito não se sabe o que se passa lá pelo arraial; precisamos de uma pessoa, que vá subtilmente e sem ser percebido, espiar e sondar o que por lá tem acontecido; e ninguem melhor do que tu poderá bem desempenhar esta tarefa.

O bugre abanou a cabeça e respondeu com voz pesada e amara:

— Irabussú bem quizera nunca mais ir ao arraial dos Emboabas senão para deixar cravadas no coração desses filhos de Anhangá quantas flexas pudesse carregar ao hombro; mas é Gil quem manda, e Gil bem sabe que Irabussú tem vista aguda e ouvido afiado. Irabussú vae e ha de saber tudo para contar a Gil; só pede dois dias e duas noites.

Sem mais dizer palavra, o velho indio encaminhou-se para a bocca da gruta e desappareceu.

Dois dias e duas noites Irabussú andou rondando pelas cercanias do arraial.

De dia, subindo as eminencias circumvisinhas observava tudo com seu olhar de jaguatirica, mais penetrante que o do lynce. De noite, penetrava na povoação e, acercando-se das casas e agachando-se com o ouvido encostado á terra, ouvia os menores rumores e escutava todas as conversações. Alguns emboabas o viram, mas fugiram benzendo-se e exclamando:

— La vem o almanjarra, o bugre feiticeiro!

Tal era o panico, de que se achavam possuidos os que avistavam aquelle vulto, para todos tão odioso e sinistro, que, graças a esse pavor que inspirava no arraial, onde passava por um phantasma, um duende, uma alma de outro mundo e não por creatura viva, poude, sem correr grande risco, ver e ouvir muita cousa. No fim de dois dias e duas noites, Gil e mestre Bueno, postados á bocca da caverna, esperavam com anciedade a volta de Irabussú. Este não tardou a apparecer com tal pontualidade que a ambos espantou.

Gil, que possuia um relogio, consultou-o. Com effeito, Irabussú tinha gasto justamente quarenta e oito horas, com pouca discrepancia de minutos, em desempenhar a ardua tarefa de que se havia encarregado.

E' que os selvagens, principalmente os velhos pagés como Irabussú, carregados de annos e de experiencia, ora pelo canto das aves, ora pela mudança das viraçãões, ora por outros mil phenomenos da natureza, que nos escapam, e com que elles vivem em intimo, immediato e continuo contacto, sabem calcular o tempo quasi com a mesma exactidão com que o calcula o homem civilizado que traz o seu chronometro na algibeira.

Os tres entraram para o interior da caverna. O sol já era posto, mas reinavam fóra della todos os esplendores de uma formosa tarde de novembro; mas dentro já era noite escurissima, e ninguem ahi poderia andar senão ás apalpadellas, se não fôra o clarão de um grande fogo, em torno do qual se aqueciam e conversavam alguns insurgentes.

Irabussú chegou-se ao fogo: apenas o avistaram, todos os que ali se achavam se levantaram rapidamente, tomados de respeito e temor. O pagé atirou ao chão arco e flexas e sentou-se tranquillamente sobre uma pedra, junto ao fogo, de pernas cruzadas, o queixo sobre a mão e o cotovello sobre o joelho. Gil e mestre Bueno se assentaram ao lado delle, esperando impacientes que o bugre abrisse a bocca e lhes desse as noticias por que tanto anciavam.

Mas Irabussú permaneceu por alguns minutos na mesma posição, mudo e immovel como uma esphynge; Gil não se poude conter por mais tempo:

— Estás tão calado, meu velho! — disse-lhe, battendo brandamente com a mão no hombro do bugre.

E' má noticia que nos trazes?

Irabussú desmanchou rapidamente a singular attitude em que se achava, como quem desmancha com um piparote um castello de cartas, e voltando-se para Gil:

— Branco, — disse em tom sereno, — conta essas flexas que ali estão.

Gil apanhou as flexas e contou-as:

— Doze — o mesmo numero que levaste.

— Pois bem; é o numero de guerreiros que elles têm!

— Como! elles têm só doze combatentes!?

Irabussú abanou a cabeça como quem dizia não me entendem — e respondeu:

— Branco, conta cem vezes doze!

— Mil e duzentos! — exclamou Gil. Elles têm mil e duzentos combatentes! e tu não empregaste nenhuma de tuas flexas?...

— Nenhuma, porque não era preciso!

— E porque não era preciso?

— Porque ainda aqui está Irabussú, aqui está Gil, aqui está mestre Bueno e Nuno. Mas lá!... Mas lá ainda está Calixto... e lá... lá não... mas bem perto de lá ainda estão...

— Quem, perguntaram todos com soffreguidão?

— Antonio e Mauricio — respondeu Irabussú.

— Não fazes idea, meu caro Mauricio, como o teu nome e o de Antonio pronunciados por Irabussu' nos animou a todos!... Eu, mestre Bueno, Nuno e todos os paulistas, bugres e negros, que nos achavamos ali, demos um salto de alegria! A caverna retumbou, não como naquellas horrendas noites em que estiveste em tanto perigo, mas como si fosse noite de noivado...

— E como se soube, — perguntou Mauricio — que eu não tinha morrido?

— Eu te conto... Irabussu' ouviu dois emboabas falando de um paulista que encontraram em Ouro Preto, em casa do Padre Faria, e que, pelos signaes que deram, parecia ser Mauricio. Fernando e Diogo Mendes desconfiaram do caso. Mandaram examinar a sepultura. Logo viram que a terra fôra intencionalmente revolvida na superficie e que o chapéo e a faca de Mauricio tinham alli sido collocadas com o proposito de illudir os emboabas e desviar a continuação de possiveis pesquizas.

Neste momento já se avizinhavam da confluencia do Rio das Mortes com o ribeirão Rio de Elvas, bem perto da gruta.

CAPITULO IX

— Como ha de ser isto? perguntou Mauricio — Devemos descer a procurar a ponte?

— Não — respondeu Gil — isso seria uma grande volta, e não poderiamos chegar á gruta sinão depois do dia claro, o que de modo nenhum nos convem. Ademais, é preciso que saibas, Mauricio, Irabussú ficou tambem sabendo que a ponte é guarnecida de dia por dez ou doze homens, sendo essa guarnição dobrada á noite.

— E' bem pouca gente para nós; mas um só que nos escape e vá levar aviso ao Capitão-mór de nossa approximação será bastante para a nossa perdição.

— Isso é claro; mas que faremos para atravessar o rio? Bem vês que leva muita agua e seria loucura fazer toda essa gente passal-o a nado com armas e bagagens.

— Não te dê isso cuidado, Mauricio! Tudo está prevenido. Assim como eu passei hontem, todos nós passaremos hoje, sem o menor perigo. Andemos mais umas centenas de passos pelo rio abaixo e verás com teus olhos.

Durante esta conversação, os dois interlocutores, bem como Antonio e Zamby, que sempre os acompanhavam de perto, tinham parado á espera do grupo dos Aymorés, que vinham ainda a distancia, afim de que não se desorientassem e lhes perdessem a pista.

Ao fim de alguns instantes, toda a horda se achava reunida em uma longa e compacta fila, que immediatamente se poz em movimento, perlongando a margem do rio.

Quem, na margem opposta, divisasse na sombra, movendo-se lenta e silenciosamente, aquella delgada e extensa columna, com suas flexas, arcos, postasanas e azagaias, cuidaria ver monstruosa serpente, de dorso crespo e eriçado, a deslisar em sinuosos giros ao longo da ribeira.

Percorrido cerca de um kilometro, sempre á frente do rio, Gil parou e toda columna fez alto. Estavam quasi em frente da altura em que, da outra banda do rio, se achava a celebre gruta de Irabussú.

Gil levou á bocca os dedos index e medio de ambas as mãos e soltou um assovio agudo e estridente, que repercutiu ao longe, por ambas as margens.

Passados alguns minutos, resoou, em distancia, na outra margem do rio, um assovio identico. Poucos momentos depois, Gil lobrigou na margem opposta, onde tinha os olhos attentamente fitos, o ramalhar da matta, e um grupo de homens que surgiam na praia.

— Quem é? — bradaram de lá.

— Sou eu, Gil! Tragam as canôas.

A escuridão da noite, augmentada pela sombra da floresta que orlava a margem, não permittia distinguir quantos eram os homens, nem o que faziam. Em breves momentos, porém, Mauricio viu com intima satisfação duas leves canôas que, tangidas por braços vigorosos, vinham rapidamente atravessando a corrente. Essas canôas, leves e velozes, eram todavia pequenas, e mal podiam conter, cada uma, cinco pessoas, contando-se com o remador. Portanto, não podendo ellas transportar mais de quatro homens, de cada vez, e constando a horda de perto de cem guerreiros, era preciso quatro a cinco horas para se effectuar a passagem de toda a gente.

Era pouco mais de meia noite: restava, pois, até o romper do dia, o tempo justamente necessario para a travessia da tropilha, podendo, se demorassem, ser surprehendidos e observados naquelle trabalho por alguem que por acaso alli andasse, o que nada tinha de impossivel.

Immediatamente começou a faina, que continuou sem interrupção até romper o dia. Os que manejavam os remos eram robustos caboclos, resto da horda do valente e infeliz chefe Tabajuna, acostumados a cortar, nadando ou remando, as aguas dos caudalosos rios do sul de Minas.

Ao signal de Gil, tinham acudido em numero de oito, que se iam revesando, porque dois a sós não poderiam resistir a tanta fadiga.

Dir-se-ia que tinham adivinhado a laboriosa faina em que se iam empenhar.

Emquanto se effectuava a travessia, Gil e Mauricio puzeram-se de lado e foram-se reclinar a um canto sobre o chão humido e coberto de folhiço e areia, encharcados das aguas pluviaes. Por cima lhes choviam continuamente grossas gottas de orvalho, que o vento sacudia dos ramos da floresta e viam o céo azul e as estrellas a lhes sorrirem, por entre os ramos do arvoredo, emquanto o rio lhes rugia aos pés. Era um leito macio, em verdade, e até poetico, mas, é preciso confessar, as condições hygienicas e commodidades eram pessimas. Foi esse, porém, o melhor logar que puderam encontrar, logar este que não causou extranheza aos nossos dois jovens e valentes sertanejos, porquanto não era a primeira vez que isto lhes acontecia.

Antonio e Zamby não os abandonaram; encostaram-se tambem, á pouca distancia, do melhor geito que lhes foi possivel.

Entretanto, embrulhados no capote e com o chapéo de feltro cobrindo a

cara e a cabeça, continuaram a conversar.

— Estou afflicto por saber de que modo arranjaste estas canôas, — disse Mauricio.

— E' mais uma proeza de mestre Bueno e Irabussú, esses dois bons amigos velhos, esses dois velhos troncos que, já no cerne, têm-nos servido de valentes escoras em todos os nossos trabalhos e perigos!

— E nós, eu e Zamby, não temos servido de alguma cousa? — falou Antonio lá de seu canto.

— Cala-te, Antonio! — acudiu Mauricio. — Não estejas ahi a morder de ciumes! Gil não falou de ti nem de Zamby, porque não falou de si nem de Mauricio. Somos todos moços, cheios de resolução e coragem, porém mal de nós se não fossem a prudencia e os conselhos, a astucia e previdencia dos dois velhos!

Antonio, satisfeito com esta explicação, não deixou de ficar um pouco corrido por ter interrompido a conversação de Gil e de Mauricio.

— Perdão, meu amo! — disse elle.— Daqui em diante hei de ficar mudo que nem um peixe!...

Gil, continuando a explicar a proeza de Irabussú e mestre Bueno, exprimiu-se assim:

— Quem me contou foi Nuno, a quem, durante a minha ausencia, deixei o commando de nossa pouca gente, refugiada na caverna.

— Mestre Bueno teve uma feliz lembrança; teve... Como sabes, elle tinha a sua tenda de ferreiro muito bem montada, lá na serra do Lenheiro. Era sua gloria, seu elemento, seu prazer — a sua pobre e tosca officina. Um dia disse elle a Nuno:

— Senhor Nuno, eu preciso ter aqui a minha tenda...

— Para que, mestre Bueno?

— Ora, para que? Para fazer canôa!

— Pois canôa se faz de ferro? — perguntou Nuno.

— Mas para trabalhar no pau póde-se dispensar o ferro?

— E' verdade, tens razão! — respondeu Nuno. — Mas que pretendes fazer?

— Trazer para aqui a minha tenda?

— E como ha de ser isso?

— Deixe por minha conta. O ponto é que minha tenda lá se ache como eu a deixei. Queira Deus que os malditos emboabas já não m'a tenham roubado! Tudo serve a esses cães tinhosos, até mesmo uns pedaços de ferro velho! Tenho a chave aqui na algibeira do gibão, hoje mesmo vou lá ver. Vou entender-me com Irabussú, a ver se elle póde ajudar-me nesta empreitada.

Mestre Bueno ponderou a Nuno a immensa vantagem que disso provinha, a necesidade mesmo que tinham de algumas canôas, com as quaes podessem, a qualquer momento, atravessar o rio. Nuno deixou mestre Bueno fazer o que entendesse.

De feito, na noite desse mesmo dia mestre Bueno partiu com Irabussú para o arraial de S. João d'El-Rey, dando longas voltas e rodeios por logares nunca transitados e quasi intransitaveis, e, costeando a Serra do Lenheiro, chegaram emfim á casinha e tenda do velho ferreiro.

Deviam ser bem vivas e pungentes as emoções que sentiu o bom velho quando abriu a porta e transpoz o limiar daquelle casebre, onde passara dias tão felizes e tranquillos, em companhia de sua querida Helena e de seu bom discipulo Calixto, dos quaes vivia agora tão cruelmente separado, para viver, como um criminoso, no fundo de uma escura e humida caverna, exposto a toda sorte de perigos.

— Ai! Helena! ai! Calixto! — suspirou o pobre velho, enxugando com as costas das mãos duas grossas lagrimas que lhe rolavam pelas faces rugosas e tisnadas.

Estas tristes recordações, porém, tiveram logo uma compensação que muito alegrou o coração do velho ferreiro. Tirou fogo no fuzil, accendeu um pavio de cera preta, de que se havia prevenido, e, percorrendo a casa, viu com intima satisfacção que sua tenda, forja, bigorna, folles e todos os utensilios e ferramentas se achavam intactos. Voltou-se risonho para o velho bugre, e, batendo-lhe no hombro, disse:

— Meu velho, toma coragem, que, á fé de paulista te juro, em poucos dias iremos arrancar nossas filhas das unhas daquelles perros malditos, e tomar desforra grossa de tudo que até aqui temos soffrido. Haja ferro, que fogo não nos faltará para darmos cabo daquella perrada. Vamo-nos embora, depressa, para a caverna!

O indio ficou olhando perplexo, ora para mestre Bueno, ora para os utensilios da tenda, como quem perguntava:

— Então não se leva nada?

Bueno comprehendeu a hesitação do bugre:

— Nós dois somos muito poucos e muito fracos para carregar tudo que precisamos! Vamo-nos embora. Amanhã voltaremos com mais gente para carregar tudo isto. Anda meu velho!

Voltaram ambos pela mesma trilha, pela qual tinham vindo, e que, sempre previdente, Bueno tivera o cuidado de vir assignalando com ramos, cortados por elle com uma pequena foice que trazia. No dia seguinte, logo ao anoitecer, o ferreiro, acompanhado de dez companheiros, escolhidos dentre os mais robustos e bem dispostos, poz-se a caminho para a tenda.

Irabussú tambem ia com elles: sua companhia era indispensavel porque, si por acaso tivessem algum encontro com os emboabas, bastava o velho bugre apparecer-lhes pela frente, para pol-os em fuga precipitada, porque Irabussú, a quem os emboabas deram o nome de — indio almanjarra — foi e será sempre, emquanto viver, o espantalho daquella corja de covardes. Felizmente lá chegaram sem estorvo, nem contratempo de especie alguma.

Immediatamente Bueno tratou de desmanchar a forja, com toda a presteza, e arrancar a bigorna. Pouco depois foi distribuida a carga com egualdade a cada um dos companheiros, inclusivé algumas barras de ferro que lhes eram indispensaveis para o fabrico de ferramentas. Elle mesmo botou ao hombro um malho e deu a Irabussú alguns tres mais leves e miudos.

Assim carregada, voltou a caravana pelo mesmo trilho e, depois de algumas horas de marcha penivel e fragueira, chegaram felizmentê á gruta antes do romper do dia, acabrunhados de fadiga, mas sem incidente algum desfavoravel.

Nuno objectou a Bueno que a tenda de ferreiro, assentada na caverna, podia ser fatal, pois o barulho dos martellos, reboando ao longe, podia chegar aos ouvidos de algum emboaba que andasse pelas immediações, attrahindo a attenção para a furna.

— Não tenha cuidado, — acudiu mestre Bueno. Eu não cairei na asneira de fincar minha bigorna na bocca da caverna, não senhor! Hei de procurar alguma furna, lá bem no fundo, para assentar a forja, e hoje mesmo darei começo ao trabalho. Si vossa mercê, a cem passos de distancia d'aqui, ouvir o barulho do martello, corte-me fóra esta cabeça.

Nesse mesmo dia, Bueno accendeu fogo na forja e começou o trabalho sem o inconveniente que Nuno receiava, principiando por forjar dois grandes machados, a cujos golpes no dia seguinte tombaram dois corpulentos troncos, destinados a se converterem em canôas. Bueno forjou tambem com incrivel promptidão as enxós, os formões, e mais ferramentas indispensaveis para aquelle mister, e, em menos de oito dias, as canôas estavam promptas, e lançadas ao rio.

— Oh! que velho incomparavel! — disse Mauricio a Gil. — Elle, meu amigo, tem sido para nós uma verdadeira providencia!

— Ainda não é tudo, Mauricio: Bueno além de ser excellente ferreiro, é tambem um pouco carpinteiro e pedreiro... E' emfim o que se costuma dizer: — um páu para toda a obra. Além de sua tenda e bagagem de ferreiro, trouxe-nos de sua casa uma coisa preciosissima, que nas nossas circumstancias vale mais do que prata ou ouro: é uma sacca de salitre com uma porção de enxofre, com o qual está fabricando polvora, que na occasião nos é tão necessaria. A necessidade destas canôas, Mauricio, tu agora estás vendo, disse Gil, ao finalizar a narrativa sobre as qualidades de mestre Bueno.

Se não fossem ellas, com que difficuldades não estariamos nós luctando para ganhar a gruta e irmo-nos reunir á nossa gente!?

— Mais ainda, meu caro Gil, — ponderou Mauricio, — se não fossem estas canôas, terias de certo tomado outro caminho em minha procura, e, em vez de termos tido a fortuna de encontrarmo-nos tão perto, irias talvez parar em Ouro Preto, deixando-me aqui a pouco mais de duas leguas da gruta. Bem deves calcular os desastrosos resultados que poderiam proceder de tal desencontro. Ainda desta vez, como em tantas outras, o velho Bueno mostrou-se um verdadeiro propheta. Emfim, ainda bem que a fortuna, já cançada de nos perseguir, parece que principia a bafejar-nos!

— Não é a fortuna, Mauricio — é a justiça divina, que tardou, mas que, finalmente, começa a manifestar-se pela causa dos opprimidos!

Mas seja como fôr, Nuno, compenetrado da incontestavel vantagem da proposta de mestre Bueno, não quiz se oppor á sua audaciosa e arriscada empresa.

— Oh! — exclamou Mauricio outra vez. Torno a repetir: Bueno é sem duvida, para nós, um enviado da Providencia Divina.

— E' mesmo, Mauricio! O meu Irabussú tambem não lhe fica atraz. Agora escuta as noticias que este nos trouxe, a respeito do estado em que se acham os emboabas no arraial de São João d'El-Rey... São, segundo elle assevera, em numero de mais de seiscentos homens!

— Mas, como tão depressa foi-lhes possivel arranjar tanta gente?

— Como?... Caldeira Brant, o chefe do semboabas, que desafiou Amador Bueno, e que ha poucos dias chegou da Diamantina a S. João d'El-Rey, trazendo um reforço de gente bem armada e municiada. Bem sabes que é elle o lugar-tenente de Nunes Vianna, o mais rico e poderoso emboaba que pisa nestas minas! Temos de luctar contra uma onda muito mais forte do que a que por si só nos oppunha o capitão Diogo Mendes!

— Não importa, Gil! A nossa onda tambem vai-se reforçando: se não é tão volumosa é talvez mais violenta!

— Bem o sei! Não penses que me desalente o numero de nossos adversa-

rios, não! Julgo, porém, necessario que sejam dobrados os esforços e, sobre tudo, que deixem de existir essa impaciencia, indisciplina e espirito revoltoso de nossa gente.

— Já devem estar escarmentados pelo revez que soffremos, Gil; é de esperar que se comportarão melhor daqui em diante.

— Eu tambem assim espero que aconteça, Mauricio. Escuta ainda o que me resta a contar-te. Irabussú, durante os dois dias e duas noites que por lá andou, observou e esquadrinhou tudo. A parte sul do arraial, a unica por onde podemos atacar, está sendo rodeada de muitas obras de defesa: trincheiras, vallas, estacadas, faxinas, isto desde a serra do Lenheiro até a matta que fica á beira do rio. A gente de Caldeira Brant não se occupa em outra coisa. A esta hora deve estar tudo prompto.

— Talvez... Porém, isso pouco importa: amanhã veremos! murmurou, bocejando, Mauricio, que estava a morrer de somno.

Dito isto, adormeceu sobre o humido leito, suspirando o nome de Leonor.

Ainda o dia não começava a alvorecer e já a horda tinha sido toda transportada para a outra banda do rio. Faltavam só Mauricio e Gil, Antonio e Zamby, que, extenuados de fadiga, e, por não estarem a trabalhar depois da conversa que escutamos, se tinham deixado vencer pelo somno.

Passados todos á outra margem, andaram cerca de meio kilometro bordejando o rio acima, chegando, finalmente, á frente da gruta de Irabussú, a qual, como sabemos, fica a pouca distancia da beira do rio. Mas o rio no tempo das enchentes em que nos achamos, transvasa para esse lado, sendo separado della por um vargedo plano, ao nivel do barranco, e que fica coberto d'agua até á entrada da gruta. Esse terreno alagadiço demorou a marcha da horda, que tinha de andar ás vezes com agua pelos joelhos.

A agua penetrava mesmo no interior da gruta e alagava todo o chão; mas os refugiados, que durante a anterior estação chuvosa já haviam experimentado os rigores desse grave inconveniente, sendo obrigados a accender fogo em cima dos blocos de estalagmites e a construir giráos para não dormirem no charco como os sapos, tinham construido uma especie de dique, que vedava a entrada das aguas de alluvião.

Graças a esse expediente, a caverna — agora que de novo vamos entrar nella — se achava perfeitamente secca, e até quente, porque, não só por necessidade de luz, como de calor, alli alimentavam constantemente um grande fogo, principalmente durante a noite. Isto tudo é devido ainda aos previdentes cuidados de mestre Bueno, que não podia passar sem fogo e que fez recolher bastante provisão de lenha e carvão.

E' impossivel descrever as multiplas e variadas emoções que assaltaram o espirito de Mauricio, quando deu a primeira passada para transpor o limiar daquelle mysterioso abrigo, onde ha perto de tres mezes não tinha posto o pé e onde elle e os amigos haviam passado por transes tão arriscados e dolorosos.

Parecia-lhe que ia entrar sob as abobadas de um templo sacrosanto. Tirou o chapéo e encostou-se á pilastra de estalactite, na entrada curvou a cabeça, e assim permaneceu pensativo por alguns minutos. Ninguem sabe o que pensava aquella alma nobre e generosa, nem o que sentia aquelle coração tão repleto de saudades, de angustias e das mais crueis inquietações.

Sem duvida se lembrava de Leonor e enviava ao céo, do fundo d'alma, uma supplica ardente a Deus, para que o protegesse a elle e a seus companheiros de infortunio, nos transes em que se achavam, pugnando por uma causa justa e santa. Assim ficou, emquanto a turba dos companheiros entrava de tropel pela gruta a dentro.

O dia já vinha quasi de sobresalto inundando de luz aquellas magnificas paragens. Os crepusculos nas regiões tropicaes são breves, e o dia quasi que surprehende, porquanto a transição das trevas da noite para a claridade é rapida e quasi brusca, mormente quando ha algum luar pela madrugada.

Os Aymorés de Antonio, tangidos por este, tiveram de entrar a toda a pressa e aos trambulhões pela gruta, cuja entrada em certo ponto não chegava a dois metros de largura. Era necessario evitar *chança de poderem* ser vistos por emboabas que por ventura andassem pelas alturas da margem opposta, donde a gruta podia ser devassada. Assim tinham tomado prudentes precauções por conselho de mestre Bueno e Irabussú, os dois velhos oraculos daquella turba de foragidos.

Quando todos se acharam da parte de dentro, Gil, que permanecera sempre ao pé de Mauricio, despertou-o de seus pensamentos — e ambos entraram por ultimo.

Assim como os dois velhos eram os oraculos, estes dois generosos, intelligentes e denodados moços eram os dois braços daquella audaciosa e pertinaz revolta, ha tanto tempo sustentada pelos paulistas contra o poderio dos emboabas.

O recemchegados ficaram attonitos e maravilhados quando penetraram no primeiro e vasto salão da gruta.

Os restos de um grande fogo ardiam no centro, dando á vasta abobada e aos muros de estalactites um aspecto phantastico e deslumbrante. Os Aymorés principalmente, a quem era inteiramente estranho aquelle grandioso espectaculo, estacaram como que tomados de um religioso terror e, atropelando-se e unindo-se uns aos outros, cahiam com a face em terra, exclamando:

— Tupan! Tupan!

Imaginaram estar no templo de Deus, que estavam acostumados a adorar no seio das selvas que acompanham os ribeirões portadores de enorme cabedal ao caudaloso Rio Doce.

Antonio, que os commandava, quiz aproveitar-se da impressão causada no espirito de seus irmãos do matto, como elle os chamava. O joven Aymoré era sagáz e ardiloso, e a companhia dos homens civilizados em que tinha *vivido, a experiencia dos trabalhos* e perigos de que tinha partilhado com seu amo e Gil, tinham-lhe desenvolvido em alto gráu a intelligencia e tino, de que era naturalmente dotado.

Com algum custo conseguiu alinhal-os em fileira em volta do vasto salão, em uma curva que quasi se fechava em circuito.

— Esperem ahi sem mexer que eu volto neste instante! — disse elle com um gesto expressivo, desapparecendo por entre as anfractuasidade da caverna.

— Que irá Antonio fazer? perguntou Mauricio a Gil, que com elle se achava sentado a um canto sobre um bloco de estalagmite, observando com o maior interesse a scena que se passava.

— Não sei! respondeu Gil. Mas estou certo de que não irá fazer nenhuma loucura: esperemos.

Passaram-se alguns minutos de an-

ciosa e geral espectação, tanto da parte dos recemchegados como da dos antigos frequentadores da gruta. Chegou, emfim, Antonio trazendo pela mão Irabussu'. Foi como uma apparição sobrenatural.

A' vista daquelle vulto alto, esguio e hirto, empunhando um arco e um feixe de flexas, ainda de novo os Aymorés se prostraram, mais alto exclamando:

— Tupan! Tupan!

— Guerreiros! exclamou então Antonio. Não é Tupan, não; mas é Irabussú, o pagé dos Carijós, que tambem são nossos irmãos!

Irabussú, com voz cavernosa e vibrante, falou assim:

— Guerreiros de Tupan! o que este columim falou é a pura verdade! Este é Irabussú, cacique e pagé, que já foi dos valentes Carijós, terror e flagello dos covardes e hediondos Botucudos e Tupynambás! Irabussú tomou por mulher uma filha dos Piracys, formosa como o sol e casta como a lua! Desta teve uma filha que se chama Indahyba. Indahyba está em poder dos brancos emboabas. Os emboabas são amigos dos Botucudos e Tupynambás, que sempre têm feito guerra aos Aymorés e aos Carijós, que amigos são dos paulistas. O guerreiro Aymoré obedeça ao cacique que aqui está e com elle marche a cravar suas flexas no peito do emboaba, e de todo aquelle que convive com o emboaba! Guerra! guerra de mórte ao emboaba!

Os echos da caverna vibraram com a immensa e medonha vozeria dos Aymorés electrizados pela fala de Irabussú, e repercutiram por todas as anfractuosidades da gruta.

Mas Antonio, erguendo bem alto uma das mãos espalmada, e levantando o index da outra, impoz silencio.

Esses brados poderiam echoar ao longe, fóra da caverna, e era de suprema conveniencia que os emboabas não suspeitassem nem de leve aquella agglomeração de insurgentes na gruta de Irabussú.

Acalmaram-se os indigenas e todos aquelles que tinham vindo no troço de Mauricio, não tanto em razão da fala de Irabussú e do ascendente de Antonio, como tambem e principalmente porque vinham extenuados de fome e de cansaço.

Gil, que bem sabia disso, mandou immediatamente distribuir com larga mão as provisões de que a gruta se achava fortemente abastecida.

De feito, além da caça e pesca, que o rio e as mattas vizinhas forneciam, os refugiados tinham abundantes provisões de viveres de diversas qualidades: mesmo o toucinho, o sal, a pimenta, o vinagre e outros condimentos não lhes faltavam, além de alguns pipotes de aguardente e de vinho, queijos, azeitonas, passas, etc. De maneira que, naquella caverna de bandidos, podia-se offerecer um jantar quasi tão delicado e profuso como na mesa do Capitão-Mór Diogo Mendes, com a differença da baixella, que na gruta consistia em cuias e colheres de casca de palmito; por toalhas, umas esteiras estendidas sobre mesas redondas de estalagmites, esparsas aqui e alli como no salão de um luxuoso hotel.

Regalados pois os companheiros de Mauricio com a succulenta refeição que Gil lhes mandou distribuir, foram se deixando vergar ao peso do somno, e, recostando-se do melhor modo que puderam, no mesmo logar em que estavam, opprimidos de cansaço, adormeceram profundamente.

Dahi a pouco, aquelles cem peitos robustos começaram a arquejar livremente, nas delicias do somno, produ-

zindo um som mais forte do que o fole de mestre Bueno.

Mauricio, Gil, Antonio e Joaquim, que durante a travessia do rio tinham passado por algumas horas de somno, conservaram-se accordados, assim como Bueno, Nuno e outros companheiros, que não tinham sahido da gruta na noite anterior.

Como é natural em semelhantes conjuncturas, em vez de se entreterem em conversações banaes, deliberavam sobre o que deviam fazer.

*
* *

O leitor ficará talvez surprehendido por achar tanta fartura na pobre gruta. Vou explicar em poucas palavras como isso se conseguiu.

De tempos em tempos, quasi todos os mezes vinham de S. Paulo de Piratininga tropas ou caravanas, carregadas de viveres e fazendas de toda a qualidade, para abastecer o arraial de S. João d'El-Rey.

Eram comboios, compostos em parte de alguns burros carregados, e em parte de gallegos que tambem carregavam ás costas fardos bem pesados e volumosos, como barris de vinho, saccas de farinha de trigo e outras cousas.

Estes comboios andavam mui lentamente, e levavam mais de dois mezes a transportar-se da capital de S. Vicente ao arraial de S. João d'El-Rey, sendo acompanhados por uma escolta de dez a quinze homens armados.

Todos os mezes chegavam a S. João d'El-Rey dessas caravanas atopetadas de generos, ora para o Capitão-mór, para o consumo de sua casa, ora consignados aos ricos emboabas que disso faziam commercio.

Como a agricultura naquella epoca e neste paiz das Minas era muito secundaria apesar da uberdade do terreno, apenas existiam em S. João algumas pequenas plantações de milho, de feijão ou de mandioca. Além disso, as lutas, as perseguições e perturbações que havia dous annos, e talvez mais, reinavam entre paulistas e emboabas, nessas regiões, não davam tempo a que se fizessem plantações tão difficeis naquelle solo rude e selvagem, onde a vegetação espontanea supplantaria rapidamente toda a cultura.

As roças estavam incultas e destroçadas; portanto os mineiros de S. João tinham precisão de mandar vir mantimentos de bem longe e a grande custo.

Mestre Bueno, que sabia bem disso, que conhecia de cór os caminhos de S. Paulo para S. João d'El-Rey, e que havia ficado com a direcção dos negocios dos foragidos durante a ausencia de Gil, entendeu-se com o capitão Nuno:

— Branco, escuta uma cousa...

— Prompto, mestre Bueno.

— Nós estamos aqui quasi a morrer de fome...

— Ah! Nem tanto, mestre Bueno! Tanta caça, tanto peixe!

— Mas sem sal, nem pimenta! Já me lembrei de temperar tudo isso com salitre; mas o salitre...

— Que tem o salitre?

— Não posso gastar delle!...

— Porque, homem de Deus?

— E a polvora? como hei de fazel-a sem o salitre?

O capitão Nuno cahiu em si e, depois de alguns instantes de reflexão, disse pousando a mão amigavelmente sobre o hombro do velho ferreiro:

— Tens razão, meu velho! A polvora para nós é genero de primeira necessidade, e eu nem disso me lembrava!

—Pois devia lembrar-se! Estou concertando espingardas velhas... De que serve tudo isso sem polvora?

— Não te zangues, meu velho. Mas como poderemos ter sal, pimenta, vinagre, e tudo que é preciso para se passar melhor vida?

— Eu já lhe vou dizer. Elles não estão nos roubando o que é melhor do que a vida, a liberdade? Até a liberdade do trabalho elles nos roubaram! E a do trabalho para fazer bem! Como eu trabalhava lá para fazer ferramentas para tirar ouro, para fazer roça, enchadas, machados, alviões, pás e picaretas... para esses perros vis!... Ah! meu capitão! Elles nos roubaram nossa liberdade, e a mim me furtaram minha filha Helena e meu bom companheiro, que era quasi meu filho!

Aqui o velho ferreiro limpou com as costas da mão umas lagrimas seccas pelo calor da forja, porque durante esta conversa seu trabalho não cessava.

— Lá isso é verdade! replicou tristemente o capitão Nuno. Que devemos fazer?

— Não havemos por certo de lhes ir roubar a honra, a liberdade, as filhas, as mulheres, porque isso só é proprio daquellas almas damnadas; mas podemos, devemos e temos precisão de roubar-lhes a fazenda... Isto nem é roubo: será tomar á força, á mão armada aquillo que nos estão roubando...

— Mas, emfim, que pretendes fazer?

— Uma coisa simples: atacar e roubar toda a carregação das tropas que conduzem mantimentos e outros generos que de S. Paulo vêm para essa maldita corja de verdugos.

— Que diz, meu capitão? perguntou mestre Bueno, terminando e suspendendo o trabalho, a fitar Nuno, que por alguns momentos se conservou silencioso e pensativo esperando uma resposta.

—Nós, salteadores de estrada, mestre Bueno? Considera bem no que propõe: isso não nos é muito honroso! Os leaes e valentes paulistas convertidos num bando de ladrões de estrada! De mais, acho que não nos achamos em apertos taes que precisemos lançar mão de tão repugnante meio!

— Não estamos!? Já, já não estamos em apuros, mas daqui a uns poucos de dias não sei o que será, se não fôr tomada a providencia de que lhe falo! A caça já nos vae faltando aqui por perto, e é preciso ir nossa gente procural-a cada vez mais longe, com grande risco de sermos apanhados e descobertos! Com o palmito acontece o mesmo; o peixe por estas immediações já está arisco e cada vez acode menos a nossos anzóes. Em poucos dias, se não quizermos morrer de fome, seremos forçados a abandonar esta gruta, que nos tem dado guarida tão segura, ou a empregar o meio de que lhe falo. Qual das duas coisas acha melhor?

— Abandonar esta gruta! Oh! isso nunca... Emquanto Gil não chegar com o reforço de gente, que foi procurar, daqui não devemos arredar o pé.

— Pois bem, meu capitão, nesse caso mãos á obra, não é assim?

— Está dito, mãos á obra!

O capitão Nuno, que era homem de espirito esclarecido, convencido destas e muitas outras razões, que em linguagem tosca lhe apresentara o velho ferreiro, ponderou tambem que elles podiam considerar-se belligerantes, e que a presa e mesmo o saque, em casos taes, não são uma indignidade, mas sim um direito que lhes assistia e os justificava aos olhos da sociedade e da sua propria consciencia.

Tomada esta resolução, trataram logo de concluir os meios de pol-a em execução do modo o mais seguro e por tal sorte, que os emboabas nem de leve pudessem suspeitar quaes fossem os autores da projectada depredação.

Na gruta poderiam existir, depois da partida de Gil e seus companheiros, em rigor, trinta a quarenta homens. Não eram muitos para poderem assaltar com esperança de successo caravanas que de ordinario eram escoltadas por gente numerosa, e, além disso, alguns *deviam ficar de vigia na gruta*. Mas isso não desanimou aquella gente affeita a todos os transes e perigos e ademais, a perspectiva da fome que os aguardava lhes parecia mais ameaçadora e terrivel do que todos os perigos.

— Para vigiar a gruta bastamos eu Irabussu'. Se acaso algum bando de emboabas apparecer por estas visinhanças, por muitos que sejam, basta surgir-lhes pela frente a figura de Irabussu' para enxotal-os a toda a corja. Até hoje estão escarmentados da lição que tomaram — e... gato escaldado até de agua fria tem medo.

— Disso estou eu certo! replicou Nuno. Comtudo será sempre prudente deixar aqui mais uns quatro ou cinco homens, para rondar os arredores e evitar qualquer surpresa ou pesquisa de emboabas, que, ou por acaso ou de proposito, aqui possam chegar.

— Disso não tenho susto. Elles têm horror a esta furna, e evitam e fogem della como o veado da onça ou o diabo da cruz. Todavia, como o capitão quer, podem ficar mais tres parceiros, que commigo e Irabussú, seremos de sobejo para espaventar toda essa caingalha. O capitão pode ir com o coração socegado, que, com o favor de Deus, nos ha de achar aqui todos sãos e salvos.

Assim se fez.

Quasi todos os foragidos, ficando só mestre Bueno, Irabussú e mais tres companheiros, nesse mesmo dia sahiram da gruta, bem munidos de armamento e provisões de bocca para alguns dias. Debaixo da direcção do capitão Nuno, puzeram-se em marcha com toda a cautela e silencio, margeando as cabeceiras do rio d'Elvas, e, encobrindo a marcha nos capões que as orlam, foram postar-se de emboscada á beira do caminho, junto a um corrego. Era isto nas alturas do logar chamado Victoria, a cerca de tres leguas do arraial de S. João d'El-Rey. Nuno comprehendia que não deviam usar armas de fogo, ainda que as levassem para qualquer emergencia, e por isso tinha armado a sua gente, mesmo os paulistas, de arcos e flexas, de que tambem havia reserva na gruta.

Assim procederam porque convinha que os emboabas se julgassem assaltados por hordas selvagens e não por homens civilisados, o que daria motivo a suspeitar da existencia do grupo de insurgentes, homisiados na gruta de Irabussú.

Ora, os paulistas, tisnados pelo sól, além de crestados pelas intemperies da vida fragueira que ha tanto tempo levavam, tiveram o cuidado de arranjar tambem alguns cocares e plumagens, com que enfeitaram a cabeça e a cintura, de maneira que se confundiam perfeitamente com os indigenas. Emboscados em logar apropriado, e bem escondidos em um espêsso capão, á beira do corrego, depois de tratarem de fazer algumas cobertas de ramos e palmas de coqueiro, para se abrigarem dos rigores da estação calmosa, que então corria, enviaram dois batedores ou guardas avançadas que se collocassem nas eminencias, para que, espreitando ao longe a vinda de qualquer tropa, corressem a avisal-os.

Foram mais felizes do que esperavam. No fim de poucos dias, os vedetas ou guardas avançadas descobriram uma grande tropa, de quarenta burros cargueiros, pouco mais ou menos, acompanhada de outros tantos homens.

Este grande numero não deixou de inquietal-os; mas Nuno, que era traquejado, tranquillisou-os.

— Melhor para nós, disse elle: de uma só vez pilhamos mantimento para um mez.

O capitão Nuno tomou suas medidas e deu as necessarias ordens. Mandou sua gente postar-se em grupos de seis ou sete, na beira da estrada, e bem escondidos no matto, de cincoenta em cincoenta passos, de maneira que occupassem toda a extensão, desde o corrego até a sahida do campo. Assim ficaram todos nos seus postos, no maior silencio e quasi suspendendo a respiração, até que a caravana chegasse.

Quando o ultimo cargueiro e o ultimo homem acabaram de passar para a outra banda do riacho, um alarido espantoso troou no meio da mata, e algumas flexas silvaram aos ouvidos dos emboabas, cravando-se uma dellas na nuca de um burro, que cahiu immediatamente por terra.

Os emboabas, espavoridos, deixaram o burro tombado, e gelados de terror, trataram de tanger para diante a caravana, o mais breve possivel.

Mas dahi a uns cincoenta passos, alarido ainda mais forte e pavoroso retumbou-lhes ao ouvido, e dobrado numero de settas veio cahir entre elles, matando um homem e inutilisando uma besta.

Os bandidos que formavam o primeiro grupo, depois de despejarem suas flexas, iam correndo subtilmente pelo matto, a reunir-se ao grupo immediato, de maneira que, quando a caravana chegou ao ultimo, estavam todos reunidos e com alarido ainda mais infernal, despejavam todas as flexas, fazendo grande estrago nos homens e animaes da caravana.

Os emboabas, persuadidos de que eram atacados por innumeravel horda de indigenas, transidos de pavor, abandonaram tudo e puzeram-se em fuga precipitada, sem animo de olhar siquer para traz, e não pararam sinão em S. João, quasi mortos de medo e de cansaço.

Os bandidos deixaram-nos ir, mas os foram perseguindo de longe, até uma grande distancia, porém, mais com vozerias e gritos do que com armas.

Assim, os insurgentes acharam-se de posse de quarenta burros, carregados de viveres de diversas qualidades, fóra os fardos que alguns gallegos conduziam ás costas. Como não era possivel que trinta homens conduzissem de uma só vez a carga de quarenta bestas, os bandidos trataram immediatamente de retirar da estrada todo o carregamento e depositol-o em algum esconderijo alli por perto.

Feito isto, tomou cada um a carga proporcional ás suas forças, e em quatro caminhadas, a muito custo e com grande fadiga, conseguiram recolher á gruta os viveres pilhados, faina esta que custou uma noite e um dia de rudes e peniveis trabalhos.

Para esse trabalho muito concorreram o bom vinho e os bons alimentos que vinham na tropa, como sejam salchicas, paios, presuntos e outras delicadezas, das quaes foram dando cabo, não só para alliviar a carga como tambem porque não precisavam de preparo culinario, para o qual não dispunham de tempo.

E' excusado dizer que largaram na estrada as bestas com os seus arreios. Além de inuteis, estes animaes lhes poderiam ser funestos, porque, soltos pelas immediações da gruta, denunciariam tudo, como o leitor bem póde imaginar.

O leitor não se terá esquecido de que, segundo as informações de Irabussú, que andara em espionagem pelo arra-

ial de S. João, os portuguezes, auxiliados por Caldeira Brant, que viera do Serro, contavam mais de seiscentos homens de combate e estavam construindo fóssos, trincheiras e estacadas, que tornavam mui difficil um assalto contra aquelle povoado.

Ora, como o leitor não ignora, Mauricio, por intermedio de Antonio e em consequencia de um feliz acaso, que fizera este encontrar seu pae em Ouro Preto, trouxera comsigo uns oitenta Aymorés e mais uns vinte companheiros. Alguns paulistas, que Gil levara comsigo, reunidos aos que fugiram de Caethé, perseguidos pela gente de Nunes Vianna e apanhados em caminho, não passavam de quarenta homens.

Os que ficaram na gruta com o capitão Nuno e mestre Bueno eram quarenta e poucos.

Ao todo eram, portanto, cento e tantos homens, foragidos, mal armados, e em grande parte selvagens, que ignoravam, nem estavam habituados a uma disciplina.

Uma temeridade com tão pouca gente tomar a offensiva contra seiscentos homens bem armados, que se defendiam em logar fortificado.

Esta situação seria de desesperar se Gil não tivesse trazido a animadora esperança da approximação de Amador Bueno, á frente de duzentos e tantos paulistas. Todavia, nem assim Mauricio tinha o animo tranquilo.

— Fui, sou e serei sempre desgraçado! dizia elle a seu intimo amigo Gil, que tanto o conhecia, e com quem abria seu coração, nas horas de prazer como nas de angustia.

— Que tú foste e és infeliz, isso bem sei eu, e o mesmo me acontece, mas que sempre o serás... não sei porque o dizes?

— Não sabes porque? Eu te digo: amei, amo e amarei sempre a Leonor e ella me corresponde com igual affecto. Hoje, ella me odeia e me odiará sempre, e eu... eu sempre a amarei! Perdôa-me, Gil! nunca falei deste meu amôr senão ao Padre Faria... mas falei-lhe como foragido, um bandido que procura justificar o seu procedimento e pede o auxilio de um homem de bem contra a tyrannia. Falando a esse bom padre não verti uma lagrima, não pronunciei uma imprecação e me exprimi com dignidade e altivez, como um homem que tem a reivindicar não só os seus direitos como os de muitos outros seus companheiros, opprimidos por essa corja de emboabas... A' excepção de Antonio que me acompanhou e sabe de todos os meus soffrimentos, não tive tempo, nem occasião de desabafar-me.

— Não vás tu, meu caro Mauricio, querer que poupemos tudo quanto é emboaba e morramos todos, e tu' tambem, só para salvar a tua cara Leonor!... Oh! que essa Leonor ha de nos sahir bem cara...

— Tú zombas, Gil?

— Não zombo, não; é que para salval-a é preciso não pensar tanto nella.

— Hei de pensar sempre nella, quer queiras, quer não queiras: tens o coração desoccupado, não tens amôr...

— Oh! prouvéra Deus que eu tivesse o coração desoccupado!... Se assim fosse não me lembraria nem de Irabussu', nem de Indahyba, nem de Helena, nem de Calixto, nem de Antonio, nem dos paulistas, nem de ti, meu amigo, e até nem de mim mesmo!

— Continúas a zombar, Gil?

— Não, não zombo! Esquece-te por um momento de tua Leonor!

— Eu poderia esquecer-me della por um momento, por dias, por mezes mesmo, quando ella me amava e me tinha em conta de homem honrado e de bem. Mas hoje que ella me odeia e me considera um traidor, um assassino, eu

hoje... não posso me esquecer della em quanto não me justificar...

— E' para isso mesmo, interrompeu bruscamente Gil; é para isso mesmo que é preciso paciencia. Não vás fazer daquellas imprudencias, que da primeira vez nos puzeram a perder.

— Não, não; protesto que não darei um passo sem te consultar, a ti e aos nossos bons amigos Bueno e Nuno. Sei que o amôr cega a gente; na hora da deliberação não me escutem, mas na hora do perigo não me poupem.

— Tenho receio de que ainda te volte a mania de tuas fataes entrevistas. Não digo que deixes de amar D. Leonor: bem sei que é isso impossivel.

— Oh! Impossivel! Mas tambem, nas circumstancias actuaes, bem vês que uma entrevista é do mesmo modo impossivel.

— Para um amôr como o teu nada é impossivel.

— Ah! Gil, a triste experiencia escarmentou-me... Nesse sentido não farei mais a menor tentativa. Mas... eu te juro por nossa amizade, mesmo pelo amôr que eu consagro a Leonor, na hora da deliberação, eu me deixarei guiar por teus conselhos e os de nossos amigos. Na hora do perigo não me poupem, mas tambem fiquem certos, esta minha mão não disparará um só golpe contra a pessoa do Capitão-mór... Elle, tu bem sabes quanto é animoso e temerario; se na lucta chegarmos ao extremo de batermo-nos corpo a corpo, como naquella terrivel noite, não só não o farei, como mesmo voarei onde quer que elle se ache, para amparal-o com o meu proprio corpo contra os golpes dos nossos. Ah! já não foi pequena desgraça ter eu manchado minhas mãos no sangue de seu infeliz filho...

— Esquece-te disso, Mauricio; não foi por tua culpa: tranquilisa-te, que nós tomaremos todas as medidas para que o pae de tua amada não seja victima do furor de nossa gente ou de sua propria temeridade.

— Confio em ti e em nossos amigos que já conhecem o Capitão-mór e já estão ao facto de nossas intenções. Tambem não receio muito da parte dos oitenta Aymorés, que vieram commigo do Ouro Preto; devem ficar debaixo do mando de Antonio, que os entende e os saberá conter. Mas os duzentos homens de Amador Bueno, aos quaes nos devemos reunir? Bem sabes como Amador Bueno é altaneiro e assomado; esse não dá quartel a inimigo...

— Oh! isso não te dê cuidado; elle é impetuoso e ardente, não ha duvida, — é implacavel quando se azeda; mas é fogo de palha: fóra disso, tem bom coração; ademais, elle não tem motivo particular de rixa contra o Capitão-mór. O tal insolente Caldeira, esse sim! Ai delle se lhe cáe nas garras!

— Mas, já que estamos neste ponto, sem mudar de conversa, é preciso ver o que devemos fazer para nos ajuntarmos com a gente de Amador Bueno. Elle talvez nem noticias tenha tido deste arraial de S. João d'El-Rey, ha perto de tres mezes a esta parte. A noticia do assalto, tão desastrado para nós, que se deu na casa do Capitão-Mór, é impossivel que não tenha chegado a S. Paulo; mas ninguem de certo sabe que os restos dessa gente derrotada nessa noite fatal, agora aqui existam bem perto de S. João e reforçada com gente nova. O mesmo Capitão-Mór e seus emboabas nem sonham talvez com isso.

— Talvez sonhem, Gil; elles sabem que nem tu, nem eu estamos mortos .

— Mas, julgam que andamos foragidos, e sem recurso algum... O Capitão-

Mór e Fernando — sabes isto melhor do que eu, — nenhum caso faziam de nós, quando viviamos dentro do arraial, e punhamos o pé na casa delle. Agora que andamos foragidos pelo matto e pelas cavernas como bichos ferozes, muito menos caso farão de nós.

— Não duvido, Gil, e tanto melhor.

— Agora, devemos chamar o capitão Nuno e mestre Bueno para combinar o que devemos fazer. Não podemos perder tempo; hoje mesmo se deve começar alguma cousa.

— Sem duvida alguma; o que se póde fazer hoje não se deixa para amanhã.

Gil apressou-se em ir chamar os dois leaes companheiros, que por uma natural coincidencia se achavam a um canto da gruta, conversando sobre o mesmo assumpto.

— Oh! Gil! — exclamou Nuno ao avistal-o — Estás ahi! Pensei que estivesses dormindo em companhia de nosso amigo Mauricio.

— Não, nós dormimos fartamente da outra banda do rio, emquanto se passava nossa gente para o lado de cá... Estamos agora conversando a respeito do que havemos de fazer e vim tratar disso.

— E' justamente do que se está tratando — replicou mestre Bueno. E agora, que Vossas Mercês pretendem fazer?

— Ainda não sabemos; vamos para lá onde está Mauricio, e nós quatro combinaremos, emquanto este povo não acorda.

Gil levou mestre Bueno e Nuno para o canto em que o vimos com Mauricio.

Reunidos os quatro em uma conferencia, que durou pouco tempo, deliberaram destacar da gruta um grupo de dez ou vinte homens, com o fim de ir ao encontro de Amador Bueno, para informal-o minuciosamente das ultimas occorencias, e guial-o com seu exercito á gruta de Irabussu'

Feita esta juncção, os chefes deliberariam sobre o modo e o tempo em que deviam atacar os emboabas em S. João d'El-Rey.

Gil, que era o unico que possuia relogio, consultou-o, chegando perto de um ultimo tição que conservava algum fogo, o qual soprou para fazer luz.

— São perto de duas horas da tarde, meus amigos. E' tempo de despertar essa gente, porque hoje mesmo devemos começar a execução de nossos planos.

Então, Mauricio, com vez forte, chamou pelo nome de Antonio.

Este, que sempre despertava á voz de seu querido amo, logo acordou, e immediatamente estava junto de Mauricio.

— Desperta os nossos amigos Aymorés; é já tempo, dormiram bastante.

Dahi a pouco aquella gruta, em que não se ouviam senão roncos e o resfolegar compassado dos que dormiam, converteu-se em theatro de uma actividade quasi tumultuosa. Os Aymorés, que durante o seu longo somno sonharam com a guerra aos emboabas, quando se viram despertados por Antonio, cuidaram que era já tempo de avançar contra elles, e instantaneamente pondo-se em pé, com todas as armas, soltaram seu grito de guerra.

Os paulistas e os outros bugres acordaram sobresaltados.

Antonio, secundado por Mauricio e Gil, Nuno e mestre Bueno, com alguma difficuldade conseguiram acalmar a excitação de uns e o panico de outros.

Gil falou aos paulistas, explicando-lhes que convinha partissem alguns ao encontro de Amador Bueno que tambem vinha, com perto de tresentos homens, atacar os emboabas.

Todos se offereciam enthusiasticamente, mas Zamby (Joaquim), o valente e leal africano, resentido de que se não lembrassem delle, levantou a voz e o vulto gigantesco por cima da multidão.

— Já se esqueceram de mim, meus brancos?! — exclamou elle. Então Joaquim já morreu? Para que tanta gente? Joaquim só póde ir buscar e guiar os brancos de S. Paulo, e trazer todos elles para aqui. Eu, ha mais de dez annos, tenho traquejo desta estrada; conheço todos os trilhos, desvios e atalhos que ha por ahi, porque fui tocador de tropa do defunto meu senhor, um maldito emboaba que com estas mãos mandei governar lá os diabos nos infernos... Meus brancos, então não contam mais com Joaquim?

— Contamos muito e muito, meu Joaquim, — atalhou Gil, avançando para o africano. — Bem sabemos que és um dos mais valentes e leaes de nossos companheiros. Mas tu e Antonio deveis estar fatigados das caminhadas e trabalhos que tivestes com Mauricio. E' preciso que descanceis.

— Eu, descançar?... Não, meu branco, eu vou onde está esse branco chamado Amador Bueno... Eu o conheço bem: é um homem alto e magro; a barba já está branqueando. Si me não deixam ir, eu fujo para sempre daqui.

— Não é preciso fugir, — acudiu Gil, pousando-lhe a mão no hombro; — tu irás, e acceitamos teu serviço; mas não faz mal que leves comtigo tambem alguns companheiros.

— Não preciso, acudiu Joaquim; mas, emfim, isso não faz mal nenhum.

— De quantos companheiros precisas?

— Dois sómente.

— Levarás cinco.

— Pois vá feito.

Joaquim escolheu cinco entre seus companheiros, dos que lhe eram mais conhecidos: dois negros de seus antigos quilombolas, que ainda restavam; dois indigenas dos Carijós de Tabajuaa, e um joven paulista, mas forte e corajoso, inimigo jurado de tudo quanto era emboaba.

O paulista que conhecia Joaquim desde S. Paulo, porque servira em casa de seu pae, e tinha sido testemunha da lealdade e valor do brioso africano, nas ultimas lutas contra os emboabas, não teve o menor pejo, nem receio, de acompanhal-o naquella expedição.

Muniram-se do que era necessario para cinco ou seis dias, e partiram nessa mesma tarde ao encontro de Amador Bueno.

CAPITULO XI

Amador, tendo recebido a carta de desafio de Caldeira Brant, que em termos asperos e pouco cortezes o desafiava a campo, acceitou sem hesitar e respondeu-lhe em termos um tanto quixotescos, mas não injuriosos, com a fanfarronice e jactancia proprias dos paulistas, que até nisso parecem ter sido mais uma colonia hespanhola, que portugueza.

Amador tratou immediatamente de organizar uma forte bandeira, não já no intuito de descobrir novas regiões auriferas, nem aprisionar e captivar indigenas, mas de punir a petulancia

de um insolente emboaba, que o desafiava e insultava.

Os paulistas, gente emprehendedora naquella época, por terra, como eram por mar os antigos phenicios em mais remota era, ou como os portuguezes do tempo de Colombo e Vasco da Gama, se achavam dispersos por toda a vasta colonia portugueza.

Por isso, Amador Bueno, em S. Paulo de Piratininga e nos seus arredores, a custo poude alistar um bando de cerca de cento e cincoenta homens validos e robustos como elle, e quinze dias depois de ter recebido o cartel de desafio de Caldeira Brant, com elles se poz a caminho para as Minas. Essa marcha durou cerca de um mez, em razão das difficuldades do caminho atravez do sertão bruto, retalhado de rios caudalosos, eriçado de montanhas e coberto de espessas e emmaranhadas florestas.

Nella, porém, em compensação, Amador Bueno teve a felicidade de ir encontrando, em pequenos grupos, grande numero de paulistas fugitivos, que vinham de Sabará e Caethé e mesmo alguns de S. João d'El-Rey, fugindo das perseguições dos emboabas, os quaes, incorporando-se ao seu bando, com elle voltaram ás Minas.

Quando, pois, o denodado chefe chegou ás immediações de S. João, contava em suas fileiras mais de duzentos e cincoenta homens valentes, resolutos e bem armados, graças á copia de armamento e munição, de que tivera cuidado de prover-se.

Elle ignorava, porém, que Caldeira Brant, em S. João, tinha reunido um numero de combatentes mais de duas vezes superior ao seu, e que havia, como já dissemos, fortificado aquelle ponto de fossos e trincheiras construidas de cascalhos tirados das lavras de ouro, tornando-o reducto quasi inexpugnavel.

— Este Caldeira, — dizia elle conversando, á tarde, a seus amigos, em um estado de perfeita segurança e com plena convicção de exito de sua empresa: — este Caldeira, a meu ver, não passa de um fanfarrão cheio de basofia. Que nos poderá apresentar em frente a nós, que estamos acostumados a escaramuçar o gentio, leval-os de vencida por campos e florestas, e apanhal-os á mão, como quem agarra gallinhas na capoeira? Não póde apresentar mais que algumas duzias de gallegos poltrões e mariolas, acostumados sómente a carregar fardos e barris de vinho por essas estradas, como burros de carga. Amanhã pela manhã poderemos dar-lhes caça; e aposto que amanhã mesmo nem um delles dormirá em S. João d'El-Rey, a não ser os que ficarem dormindo o somno da morte.

— Tambem eu não duvido disso, replicou um dos circumstantes; — porém, julgo que não seria mau, antes de atacar o inimigo, procurar-se saber qual o seu numero e a posição em que se acham.

— Nada disso nos importa, retrucou vivamente Amador. Desde que sejam emboabas, fossem elles mil, e eu só dispuzesse de cem pessoas, não receaaria atacal-os. Quanto á posição que occupam, nós a reconheceremos, logo que lá chegarmos.

Estavam nesta conversa, quando divisaram ao pé da collina dous homens que se dirigiam ao acampamento. Eram dois paulistas que não tinham tomado parte na insurreição de seus patricios e se tinham conservado homisiados nas immediações de S. João d'El-Rey, mas separados, e até ignorando a existencia do nucleo de insur-

gentes, que se asylára na gruta de Irabussú.

Apezar disso, vendo-se elles alvo das suspeitas dos emboabas e temendo as suas perseguições, depois da derrota e dispersão de seus patricios, tomaram a resolução de abandonar as minas e voltar ao seio da terra natal.

Foram benigna e cordialmente recebidos por Amador e seus companheiros, e, como se póde adivinhar, aquelle contentissimo com a chegada tão opportuna desses dois homens, cheio de curiosidade, apressou-se em interrogal-os minuciosamente sobre as circumstancias em que se achava o povoado.

As noticias que lhe deram não eram muito tranquilisadoras; mas Amador não revelou, nem deixou transparecer na expressão de seu rosto, nem em sua linguagem, o mais leve signal de desanimo ou inquietação; continuou a fallar de emboabas no mesmo tom desdenhoso, e a alardear a mesma confiança no feliz exito de sua audaciosa empresa.

Os paulistas expuzeram-lhe por miudo o estado das cousas. O Capitão-Mór, receioso de mais algum levante por parte dos paulistas e indigenas, se havia rodeado das maiores precauções; e os quatrocentos ou quinhentos emboabas validos que formavam aquelle povoado, bem providos de armamentos e munição, se achavam promptos a pegar em armas, ao primeiro chamado.

Fernando, de dias em dias, e ás vezes o proprio Capitão-Mór, exercitavam-nos, adextravam-nos no manejo das armas e evoluções militares.

Mas isto ainda não era tudo. Oito dias antes, havia chegado das bandas de Sabará e Caethé, o caudilho portuguez Felisberto Caldeira Brant.

— Oh! já se acha ahi esse chefe de mariolas, exclamou Amador Bueno, levantando-se e batendo palmas de contente. Esse biltre teve o atrevimento de nos desafiar a campo... Bem; continúa, meu amigo! Que mais ha? Caldeira já se acha em S. João? E que mais?

— Sim, senhor — respondeu o paulista, — lá está e trouxe comsigo de duzentos e tantos a trezentos homens em soccorro do Capitão-Mór, afim de desbaratar e expulsar sempre os paulistas destas minas.

— Duzentos e tantos homens, reflectiu Amador Bueno; com os quatrocentos e tantos do Capitão-Mór formam mais do triplo do que nós temos; mas não importa; quem não sabe que um paulista é para dez emboabas?... E que mais, amigo?

— Ora, continuou o paulista — desde que estes homens chegaram, não se occupam senão de fazer trincheiras e obras de fortificação.

— Que miseraveis! que covardes! Sendo tão superiores em numero, não se atrevem a combater em campo aberto, estes facinoras, que só sabem atirar por detraz do tôco e á traição!... Foi assim que massacraram nossos patricios aqui bem perto do capão da Traição... Mas elles verão!... Vamos adiante, amigo, que mais ha?

— Nada mais, senão que elles lá se acham muito confiados e altaneiros, á espera de Vossa Mercê.

— Não hão de esperar muito tempo; lá irei: não costumo faltar a convites desta natureza. Mas, diga-me ainda: Essas trincheiras e fortificações de que são feitas? São muito fortes?

— Parecem-me bem fortes. São feitas, pela maior parte, de cascalho que tiram das lavras de mineração e que amontoaram em fórma de muralha, até á altura do peito de um homem. Em outras partes, são estacadas de

madeira grossa, em outras são vallas bem fundas, guarnecidas de faxinas, atraz das quaes devem ficar os atiradores, de maneira que do lado de cá é impossivel romper caminho para entrar na povoação, senão a poder de balas de artilharia...

— Como? pois não se póde atacal-os de flanco, nem mesmo pela retaguarda?

— Não é possivel: as trincheiras formam um cordão que se estende da serra do Lenheiro e vai acabar na beira da matta do rio das Mortes, atravessando quasi toda a povoação do lado de cá.

— E do lado de lá?

— Do lado de lá está o rio.

— Pois passa-se o rio.

— E' preciso passal-o duas vezes, como o commandante sabe, e o rio neste tempo leva muita agua, e não ha quem o passe, nem a nado, quanto mais a váo.

— E a ponte que ha no caminho que vai para Ouro Preto?

— Essa está sempre guardada por uma grande guarnição e, segundo ouvi dizer, se quizerem forçar a passagem, aquelle que não puder defendel-a, tem ordem de botar fogo nella.

Amador ficou pensativo, por alguns momentos, e disse depois:

— E não se poderá arranjar umas canôas para passar nossa gente?

— Nem isso, commandante; tomaram todas as cautellas, mandaram apanhar todas as canôas que havia por ahi, e as puxaram para terra a secco, do lado de cá.

— Não importa, disse Amador, com o tom de sobranceria que nunca o abandonara; — não nos faltam bons machados nem braços vigorosos para manejal-os, nem tão pouco nos faltam grossos troncos por essas mattas. Havemos de fabricar canôas e jangadas com o favor de Deus, e isto em poucos dias, o que dará em resultado estarmos em S. João brevemente, enxotando de lá essa vil perrada de gallegos, commandada por esse vil e covarde Caldeira.

Amador sustentara aquelle tom e linguagem altaneira para não desalentar os seus; mas logo comprehendeu as criticas e perigosas circumstancias em que se via enleado. Bem via que sómente com duzentos homens não lhe era possivel ir bater-se com um antagonista que dispunha de mais de setecentos homens, bem aquartelados, armados e municiados e, além disso, combatendo por detraz de fortes trincheiras.

Avançar imprudentemente era loucura; recuar com essa gente para S. Paulo, covardia; manter-se no mesmo logar por algum tempo, sem recursos para resistir ao inimigo, nem atacal-o, além de imprudencia, covardia: era entregar-se ao inimigo, deixando-se sitiar por elle.

Ir com a sua tropa buscar novos reforços de gente e de subsistencia — tal o unico recurso que lhe restava.

Mas para onde iria elle?

Procuraria o rumo de Sabará, Caethé? Por ahi bem sabia que os emboabas andavam fortes, principalmente tendo por si Nunes Vianna.

Grande parte dos companheiros que tinha em suas fileiras vinham escaramuçados daquellas paragens; era-lhe impossivel penetrar em semelhantes regiões sem correr risco de perder-se. Tambem Amador e seus companheiros bem sabiam que em Ouro Preto havia uma forte colonia, composta, pela maior parte, de paulistas mas tambem de grande numero de emboabas e indigenas; mas para lá chegar só se offereciam dois caminhos — ou o de S. João d'El-Rey que se achava occupado

pelo inimigo que guardava com vigilancia a ponte do rio das Mortes; ou procurar as cabeceiras do rio nas fraldas da serra da Mantiqueira, afim de vadeal-o e dahi procurar o Ouro Preto, dando uma volta immensa.

O primeiro alvitre era impossivel, porque não havia meio de flanquear o inimigo sem se expôr á quasi certa contingencia de por elle ser atacado.

Amador egualmente não ignorava que os paulistas de Ouro Preto viviam mui contentes de sua sorte, assim como tambem os emboabas, não havendo entre elles rixas nem animosidade alguma, sendo este estado de paz e prosperidade da nascente povoação devido não só á abundancia de ouro que alli encontravam, como principalmente ao tino e á prudencia dos chefes paulistas Antonio Dias e Padre Faria.

Era, pois, difficil, senão impossivel, desviar aquelles mineiros do seu pacifico e lucrativo trabalho para os arrojar a uma empresa bellicosa, aos azares de uma luta armada contra quem quer que fosse. Mettido neste terrivel impasse ou becco sem sahida, o chefe paulista em vão deu tratos ao espirito, procurando uma solução ás difficuldades de sua critica situação. Emfim, resolveu reunir em conselho na sua barraca os chefes mais experimentados e de mais prestigio, afim de lhes expôr as difficuldades e hesitações em que se achava, e com elles deliberar sobre o melhor partido que poderiam tomar.

Nenhum delles deixou de reconhecer a perigosa e precaria conjunctura em que se achavam; mas tambem nenhum delles apontou alvitre algum que pudesse tiral-o daquella embaraçosa situação com probabilidade de successo; e, portanto, todos a uma voz sustentaram que não havia outro expediente possivel senão atacar immediatamente o inimigo em S. João d'El-Rey, expondo-se embora a uma luta desegual de um contra tres, a uma luta desesperada de vencer ou morrer.

— Recuar, dizia um delles, seria para nós uma deshonra, uma humilhação com que muito se regosijaria o tal Caldeira do inferno e toda a sua perrada, que cantaria victoria como se tivesse combatido. Desviar tambem para qualquer dos lados, em procura de reforços que por certo não encontraremos em parte alguma, seria rematada loucura. Estacionaremos aqui até que elles fiquem scientes de nossa chegada, de nossa posição e mesmo do numero de nossa gente; é uma imprudencia expormo-nos a ser aniquilados.

— Nada, nada disso! Só nos resta um partido, partido desesperado na verdade, mas o unico que nos fica bem: marchar avante e direito ao inimigo. Uma surpreza, um ataque inesperado e rigoroso, antes que percebam nossa approximação... E quem sabe se, procedendo nós assim, essas fortificações em breve estarão em nosso poder e essa corja de emboabas enxotados para sempre de S. João d'El-Rey?! E, se tivermos de succumbir, façamos com que a victoria lhes saia mais cara e amarga possivel.

Assim, deliberou-se pôr immediatamente em movimento a columna, afim de atacar de improviso e vigorosamente as trincheiras durante a noite. Ainda bem o paulista não tinha acabado de proferir estas palavras, quando se ouviu uma descarga de mosquetes que os poz em sobresalto. Amador, que conversava com os amigos dentro de uma barraca, correu logo para fóra; os paulistas que andavam dispersos a caçar pelos lançantes da extensa collina corriam acceleradamente de todos os lados, descendo em direcção ao acampamento.

— Temos emboabas! — disse um delles a arquejar, o que primeiro chegou á fala junto de Amador. Chama ás armas, commandante!

Mas não foi preciso dar ordens nem signaes. Os paulistas que se achavam dispersos já estavam todos reunidos no acampamento .

Os que receberam a descarga e que felizmente se achavam illesos informaram em poucas palavras a Amador que, achando-se distanciados em numero de quatro, nas visinhanças de um matto que ficaria dahi a um quarto de legua, do outro lado do outeiro, ouviram uma descarga de oito ou dez tiros que sahiam de dentro do matto. Dispararam a correr, gritando pelos companheiros que andavam mais longe, e, chegando ao alto do morro, como não eram conhecidos de perto, olharam para traz e viram um troço de uns cincoenta a sessenta homens, que a toda pressa marchavam para elles.

— São emboabas que nos querem surprehender! — bradou Amador. Este Caldeira é um perfido. A elles, meus amigos!

— Não precisamos de ir todos: cincoenta homens sáiam para a frente!

Todos sahiram.

— Quero só cincoenta!... bradou Amador, ainda que elles sejam cem.

Todos passaram á frente; queriam todos ser dos cincoenta e ter a honra de acompanhar Amador naquella arriscada investida.

— Pois bem! — exclamou Bueno, impacientado, — querem ir todos; mas eu não posso consentir em tal; venham os primeiros cincoenta que se acham á minha direita; acompanhem-me, e já!

Dizendo isto, Amador arrancou a espada da bainha e apontando para o alto da collina, poz-se a andar. Os cincoenta da direita o acompanharam de perto, mais uns dez ou doze, e mais alguns talvez que se affoitaram em seguil-o, vendo que naquella emergencia não havia tempo, nem era occasião de contar homens. Os outros ficaram em armas, escondidos no matto.

De feito, mal tinham avançado alguns passos, viram apontar no alto da collina os inimigos, que marchavam em columna cerrada e a passo accelerado, á distancia de uns quinhentos passos. Bueno deixou sua gente avançar ainda um pouco até o meio do lançante, e depois fel-a parar até o inimigo chegar ao alcance de seus tiros. A columna dos emboabas, em vista desta parada, observando o numero dos adversarios, que lhe pareceu muito menor do que o seu, attribuindo a medo a parada do inimigo, avançou affoitamente. Dada a primeira desga, a gente de Bueno, já industriada por elle, começou a bater em retirada e desordenadamente como em fuga precipitada, separando-se em dous grupos, um para a esquerda e outro para a direita do inimigo, até se avisinharem bem do capão, em que se achavam occultos os demais paulistas. Vendo este movimento, os emboabas redobraram de audacia; e já pensavam ir agarrar á mão inimigos aterrados e indefesos, quando se viram inopinadamente envolvidos em tres fogos.

Os fugitivos, reunindo-se e formando-se á distancia, atacavam-nos pelos flancos, emquanto do matto rompialhes pela frente, e quasi á queima-roupa, um terrivel e mortifero fogo de mais de cem escopetas. Em pouco tempo, metade dos inimigos jaziam por terra mortos ou feridos.

Amador com um brado atroador fez suspender aquella inutil carnificina e ordenou aos inimigos que restavam que depuzessem as armas e se rendessem á discreção.

Muitos destes mesmo já largavam as armas, e ajoelhando-se de mãos postas imploravam misericordia. Todos se entregaram sem resistencia, dando mil graças a Deus e á magnanimidade de Amador por tel-os salvo daquelle horrivel morticinio.

Esta victoria tão assignalada, posto que enchesse de enthusiasmo e confiança a todos os paulistas, não tranquillizou muito o espirito de Amador. Um ataque sobre S. João d'El-Rey, unico expediente que lhe poderia dar alguma esperança de successo, já não era possivel.

Na columna de emboabas que acabava de assaltar o campo dos paulistas, vinham dois cavalleiros, que durante o combate se conservaram na retaguarda, um pouco á distancia, tendo os seus animaes pela redea: pareciam os commandantes daquella força. Logo, porém, que viram o negocio mal parado e o desbarato dos seus, montaram com presteza e se puzeram a galopar, fugindo. Ora, infallivelmente não pariam senão em S. João, aonde iriam dar noticia de sua desastrosa e completa derrota, da posição e numero dos paulistas. E não deixariam, por certo, de exaggerar.

Dado este alarma, Caldeira Brant não deixaria de redobrar de vigilancia e de tomar rigorosas providencias de precaução e segurança em seu entrincheiramento, contra qualquer surpresa do inimigo.

Portanto, Amador, de accordo com seus logar-tenentes, resolveu, pois já começava a anoitecer, passar a noite naquelle mesmo sitio, afim de deliberar sobre o que deveriam fazer no dia seguinte. Antes, pois, que se entregassem ao somno, conferenciaram longamente, e foi por fim adoptado unanimemente o alvitre proposto por Amador, de imitarem os emboabas, isto é, fortificarem tambem o seu campo com trincheiras, estacadas e fossos, e ahi permanecerem, visto que em campo fortificado uma guarnição qualquer pode defender-se contra forças tres ou quatro vezes superiores. Entretanto, Amador destacaria alguns homens que voltassem á capitania de S. Vicente, afim de angariar mais alguma gente, com a maior presteza possivel, para reforçar suas fileiras.

— Com mais cem homens, — dizia elle — eu vos juro que temos segura a victoria. Não viram com que perrice se portaram no combate de hoje!... Bem dizia eu que um paulista é para quatro labregos a peito descoberto, mas como estão fortificados, é prudente que sejamos ao menos um contra dois.

CAPITULO XII

No outro dia o sol, que se ergueu desannuveado em um céu limpido e luminoso, allumiava no acampamento dos paulistas um espectaculo singular e inteiramente novo naquellas paragens. Os companheiros de Amador moviam-se em todos os sentidos, já em grupos, já isolados por toda a extensão da vasta collina, uns carregando, em vez de escopetas, enxadas, pás e alviões, outros levando ao hombro grossos toros de madeira. No matto, as arvores estremeciam aos sonoros golpes do machado, sacudindo da coma, em chuva de perolas o orvalho da madrugada. Os principaes chefes, a cavallo, percorriam a collina, indicando e demarcando os pontos mais convenientes, em que se deviam erguer trincheiras, ou cravar estacadas; emfim todos

trabalhavam pressurosos e com incrivel ardor, como se desejassem terminar naquelle mesmo dia a obra de fortificação. Andavam nesta faina, havia já duas horas, quando um delles deu vista de um grupo de quatro homens, que se dirigiam para ali, não pelo caminho de S. João, mas do lado direito, cortando o campo.

Immediatamente foram dar parte a Amador, que nesse momento se achava em sua barraca com os paulistas designados para voltar á procura de reforço de gente, os quaes esperavam suas ordens e algumas cartas que escrevia.

Amador saltou rapidamente fora da barraca e poz-se a observar os novos visitantes; alguns paulistas puzeram-se logo em armas.

Os forasteiros, que eram um homem branco, um negro de estatura colossal e dois indigenas, logo que chegaram a certa distancia pararam, talvez receiando alguma hostilidade. O branco tomou um pedacinho de papel que trazia na algibeira, pegou n'uma flexa de um dos indigenas, apertou nella o papel e deu-a de novo ao indio.

Este embebeu-a no arco e disparou-a. A flexa voou rapida a uma altura extraordinaria, depois retardando o vôo e pairando como uma ave de rapina, descreveu uma curva, e, baixando como um gavião que se arroja sobre a presa, veiu cravar-se no chão, a alguns metros adiante de Amador. Este apressou-se em tirar o papel e lel-o. Continha sómente estas duas palavras: — "Paz e Alliança".

O leitor já adivinha que esses quatro forasteiros eram os enviados de Mauricio ao encontro de Amador.

Amador sentiu um estremecimento de jubilo ao ler aquellas palavras; um como lampejo de esperança atravessou-lhe o espirito, dissipando todas as apprehensões e o desalento que ultimamente o agitavam.

O papel andou de mão em mão, entre gritos de alegria. Amador fez signal com a mão aos forasteiros para que se avisinhassem, e immediatamente uma multidão de paulistas correu ao encontro delles, e os trouxe como em triumpho até a presença do chefe.

— Hontem, ponderava elle, já vieram por mero accaso incorporar-se a nós dois dos nossos patricios; hoje chegam, como que cahidos do céo, mais quatro camaradas que talvez sejam guardas avançadas de outros muitos. Se a cousa continua assim, por Deus que em pouco tempo poderemos ir cuspir balas á cara do emboaba e mandar o Caldeira ir ferver nas profundas dos infernos.

Chegados á presença de Amador, e acolhidos por todos com grande affabilidade, porém com maior curiosidade, o joven paulista tirou de sua patrona uma carta que entregou ao chefe. Era de Mauricio, que Amador conhecera pessoalmente em S. Paulo, e cujas qualidades altamente apreciava.

Mauricio, receiando que um simples recado oral, dado por pessoas obscuras e inteiramente desconhecidas ao illustre bandeirante pudesse despertar alguma suspeita em seu espirito, julgou prudente tambem escrever-lhe aquella carta em que lhe narrava por alto suas aventuras, os ultimos acontecimentos de S. João, o logar e a situação em que se achava, as forças de que dispunha, e convidava a unir-se a elle para juntos combaterem o emboaba.

Emquanto Amador ia silenciosamente lendo a carta, os olhos de quantos o rodeavam estavam fixos em sua physionomia, a qual á medida que ia lendo, cada vez mais se expandia em uma expressão inequivoca de contentamento e enthusiasmo.

— Bem dizia eu! — exclamou, concluindo a leitura. Estava até adivinhando, quando disse, ainda agora, que estes quatro camaradas eram talvez guardas avançadas de outros muitos.

— Leiam, leiam esta carta! — accrescentou, agitando no ar o papel. — Já temos gente de sobra para esmagar o emboaba!

Entregue a carta aos soldados, em breve toda a tropa ficou sciente de seu conteudo. Houve uma alacridade, um enthusiasmo, uma decisão e coragem inexplicavel em todo o acampamento. Os mais desanimados tornaram-se os mais resolutos e corajosos.

Havia nas fileiras de Amador muitos jovens paulistas que conheciam pessoalmente os nossos dous heroes. Das proezas e aventuras de ambos, tinham chegado até S. Paulo algumas noticias vagas e incompletas.

O odio dos paulistas contra os emboabas era grande, principalmente depois do morticinio do *Capão da Traição* e da perseguição movida contra elles em Caethé e Sabará pela gente de Nunes Vianna e Caldeira Brant, e ardiam no mais impaciente desejo de encontrar occasião de tomar completa desforra desses aleivosos e covardes attentados. Parecia um dia de festa no acampamento.

E' excusado dizer que todos abandonaram os trabalhos de fortificação; em vez de derribar troncos e cavar fossos, colhiam flores silvestres com que ornavam as armas e os chapéos, e dando com os seus mosquetes salvas de alegria, celebravam a vespera como preludio de uma victoria mais completa e decisiva.

Sem mais demora, Amador deu a sua gente ordem de movimento, afim de se reunir á tropa de Mauricio.

Em breve, toda a columna com sua bagagem estava prompta, e guiada pelos emissarios de Mauricio, pelos mesmos logares escuros e invios por onde estes tinham vindo, se puzeram em marcha em direcção á gruta de Inabussú, abandonando aquellas elevadas collinas, que deixaram para sempre assignaladas com o nome de *Alto da Victoria*, que ainda até hoje conserva.

E' preciso que o leitor conheça o motivo que deu logar ao ataque imprevisto que acabamos de narrar, ataque tão inesperado para os paulistas como para os proprios emboabas.

Caldeira Brant, sabendo que Amador Bueno acceitava o desafio que lhe dirigira, e tendo noticia que elle já se achava em caminho, á testa de algumas centenas de paulistas, enviou ao seu encontro, como guarda avançada em reconhecimento, uma guerrilha de cincoenta a sessenta homens.

Levavam ordem de os evitar e de sómente os observar de longe, calculando pouco mais ou menos o seu numero; e logo que tivessem conseguido isso, deviam retirar-se com presteza a dar-lhe conta dessa commissão.

Talvez o leitor pense que para isso não eram precisos mais do que cinco ou, quando muito, dez homens resolutos e traquejados, visto que não iam combater o inimigo, mas simplesmente observal-o. Nesse tempo, porém, Caldeira Brant receiava com razão algum ataque por parte dos indigenas e mesmo de paulistas foragidos, que se sabia vagarem pelas cercanias de S. João; sem ter descoberto onde era o seu couto, entendeu enviar um destacamento numeroso, capaz de repellir qualquer assalto.

Caldeira Brant, calculando que Amador Bueno apenas estaria a meio caminho, ordenou aos seus que fossem avançando ao seu encontro, em marchas lentas e cautelosas, até o Rio

Grande, além do qual não deveriam passar.

Convencidos disso, os emboabas marcharam até as collinas em que se achava Amador, sem nunca olhar para diante, e dando sómente attenção aos flancos afim de evitar qualquer emboscada de indigenas ou paulistas foragidos.

Assim foram marchando até galgar a collina, por detrás da qual já havia muitas horas se achava acampado Amador com sua gente. O encontro do inimigo foi, portanto, para elles uma verdadeira surpresa, e teriam recuado promptamente em fuga precipitada, se o estratagema habilmente empregado por Amador não tivesse impedido de ajuizar do verdadeiro numero dos inimigos. Na confusão, porém, daquelle encontro inesperado, julgando o inimigo em numero talvez inferior, enganados pela fuga simulada que Amador ordenara aos seus, e que estes admiravelmente executaram, os emboabas avançaram com toda a segurança e affouteza, correndo á sua ruina, como acabamos de ver.

CAPITULO XIII

Deixando, por agora, Amador com sua tropa marchar penosamente atravez de campos e mattos não trilhados, para *ir juntar-se á troça de paulistas* e indigenas, que Mauricio, Gil e Antonio, á custa de perigos e fadigas extraordinarias, tinham conseguido incorporar na gruta de Irabussu' é-nos forçoso conduzir o leitor ao seio da povoação de S. João d'El-Rey e do Capitão-Mór, afim de nos informarmos, por miudo, do que ahi se passou depois da desastrosa noite, em que ella foi theatro da horrorosa carnificina tão fatal aos paulistas e que Mauricio mencionou na sua narrativa ao Padre Faria.

Vamos, pois, nos encontrar com tres interessantes e sympathicos personagens: — a bella, nobre e altiva d. Leonor, a gentil, graciosa e dedicada Helena, e a ingenua e formosa filha das selvas, a espantadiça, mas resoluta Indahyba. Temos tambem de encontrar-nos com o Capitão-Mór, Diogo Mendes, seu sobrinho Fernando e outros personagens, dos quaes certamente não se terá o leitor esquecido.

Pouco passava de duas horas depois da meia noite, postos os paulistas em debandada depois do sanguinolento assalto que havia durado apenas meia hora, quando o Capitão-Mór e seus portuguezes, entendendo que nada mais tinham a receiar, tranquillizaram-se, e encostando as armas, passaram a examinar o estreito theatro daquelle horrivel e mortifero combate. Todos deviam estar fatigadissimos, mas ninguem dormiu naquella noite fatal.

O lugubre silencio que succedeu ao retinir das armas e aos gritos ferozes dos combatentes, era interrompido pelos gemidos e pelo estertor dos moribundos, que jaziam na varanda, no salão e no pateo, de envolta com aquelles que, mais felizes, já tinham exhalado o ultimo alento.

Leonor e suas companheiras, que deixamos ajoelhadas na capellinha, depois do apparecimento de Mauricio e das palavras rapidas que pronunciou, tranquillizaram-se um pouco e sentaram-se no tapete, com os seios arquejantes de susto e inquietação, o ouvido álerta ao menor ruido, como

tres rôlas espavoridas que escutam tremendo o bater das azas do gavião, a cujas garras acabam de escapar. Entretanto, apesar de se irem esvaecendo os sustos e sobresaltos causados pelo horrivel conflicto, aquellas tres pobres almas sentiam ainda o peso da mais cruel tribulação.

Como as pragas dos vencidos e os gritos dos vencedores já se iam esvaecendo ao longe, as tres começaram a reflectir: Indahyba pensava em Antonio, Helena em Calixto e Leonor... Leonor pensava em todos e em tudo. Mais feliz do que as outras, tinha visto são e salvo o seu amante. Mas aquellas ultimas e sinistras palavras que ouvira delle — "Estaes salvas... mas eu... eu estou perdido!... perdido para sempre! — produziram em seu espirito extranho e singular enleio; mas sua intelligencia sagaz, depois de alguns instantes de reflexão, comprehendeu tudo. Já por vezes lhe tinha passado, rapida como o relampago, a ideia de que Mauricio tambem tramava com o resto dos paulistas contra seu pae, contra Fernando e contra todos os emboabas.

Não conhecia, nem mesmo poderia comprehender a terrivel collisão em que se achava seu leal e desditoso amante. Depois das duas ultimas entrevistas, as hesitações, as expresões equivocas e mysteriosas de Mauricio, deram ainda mais constancia a suas suspeitas. Não ha duvida, — concluia ella comsigo mesma, — é um traidor... Ama-me talvez e talvez não... Mas elle acaba de dizer que nos salvou e que está perdido para sempre!... Que quer dizer isto, senão que elle estava no numero de nossos inimigos!... Meu Deus!... Meu Deus!... exclamava ella, estorcendo as mãos e volvendo seus lindos olhos, macerados de lagrimas e vigilias, para a imagem do Crucificado — que quer isto dizer?!... Minha cabeça estala... meu coração está tão angustiado... Oh!... Meu Deus! Meu Deus! E meu pae?... E Affonso? Que será delles? Murmurava ella estas palavras a meia voz, e suas companheiras a contemplavam mudas, mas cheias de confiança, como se vissem seu anjo tutelar, que ia levar immediatamente aos pés do Eterno suas supplicas, para serem attendidas. Nisto estavam, quando appareceu á porta da capella um homem com as mãos ensanguentadas, o cabello em desordem, o olhar torvo e as feições transtornadas.

Trazia debaixo do braço esquerdo uma espada ensanguentada e na mão direita uma lanterna accesa. As moças logo que o viram, soltaram um grito de pavôr e taparam os olhos com as mãos, pensando que era ainda algum paulista insurgente, que por alli se achava com ordem de assassinal-as.

— Pois já não me conhecem! — bradou o vulto, com voz aspera e agastada.

— Ah! é o senhor Fernando! murmurou Leonor, volvendo os olhos para o vulto e reconhecendo-o. Desculpe-nos: o susto e o pavor nos perturbam.

Não era entretanto, só o pavor e o susto que as perturbavam; Fernando estava mesmo por tal sorte desfigurado, que ainda mesmo em circumstancias ordinarias o teriam desconhecido.

Os cabellos hirtos e em desalinho; as vestes em desordem e ensanguentadas, dilaceradas em diversos logares, em consequencia da lucta frenetica que tivera de sustentar, cruzando ferro contra ferro, bastavam para desfigural-o; mas, além disso, a pallidez cadaverica que lhe cobria o rosto salpicado de sangue, o furor que lhe estuava n'alma, por se ter visto supplantado pela mão vigorosa de Mauricio e curvado a seus pés, o seu olhar torvo e desvai-

rado, davam-lhe a toda figura uma expressão tão sinistra e hedionda, que ninguem naquelle momento reconheceria nelle o bello e garboso gentil-homem, secretario de Diogo Mendes. Pensar-se-ia antes estar vendo um bandido ignobil e feroz, que, farto de sangue e matança, atira-se ao saque e á profanação do lar, que acaba de assaltar.

— Comprehendo o seu susto, d. Leonor, — retorquiu Fernando; o caso não é para menos; tranquillize-se, porém; os inimigos já vão longe, e tomaram tal esfrega, que nunca mais se lembrarão de nos incommodar.

— E meu pae? E Affonso? — perguntou Leonor com anciedade.

— Seu pae, senhora, foi ferido, mas...

— Ferido exclamou Leonor; Meu pae ferido! Onde está elle?

— Ah! por quem é não se afflija: o ferimento não é grave; em poucos dias estará restabelecido. Entretanto, é preciso que a senhora vá para junto delle.

— Ha mais tempo já estaria se soubesse... Onde está elle?

— Em seu quarto de dormir, — respondeu Fernando.

Sem mais querer ouvir, Leonor arrojou-se para a porta da capella e desappareceu, voando para o quarto de seu pae.

Helena e Indayba quizeram acompanhal-a, mas Fernando as deteve.

— Esperem, meninas! — disse elle, embargando-lhes o passo. Para cuidar do senhor Capitão-Mór, basta d. Leonor e mais algumas pessoas que lá já se acham. Temos outro dever de caride a cumprir: a menina Helena toma a lanterna e vamos ver os mortos e os feridos; os mortos para serem enterrados e os feridos para serem soccorridos emquanto é tempo; e isto já.

Era uma tarefa bem cruel para as duas raparigas na flor dos annos: apesar de não ignorarem o que são dores, inquietações e soffrimentos intimos, iam pela primeira vez presenciar o espectaculo de uma arena do mais terrivel combate, ensopada ainda de sangue quente, fumegante, e coberta de mortos e moribundos.

Mas Fernando, para cortar toda a desculpa, lhes fez ver que naquelle momento ninguem se achava desoccupado, e que era indispensavel que ellas o ajudassem naquelle doloroso dever.

Não souberam, nem ousaram replicar; entretanto uma curiosidade anciosa e cheia de inquietação as attrahia, mau grado seu, áquelle theatro de sangue e carnificina. Antonio e Calixto, que seria delles? Por certo estariam tambem no numero dos assaltantes: os duas amantes bem poderiam ir encontral-os mortos e banhados no proprio sangue!... Esta lembrança, ao mesmo tempo que as fazia recuar horrorizadas, chamava-as áquelle scenario de horrores, impellidas por uma imperiosa e fatal curiosidade.

Helena tomou a lanterna e ambas seguiram Fernando para o grande salão das audiencias. Ahi jaziam, estendidos no pavimento ensanguentado, quatro ou cinco corpos.

Fernando mandou que Helena approximasse a lanterna ao rosto de cada um delles, afim de reconhecel-os e examinar se estavam mortos.

Bem se pode comprehender com que angustia, com que estremecimento de pavor, a pobre moça desempenhou esta funebre tarefa, receiando encontrar em cada morto que alumiava o rosto de seu querido Calixto. Fernando, ao contrario: com o mais satanico sangue frio, depois de os volver e revolver, um por um, examinou-lhes as feições, os

golpes, apalpando-os, auscultando-os, á ver se ainda respiravam.

— Estão mortos e bem mortos; são cinco, dois do inimigo e tres nossos,— disse seccamente; — com estes nada temos; pertencem ao coveiro. Agora passemos á varanda.

Fernando, ou por acaso ou de proposito, guiou os passos das duas meninas justamente ao logar em que se achavam, como abraçados um ao outro, os cadaveres dos dois inimigos fidagaes, Affonso e Calixto.

Nós vimos na primeira parte desta historia como esses dois bellos mancebos que se detestavam, por uma fatal coincidencia cahiram ambos derribados pela espada de Mauricio, e quasi enlaçados em funebre e piedoso amplexo, esquecendo na morte seus odios e seus amores.

Calixto, cahindo com o braço estendido, enlaçava o collo ensanguentado de seu rival. Era um espectaculo para confranger de dó o coração mais empedernido e o mais alheio ás tristes circumstancias, que o acompanhavam.

Que terrivel impressão não devia produzir elle sobre a pobre Helena, que alli via decifrado o horror de seu destino, tão estreitamente ligado áquelle doloroso quadro!... Apenas reconheceu as feições de Calixto, os olhos se lhe turvaram, a lanterna cahiu-lhe das mãos e os joelhos desfallecidos deixaram-na cahir tambem com os braços abertos sobre o corpo de seu amante.

— Oh! oh! — rosnou Fernando, trincando os dentes; — temos mais uma, que precisa de soccorros!... Menina! menina! — continuou, apanhando a lanterna, e tocando com a ponta do pé no corpo de Helena desmaiada; — vamos adiante! é escusado ficar aqui. Estes tambem estão mortos e bem mortos. Eu, menina, os vi cahir trespassados pela espada de Mauricio...

— Vamos!

Helena, desmaiada, nada ouvia.

— Pega na lanterna, — disse Fernando bruscamente a Indayba — e vamos adiante! Creio que teremos tambem uma defunta a enterrar...

— Helena! Helena!... bradou a ingenua e corajosa carijó, debruçando-se sobre o corpo de Helena, estendido sobre o de Calixto. Morreste tambem? Não, não, ella não está morta!

— Morta ou viva, de nada nos póde servir agora — disse Fernando e, agarrando a pobre Indahyba pelo braço, fel-a levantar-se e a levou pela varanda e depois ao pateo, examinando mortos e feridos, com a feróz tranquillidade do chacal que, á noite, depois do combate, passeia entre os cadaveres saciando a fome no campo da carnificina.

O deliquio de Helena durou apenas alguns minutos; a linda joven paulista, a filha do velho ferreiro, herdara a compleição sadia e vigorosa de seu pae, que era de tempera tão forte como a do ferro trabalhado em sua forja. Só um golpe tão doloroso, como esse que acabava de fulminal-a, poderia interromper-lhe a posse dos sentidos.

Despertou como quem acorda de um pesadelo; mas em poucos momentos, recobrou a reflexão e a memoria: ella havia cahido com a face sobre a espadua esquerda de Calixto. Emquanto reatava suas idéas, percebeu que o peito do mancebo arquejava debilmente e o coração batia em fracas e quasi imperceptiveis pulsações.

Um sobresalto de alegria e esperança fez-lhe estremecer todo o corpo, e o sangue, que o pavor e a angustia lhe tinham enregelado nas veias, aqueceu-se de subito e deu-lhe novo alento. Em um momento colloçou-se

de pé: achava-se em escuridão quasi completa. Sem mais demora, correu ao aposento de Leonor, e, tirando uma das velas que ardiam junto do oratorio, voltou á varanda a examinar o estado e natureza das feridas de Calixto. Desenlaçando os corpos dos dois rivaes, abraçados na morte, collocou de costas, com todo o carinho, o corpo do amante, e, com o mais vivo prazer, reconheceu que os golpes, apesar de numerosos, eram leves e superficiaes, não sendo o seu desfallecimento mais do que o resultado da grande perda de sangue. Mais que depressa se dirigiu ao aposento do Capitão-Mór, para pedir a Leonor ataduras e algum balsamo para applicar ás feridas do mancebo.

O Capitão-Mór, entregue a um ligeiro lethargo em consequencia da debilidade, não percebeu a entrada de Helena; mas Leonor velava á sua cabeceira.

— Que ha de novo, minha amiga? perguntou Leonor com açodamento, logo que viu Helena... Onde está Affonso?... Não o viste por ahi?

Esta rapida e inesperada pergunta, que exigia prompta resposta, cahiu como se fosse uma massa de gelo sobre o coração de Helena. A pobre menina, na angustia e tribulação em que se via, nem pensara na eventualidade tão natural dessa pergunta, e por tanto muito menos havia cuidado em forjar uma mentira qualquer, para occultar á sua patrôa, ao menos por algum tempo, a triste realidade.

— Ah! sim, o senhor Affonso, — respondeu ella balbuciando, emquanto excogitava uma resposta. Eu vim aqui depressa buscar... uns pannos...

— Mas, meu irmão Affonso, que é delle? Não me respondes?

— Ah! perdão, minha senhora, — ...tinha me esquecido... já não sei onde tenho a cabeça... o senhor Affonso, já perguntei por elle... disseram-me que tinha saido a perseguir...

— Ah! Meu Deus! Aquelle doido o que iria por ahi fazer?! Vou mandar buscal-o á força.

— Faz bem, minha senhora, murmurou Helena.

— Mas... o que me pedias? continuou Leonor um pouco tranquillizada.

— Umas ataduras para um ferido...

— Ah! sim! respondeu Leonor, entregando um punhado de fios e ataduras... Vai depressa; não posso abandonar meu pai, senão iria te ajudar... mas quem é elle? é dos nossos?

— Não sei; não o conheço.

— Mas... seja o que fôr, vai já soccorrel-o.

Helena, de caso pensado, não quiz declarar quem era o ferido, porque receiava que, se soubessem que era Calixto, o mais encarniçado dos inimigos dos emboabas, e a quem por isso mesmo estes votavam o mais violento odio, tratassem de dar cabo delle. Nada temia de Leonor, nem mesmo do Capitão-Mór, cujo coração sabia ser humano e generoso, mas dos outros portuguezes e principalmente de Fernando, cuja malvadez e ferocidade, ella, melhor que ninguem conhecia.

Quando chegou de novo para junto do corpo exanime de seu amante, já alguns emboabas e escravos fugitivos, que Fernando a muito custo fizera arrebanhar, se achavam occupados na lugubre faina de desentulhar o edificio e o pateo dos cadaveres que os juncavam. Alguns feridos encontrados ainda com signal de vida, eram recolhidos á sala da prisão, que durante o

assalto fôra arrombada pelos insurgentes.

Ora, como dissemos, não convinha a Helena que Calixto fosse tambem para lá conduzido, e, portanto, dirigiu-se com modo supplicante áquelles sinistros coveiros, e, dizendo-lhes que aquelle ferido era um irmão de quem ella mesma se encarregava de tratar, conseguiu que o conduzissem para seu quarto.

Fernando, tendo terminado sua funebre tarefa, voltou com Indahyba ao logar onde havia deixado Helena desmaiada sobre o corpo de Calixto, e, vendo que alli só se achava o cadaver de Affonso, entendeu que os outros dous já tinham sido conduzidos para o logar do destino.

— Ainda bem! murmurou elle. Este deve ser enterrado em logar occulto e debaixo do maior segredo. Toma tento, Indahyba! Não vás bater com a lingua nos dentes para contar, nem a Leonor, nem ao Capitão-Mór, nem a quem quer que seja, a morte deste mancebo!

Indahyba olhou espantada para Fernando, mas comprehendeu o motivo desta recommendação.

— Mas, Helena! Helena não está morta! murmurou a indigena. Vou ver onde ella está.

— Não sei se está ou não: isso pouco me importa... Vou dar as providencias para esconder este cadaver. Não preciso mais de ti, vai-te para onde quizeres.

CAPITULO XIV

Indahyba exultou de prazer ao ver-se livre da companhia daquelle homem sinistro, e dando-se pressa em aproveitar da liberdade, que lhe era concedida, poz-se logo á procura de Helena.

Primeiramente dirigiu-se ao quarto do capitão-mór, que se achava aberto, como era mister, e frouxamente illuminado. Chegando apenas á porta, espreitou por todos os cantos: o Capitão-Mór ainda dormitava, e Leonor, á sua cabeceira, estava absorvida em seus tristes e angustiados pensamentos; mas Helena lá não se achava. Indahyba correu ao quarto de sua amiga, que era contiguo ao seu, e lá bem no interior. A porta estava fechada, mas havia luz dentro.

— Está ahi — pensou a india com o coração a pular de esperança e contentamento. — Empurrou de leve a porta, que cedeu, por estar apenas encostada, e entrou.

Calixto estava deitado na pobre enxerga de Helena, que sentada á beira da cama, com a maior diligencia, solicitude e presteza, lhe pensava as feridas.

O moço não havia ainda recobrado os sentidos, mas já tinha a respiração mais sensivel, palpitações mais fortes e outros symptomas pelos quaes qualquer pessoa, por mais ignorante que fosse, o julgaria fóra de perigo.

Helena ao entrar Indahyba, sobresaltou-se um tanto, mas ao reconhecel-a, sua alma serenou, tornando-se mais tranquilla e contente do que antes.

— E' elle! é elle! murmurou Indahyba, logo que deu com os olhos naquelle grupo.

— Sim, é elle! E' elle e está salvo, não achas, Indahyba? replicou Helena,

sem interromper o serviço urgente que a preoccupava.

Em poucos momentos, a dedicada amante, auxiliada agora por sua amiga, tinha concluido seu caridoso mister.

Os ferimentos de Calixto eram, pela maior parte, pouco importantes; mas, devido á duração da lucta e a uma contusão mais forte no ante-braço, produzida por uma rija pranchada que de proposito lhe descarregara Mauricio, no intuito de desarmal-o, sem offendel-o, perdera grande quantidade de sangue. Não só a dôr physica, como tambem o desespero e a raiva que lhe causou essa pranchada, vendo-se desarmado no momento em que, furioso, avançava contra Mauricio, contando certo atravessal-o com a espada, contribuiram por certo, tanto ou mais do que a perda de sangue, para que cahisse inanido e hirto como um cadaver, sobre o cadaver do seu rival.

— Agora vamos conversar, disse Helena, e puxando Indahyba pela mão acocoraram-se ao pé do catre onde jazia Calixto, e alli permaneceram bem unidinhas, como um par de rôlas, que á noitinha se empoleiram sobre um raminho, affagando-se e arrulando, até adormecer. Assim ficaram as duas raparigas, arrulando, em voz baixa e triste, o angustiado dialogo que se segue:

— Conta-me, Indahyba — começou Helena, — o que se passou por lá?... Ah! que noite horrivel, não é assim, minha amiga?... Quando pensamos nós, em dias de nossa vida, passar transes tão crueis?!...

— E' assim: Indahyba já tem padecido muito; mas, como esta noite, nunca soluçou a pobre indiana.

— Eu tremo ao perguntar... mas... é preciso... Só sei de Calixto, que ahi está... E Antonio?... Viste-o?... E meu pai?...

— Ah! não, não; não vi nenhum delles, nem vivo, nem morto.

— Mas, meu pai estava na prisão...

— Elles arrombaram tudo e os presos fugiram.

— Então tenho alguma esperança: de certo puzeram-se a salvo.

— Mas o sr. Fernando já mandou gente perseguir os que fugiram.

— Mandou? Que homem mau! Aquelle perro vil é a causa de todas as nossas desgraças... E o sr. Mauricio?

— Tambem fugiu.

— Ah! então bem: meu pai de certo foi com elle, e você bem sabe que não é qualquer que bota a mão nelles, principalmente se vão com Antonio e Gil...

— O sr. Affonso, coitado!... Esse, sim, morreu mesmo! Ah! pobre d. Leonor, quando souber...

— Ah! não! não! O homem não quer que ella saiba!

— Qual homem?

— O mau Fernando.

— Ah!...

— Elle mandou que eu não contasse a ninguem, e que se enterrasse o corpo ás escondidas.

— Fez bem... mas eu já sei porque é que aquelle diabo fez isso.

— Porque é?

— E' porque elle mesmo quer ter o gosto de dar essa triste noticia á pobre moça.

— Ah! mau!...

Aqui o dialogo foi esmorecendo entre suspiros e monosyllabos, até morrer de todo. As duas raparigas, extenuadas, de fadiga, de vigilia e de emoções, adormeceram.

CAPITULO XV

A primeira luz do dia despontava, rosea e risonha, nas orlas do horizonte; mas no arraial de S. João e principalmente nas cercanias da casa do Capitão-Mór, essa aurora não achava nem um hymno, nem um sorriso que a saudasse. Os passarinhos que costumavam ir cantar pela madrugada no jardim de Leonor, tinham fugido espavoridos e os sabiás, rolas e jurityz, que vinham ao terreiro debicar as migalhas de opiparas refeições que as meninas, em dias não mais alegres, porém mais tranquillos, costumavam lançar-lhes, sentindo o cheiro acre de sangue recente, que impregnava o chão, não ousaram alli pousar.

Gemidos surdos, lagrimas, conversações em voz abafada, triste e mysteriosa, e alguns corvos que, attrahidos pelo cheiro da sangueira, esvoaçavam em volta da habitação do Capitão-Mór — eis ahi as lugubres saudações que festejaram a aurora que se seguiu a essa desastrada noite.

Nesse momento do primeiro albor do dia, as duas raparigas que deixamos ha pouco, cochilando em triste e anciosa modorna, como duas rolinhas, ao pé do leito de Calixto, despertaram ao som de uns gemidos e de umas palavras, debil e confusamente pronunciadas.

Era o mancebo que, graças aos cuidados da amante, ao silencio e ao frescor da madrugada, depois de um somno breve e reparador, ia pouco a pouco recobrando os sentidos.

— Ai! que é isto?! Onde estou, meu Deus? Que é que me aconteceu?... Ah! Helena!... Helena... murmurava com voz entrecortada e arquejante.

— Estou aqui, Calixto! Estou aqui! disse com voz abafada e commovida Helena, levantando-se rapidamente e debruçando-se sobre o vulto de Calixto.

— Oh! estás ahi! exclamou este abrindo, a custo, os olhos.

— Sim, aqui estou eu, mas não te mexas; não te desaccommodes!

— Ah! minha Helena! minha querida Helena! Deixa-me beijar essa mão caridosa... E' a segunda vez que me chamas á vida... A primeira foi nesse dia cruel...

— Bem sei, bem me recordo, atalhou Helena; deixa essas lembranças para depois...

Como o dia já despontava, Helena apagou a pobre candeia de azeite, que ardia no quarto, e entreabriu de manso a janella de fortes balaustres, que dava para o pateo interior.

Helena, por certo, não tinha ainda a experiencia de uma enfermeira de hospital de sangue; mas, como mulher e amante, tinha esse instincto advinhador que prevê e previne tudo. Não deixou, portanto, entrar de chofre no aposento luz muito viva, nem ar muito fresco. Felizmente para o enfermo, a manhã estava serena; uma bafagem de ar puro e tepido, de envolta com uma restea de luz branda, vivificou os pulmões e activou a circulação no empobrecido sangue do ferido.

Elle conseguiu, com o caridoso e dedicado auxilio das duas meninas, sentar-se na cama, e, abrindo bem os olhos, disse:

— Ah! Helena!... E' ella mesma!... Não é um sonho como ainda agora eu pensava... Ah! e tambem

Indahyba! Estou com dois anjinhos do céo... Mas onde estou? Em casa de quem?

Helena não sabia o que dizer e hesitou em dar resposta a esta pergunta. Se soubesse que estava em casa de seus inimigos, era terrivel noticia para elle: só essa idéa, no estado melindroso em que se achava, podia comprometter-lhe o prompto restabelecimento, e talvez mesmo a vida.

— Estás em minha casa, — respondeu Helena, depois de alguns instantes de silencio.

— Estou em tua casa, em casa de mestre Bueno? Não, não póde ser...

— Não, não estamos em casa de meu pae, mas estamos em logar seguro, em casa de um amigo.

— Qual amigo?!... Se estamos com emboabas, estou perdido.

— Socega, meu amigo; logo te direi tudo... Eu vou arranjar-te um caldo... E' preciso que descances um pouco ainda: deita-te ahi, que nós voltamos neste instantinho. Vamos lá fóra, Indahyba.

Calixto obedeceu, sem mais reluctancia, á voz daquella excellente rapariga, que considerava com razão o seu anjo tutelar, e recostou de novo a debil cabeça fatigada sobre o travesseiro, e de novo adormeceu, cheio de esperança e gratidão.

Indahyba e Helena, logo que viram Calixto de novo tranquillo e adormecido, sahiram e se recolheram ao quarto da indigena, que era visinho ao de Helena.

— Tenho uma cousa a recommendar-te, disse esta; é preciso que ninguem saiba que Calixto aqui se acha; é preciso mesmo que acreditem que está morto e sepultado com os outros infelizes que morreram esta noite.

— Sim; mas porque?

— Ora, por que?! Pois não advinhas, minha tolinha, — que se o senhor Fernando souber é capaz de o fazer morrer á mingua e á força de máos tratos!? Só uma pessoa póde saber de tudo, e é preciso mesmo que o saiba, porque sem ella em nada poderei valer ao meu pobre Calixto.

— Quem é?

— E' nossa ama, d. Leonor; ella não nos quer mal; você bem sabe quanto ella é bôa; se ella quizer, e porque não ha de querer? — ninguem, senão nós tres, saberá que Calixto aqui existe. Tem paciencia, minha Indahyba, fica um bocado vigiando Calixto, emquanto eu vou procurar geito de conversar com d. Leonor.

Assim o fizeram. Indahyba ficou velando á cabeceira de Calixto, e Helena foi pressurosa procurar Leonor no aposento de seu pae. Ali se apresentou naturalmente, como a pretexto de saber novas do Capitão-Mór, offerecer seus serviços e pedir ordens. Infelizmente para ella, o Capitão-Mór, que havia despertado de sua lethargia, achava-se agitado e em ancioso dialogo com sua filha.

Perguntava por Affonso, e Leonor procurava, em vão, dissipar as sinistras impressões que assaltavam o espirito de seu pae. E como não seria assim, se ella mesma não estava de todo tranquilla a respeito da sorte do seu irmão?

Quando Helena entrou, Leonor congratulou-se por achar uma companhia tão a proposito para tranquillizar, ou antes, para illudir seu pae.

— Vieste muito a tempo, Helena... Vem, chega-te aqui.

Helena approximou-se do leito do Capitão-Mór.

— Aqui está Helena, continuou Leonor; — ella é quem sabe e viu tudo, e foi ella quem me contou.

A pobre Helena viu-se ainda forçada a mentir e enganar a ambos porque ella bem sabia que Affonso era morto, e que, áquella hora, talvez já estivesse enterrado. Mas Helena não era dessas creaturas que se deixam perturbar nas situações difficeis e melindrosas: já tinha mentido uma vez e estava disposta a mentir ainda mais, porque comprehendia que estas mentiras, em vez de produzir mal, eram naquellas circumstancias um dever de caridade.

— Ah! viste Affonso, menina? — disse o Capitão-Mór com voz desfallecida. Onde está elle? Fala, minha menina: não me occultes nada.

— O senhor Affonso, — respondeu Helena, fazendo extremo esforço para não titubear na mentira que ia pregar: — o senhor Affonso eu o vi são e salvo... depois o sr. Fernando me disse que elle sahiu, pela madrugada, perseguindo os revoltosos, e que já, sem perigo, se achava de volta... e que daqui a pouco elle deve estar em casa.

O Capitão-Mór, e mesmo Leonor, reassumiram certa tranquilidade, em virtude do tom cheio de calma e segurança com que Helena conseguiu externar sua piedosa mentira. Assim tranquillisado, o Capitão-Mór, a quem sua filha já tinha ministrado algum alimento, adormeceu de novo, e desta vez em somno mais profundo e menos agitado. Vendo que elle dormia, Helena, em voz baixa, pediu a Leonor que se affastasse um pouco do leito do ferido.

Leonor accedeu a este pedido, e Helena, em poucas palavras, lhe contou o que acabamos de narrar a respeito de Calixto, e terminou supplicando-lhe, não só guardasse segredo, como tambem lhe facilitasse os meios de tratar de seu doente.

— Tens razão, minha pobre Helena! — respondeu commovida a pobre moça. Se Fernando souber, não sei o que será do teu Calixto. Não era preciso que me pedisses nem segredo, nem soccorro: bastava me contar o que ha. Quando precisares de alguma cousa, basta uma palavra, um signal.

— Toma esta chave, — continuou, entregando-lhe a chave da cópa; — lá acharás pão, vinho e mais algumas cousas. Do caldo que se fizer para meu pae, tambem se dará ao teu Calixto.

Helena beijou as mãos de Leonor com lagrimas nos olhos.

— Tambem. — respondeu ella, — quando a senhora precisar de nossos serviços, meus, ou de Indahyba, nós ahi estamos: não nos poupe.

Leonor voltou para junto de seu pae, e Helena correu á cópa a procurar alimento, de que antes de tudo precisava o seu doente.

CAPITULO XVI

Fernando, depois que dera as necessarias providencias para sepultar os mortos e tratar dos feridos, e principalmente para sepultar em segredo o cadaver de Affonso, persuadido tambem de que Calixto já se achava enterrado, deixou entregue o Capitão-Mór aos cuidados de Leonor e de uma unica preta escrava, que na hora da matança, ou por dedicação ou por falta de animo e forças para fugir, se deixara ficar em casa, e recolheu-se tambem ao seu quarto para tomar algum descanço. Já de antemão tinha tomado todas as providencias para a perseguição dos fugitivos, arrebanhan-

do para esse fim alguns emboabas que não tinham entrado na luta, e que, portanto, se achavam em melhores condições de vigor para bem desempenhar essa tarefa.

Mas o seu principal cuidado era a captura de Mauricio. Escolheu para esse fim seis homens dos mais resolutos e bem dispostos, deu-lhes boas cavalgaduras, que abundavam nas estrebarias do Capitão-Mór, promettendo-lhes avultadas sommas, se o trouxessem morto, e o dobro, se o trouxessem vivo.

Depois de os ter regalado com pão, salchichas e presunto da copa do Capitão-Mór, expediu essa pequena patrulha que, estimulada por esses incentivos e animações, e principalmente pela esperança das sommas promettidas, se poz logo com ardor á pista de sua victima.

Os ferimentos que Fernando havia recebido eram leves e superficiaes, e o sangue havia estancado apenas com auxilio de alguns fios e ligaduras. Sem cuidados, portanto, a respeito de seu estado e emquanto esperava o resultado das diligencias que havia expedido em perseguição aos revoltosos, deitou-se e adormeceu.

A casa do Capitão-Mór ficou silenciosa durante algumas horas, como se estivesse completamente deserta e abandonada, e todo o arraial de S. João d'El Rey parecia tambem um acampamento deixado de vespera. Os mortos já repousavam para sempre debaixo da terra; os vivos, que tinham entrado em combate, feridos ou não, procuravam no somno o restabelecimento das forças e da saude. Os que se achavam mais descançados, por não terem tomado parte na encarniçada luta, haviam sahido por ordem de Fernando no encalço dos fugitivos.

Não foi senão depois de meio dia que vieram chegando, um por um, ou em pequenos grupos, os homens de Fernando, estropiados, estafados e quasi mortos de fome, somno e cansaço; apenas se recolhiam a suas casas, estiravam-se logo no primeiro enxergão que encontravam, e, como não achassem tambem nem a quem contar, nem pedir nada, entregavam-se ao somno, continuando assim todo aquelle funebre silencio, em todo o povoado, durante o resto do dia.

Só na casa do Capitão-Mór havia gente desperta, alerta e solicita: eram tres mocinhas, iguaes somente na idade, na belleza da forma e na pureza d'alma, além do infortunio que as fraternizava. Fóra disso, pela raça e pela posição social, enorme differença as distanciava. Uma era de puro sangue indigena; outra era seguramente de raça mixta e filha de um pobre ferreiro; a ultima era uma illustre e formosa fidalga, em cujas veias girava o generoso sangue luso-hespanhol.

Eram, entretanto, estas tres meninas as unicas que resistiram ainda ao somno e á fadiga.

E' que todas tres eram amantes, todas tres tinham seres queridos, envoltos nos perigos de uma luta feroz e sanguinolenta, que não podiam sabar se estaria ou não terminada.

Leonor estava junto de seu pae, tranquilla a respeito de seu estado, que não inspirava inquietações, mas em extrema afflicção por não ter visto ainda Affonso, depois do pavoroso conflicto da noite, e cruelmente impressionada pelas ultimas e sinistras palavras que ouvira da bocca de Mauricio.

Helena tinha tambem junto a si o seu amante, salvo de perigo ao menos por aquelle dia; mas seu pae, o velho mestre Bueno? Sabia ella o que se-

ria feito delle? Apenas sabia por bocca de Indahyba, que havia fugido, aproveitando-se do arrombamento da prisão feita pelos insurgentes; mas não receiava ella que de um para outro momento elle entrasse pela casa a dentro. amarrado, ferido e mesmo morto?

Indahyba nada receiava por seu pae, o velho Irabussu'; bem sabia que os emboabas não lhe podiam pôr a mão; não podia porém esquecer-se de Antonio... A lembrança de Antonio despertava-lhe ao espirito a de Mauricio e de Gil, esses amigos tão constantes e dedicados, cuja sorte tambem era ignorada.

Entretanto, as tres moças, ainda que cruciadas por tantas angustias e tribulações, eram os unicos entes que giravam pela vasta e taciturna habitação do Capitão-Mór, onde, felizmente para o desempenho do seu piedoso dever, ninguem as vinha estorvar, nem importunar. E não só ellas cuidavam dos dous feridos, por quem mais se interessavam como tambem iam ministrar todos os soccorros de que dispunham aos desventurados feridos de uma e outra facção, que jaziam quasi abandonados na prisão arrombada, que lhes servia de enfermaria sem enfermeiro.

Calixto restabelecia-se promptamente; o Capitão-Mór, cujo ferimento era mais grave, posto que abatido, não inspirava cuidado sobre seu restabelecimento. As tres moças, extenuadas de insomnia e emoções, separaram-se para tomar algum repouso, julgando que poderiam gosar delle por algumas horas.

Indahyba recolheu-se ao seu quarto e adormeceu profundamente, sonhando com Antonio; Helena encostou-se á cabeceira de Calixto, e ao som de sua respiração, cada vez mais forte e compassada, tambem adormeceu nos braços da esperança.

Leonor fez o mesmo: encostou-se a um espaldar á cabeceira do leito de seu pae, e, apesar das mil atribulações que lhe agitavam o espirito, estava dormindo somno bem profundo. Mas o somno reparador de que gosavam aquelles tres anjos de caridade e dedicação, não durou muito tempo.

Eram passadas apenas duas horas, depois que adormeceram, quando um rumor longinquo, que se foi tornando pouco a pouco mais proximo e distincto, veiu perturbar o silencio quasi sepulcral que reinava dentro e em torno da casa do Capitão-Mór.

Era uma altercação ou alteração de vozes que veiu augmentando até entrar no pateo do modo o mais atroador e desrespeitoso.

Eram os seis homens da patrulha, que Fernando enviára com ordem terminante de perseguir Mauricio e trazel-o vivo ou morto. Vinham desde longe disputando sobre a partilha da gorda propina de vinte mil cruzados, com que aquelle lhes acenára, e sobre o emprego que lhe haviam de dar.

— A mim devia tocar-me o maior quinhão — dizia um; — se eu não dou com a trilha e o rastilho de sangue, nenhum de vocês era capaz de atinar com a cova do homem.

— Devagar com isso, camarada, — redarguia outro; — então tambem a mim deve caber maior porção; quem guiou vocês para aquellas bandas, se não eu, que bem sabia que por alli é que o bicho devia procurar safar-se...

— Cala-te ahi, palerma; então o maior quinhão devia tocar-me, a mim que fui o primeiro que esbarrei com a cova do homem...

— Cala-te tu tambem, só intrometido!... Senão fosse eu, que conheci logo o chapéo e a faquita do menino,

vocês eram bem capazes de passar por aquella cova sem saber quem era o que estava lá socado.

— Ora vocês são bem engraçados! Então não pode haver muitos chapéos e muitas facas como esses? Se eu, que sou aqui o unico que sei ler e escrever, não tivesse soletrado o nome de Mauricio na folha da faca e no fundo do chapéo, vocês, que nìo passam de uns asnos, poderiam lá saber de quem eram tal faca e tal chapéo?

— Ora, boas! exclamou o ultimo; então, visto isto, vocês, todos cinco têm direito a maior quinhão, e, de certo, para augmentar o de todos, hão de lançar mão do meu, e, por fim de contas, ficarei sem nada! Ora vocês são bem engraçados! Ponham a mão na consciencia, se é que a têm, e vejam se não é mais de razão que o bolo seja partido por egual entre todos?

— Tens razão; é justo! é justo! — exclamou um. Mas uma cousa me lembra agora; o bolo é grande, mas repartido entre seis não é lá grande cousa. Portanto, eu sou de parecer que com esse principal formemos uma sociedade de negocio de armazem, de mineração, ou de qualquer outra especulação. Que dizem, hein?

Dois dentre elles acceitaram este alvitre; os outros, porém, repelliram-no com todas as forças, reclamando, com energia, a entrega immediata da quota que lhes tocava, donde resultou uma calorosa discussão, que desandou em violenta altercação, falando todos ao mesmo tempo, em uma algazarra infernal, até a entrada da varanda.

As tres moças, graças ao somno profundo que ha pouco tinha se apoderado dellas, não acordaram logo; mas Fernando, que ha mais tempo dormia e que, além disso, adormecera com o espirito preoccupado na volta da diligencia que enviara em perseguição de Mauricio, despertou logo aos primeiros rumores, levantou-se e acudiu á varanda.

Ficou soberanamente desapontado quando verificou que os seis malsins por elle enviados, voltavam sem trazer mais ninguem, nem vivo nem morto, e mordendo-se de raiva e de despeito disse:

— Então que é isto, senhores poltrões? Que é do homem? Pois nem vivo nem morto?

— Morto está elle, e bem morto; até sepultado, senhor meu!

— Felizmente demos cabo da pelle do tal maldito!

— Então, como foi isso? Não lhes ordenei que m'o trouxessem aqui vivo ou morto?

Os seis emboabas começaram a responder a um tempo, com tal algazarra e confusão, que levou ao cumulo a impaciencia de Fernando.

— Calem-se, perros! bradou elle com voz convulsa e abafada: Não sabem que o Capitão-Mór e sua filha precisam de repouso?! Basta que um só me responda.

Calaram-se todos, submissos e reverentes. Um delles, avançando para mais perto da varanda, disse:

— Saberá Vossa Mercê, senhor meu, que depois de darmos muitas voltas por esses mattos e restingas em procura do homem, demos, emfim, no rasto delle... Ia a cavallo, mas nós picamos nossos animaes, e, em pouco tempo, alcançamos o bicho; quiz respingar, mas nós despejamos-lhe na cabeça as nossas escopetas, e elle cahiu redondamente morto aos pés do cavallo, que disparou pelo matto a fóra.

— Mas, por que não me trouxeram o corpo?

— Isso era custoso de carregar: levava muito tempo e eu estava arden-

do por trazer aos ouvidos de Vossa Mercê tão agradavel noticia; ademais, para que offender as vistas de um fidalgo, como Vossa Mercê, com o espectaculo do corpo ensanguentado e asqueroso de um pobre diabo?!

— Obrigado, — murmurou seccamente Fernando.

— E mais ainda, continuou o emboaba — para prova de que matamos, aqui estão o chapéo e o punhal do homem, que entrego a Vossa Mercê.

— Bem averiguado o caso, talvez vocês venham me apresentar a pelle do leão, que outros mataram. — Bem — disse Fernando, venham dar-m'os.

O emboaba subiu a escada e foi entregar nas mãos de Fernando esses objectos. Este os examinou por alguns momentos, revolvendo-os entre as mãos crispadas pelo odio.

— Não ha negal-o, são delle mesmo, e ahi está a sua firma no chapéo e no punhal. Mas, com diabos! — continou, como que rugindo dentro d'alma; — não era disto que eu precisava. O que eu mais ardentemente desejava era ter viva em meu poder a cabeça que este chapéo cobria e a mão que brandia este punhal. — Miseraveis! accrescentou depois, bramindo furioso, — não merecestes mais do que o meu desprezo! —

— Oh! senhor meu! murmurou o emboaba, com voz lacrimosa e tremula, curvando o joelho quasi até o chão.

— Eram seis contra um e não puderam pegal-o vivo!

— Mas, senhor...

Não me importunes com lamurias... Diga-me cá, em que alturas mataram e enterraram o nosso homem?

— Perto da ponte, uns cem passos rio acima, da banda de cá. Se Vossa Mercê quer acaber de crêr, póde ir lá ver com seus proprios olhos a cova em que o enterramos.

— Sim! sim! — rugiu de novo Fernando, e começando a examinar com mais attenção o chapéo, notou que algumas nodoas de sangue, que o salpicavam, estavam coaguladas e denegridas e não pareciam frescas, como deviam ser, se fossem derramadas naquelle dia. Portanto, Fernando, que era jubilado em velhacaria, começou a duvidar da veracidade da relação dos emboabas.

— Estes diabos querem me impingir, — pensou elle — uma furiosa mentira. Tudo me faz crer que acharam morto o paulista, e agora querem fazer commigo como o homem da historia da carochinha, que cortou as garras da dragão, que outrem matára, e foi com ellas reclamar o premio promettido. Mas a mim não hão de embaçar.

— Retirem-se de minha presença e recolham-se ás suas casas! — disse, dirigindo-se aos emboabas.

— Mas, senhor, e a molhádura que Vossa Mercê nos prometteu?

— A molhadura! ah! ah! ah! retorquiu Fernando, soltando uma gargalhada feroz e satanica — molhadura por aquillo, que não fizeram!... Ora não faltava mais nada!

— Mas, senhor...

— Deixemos de parolagem, que não tenho tempo a perder. Que lhes ordenei eu? Não foi que me trouxessem Mauricio, vivo ou morto? Fizeram isso? Não! Portanto...

— Ah! senhor meu! Mas...

— Não ha — mas — aqui! Retirem-se e dêm-se por muito felizes em não mandal-os aferrolhar, por terem tão mal desempenhado a missão importante de que os encarreguei. E adeus! Passem por lá muito bem!

Ditas estas palavras, Fernando voltou as costas e desappareceu no interior da casa.

Imagine-se com que cara embasbacada ficaram os pobres emboabas depois de ouvirem este brusco e peremptorio despacho!... Elles, que com a mente embalada entre sonhos de ouro, esperando sahirem dali com as algibeiras cheias de louras e reluzentes moedas, e que entretanto se viram enxotados como cães, a páo e a pédra! Elles, que ainda ha pouco, contando com vinte mil cruzados em boa e luzente moeda, forjavam mil planos de vantajosissimas especulações, viram de repente, como a leiteira de Lafontaine, derribados todos os seus castellos em um só momento, e ainda, para cumulo de decepção, ameaçados de ferrolho e tronco!

Largando atôa as cavalgaduras no meio do pateo, sahiram dali cabisbaixos, resmungando e praguejando.

Os emboabas pregaram uma mentira, que de caminho haviam combinado, e o leitor bem sabe com que intuito se abriu essa sepultura ficticia, sobre a qual se acharam o punhal e o chapéo de Mauricio e plantada uma cruz de madeira, tendo nos braços esta inscripção, feita a sangue: — Orae por elle.

— Então, meus amigos, que tal lhes parece esta? Com mil diabos! O maldito fidalgote parece que advinha, se é que não tem parte com o diabo. Como poderia elle saber que nós não matamos Mauricio?! Ahi ha alguma alhada; mas em todo caso o homem nos ha de pagar, senão vou queixar-me ao Capitão-Mór.

— Ora, boas! Aquelle casmurro só sabe fazer a vontade ao sobrinho! Nós é que fomos uns asnos!

— Porque?

— Porque não nos custava nada desenterrar o corpo do paulista, carregal-o com elle e atiral-o á cara do fidalgote! Se assim fizessemos, não podia se recusar a pagar-nos.

— Era mesmo, homem! Boa lembrança, mas veiu tarde.

Assim se foram queixando e praguejando, cada um para sua casa, onde foram abafar suas fadigas e despeitos, nos braços de Morpheu.

CAPITULO XVII

Despedidos os homens da mallograda diligencia, Fernando, abafando o ruido de seus passos, andou a espreitar com cuidado o estado em que se achavam as poucas pessoas, que naquella occasião habitavam a parte nobre do edificio; como achasse tudo em silencio e em repouso, desceu á casa da prisão e dos troncos, onde foi ver os feridos e voltou para o seu quarto.

Fernando aproveitou-se da solidão e do silencio que alli reinavam para reflectir sobre a nova e complicada situação em que se achava. Ninguem mais do que elle, á excepção de Gil e Antonio, estava nos casos de comprehender perfeitamente o difficil e complicado papel que Mauricio se vira forçado a desempenhar, no sanguinolento drama da noite passada. Elle julgava realmente morto e sepultado o seu terrivel rival; mas essa idéa não o consolava, antes exasperava mais seu espirito cruel e vingativo.

Queria ter Mauricio em suas mãos, preso, algemado e posto em tronco; depois conduzir Leonor á presença do martyr, inflingir a este todos os tormentos physicos e moraes, vedando-lhe mesmo o dom e a faculdade de falar, de maneira tal que ella ficasse convencida de que amava um facino-

ra, um traidor, só digno dos estygmas e maldições de todo o genero humano e depois... entregal-o ás mãos de qualquer algoz. Privado desse gosto feroz pela supposta morte de Mauricio, assentou atassalhar e enxovalhar a memoria do infeliz rival, e de vingar-se do morto na pessoa de sua amante, porque elle bem sabia que Leonor, illudida por seus embustes e mentros, poderia ser levada ao ponto de amaldiçoar o nome de Mauricio e até mesmo ser constrangida a despo sal-o, mas nunca conseguiria ser amado por ella.

Si não conseguisse todos os seus perversos intentos, teria ao menos o satanico prazer de fazer estalar entre torturas e angustias o coração da pobre moça, e para esse fim forjava na mente as mais terriveis machinações, que em breve tratou de por em pratica.

Convinha não dar de chofre ao Capitão-mór a noticia da morte de seu filho: esse golpe era capaz de comprometter a vida do infeliz pae, no estado melindroso em que se achava. Era preciso uma mentira plausivel e engenhosa, que pudesse ser sustentada por alguns dias perante a anciosa curiosidade do Capitão-Mór, até que se achasse em estado de ouvir a triste nova; tarefa esta difficilima e quasi impossivel.

Fernando, no cerebro enfraquecido e exaltado, não podia encontrar um meio; por mais que a elle désse; tratos, não conseguiu forjar uma mentira que prestasse. Por fim, a poder de muito parafusar, descobriu um:

—As mulheres em geral sìo mais engenhosas e astutas do que o homem, quer para o bem, quer para o mal. Deixemos isto por conta de Leonor—disse elle; não ha necessidade de poupal-a, e tenho precisão e é meu dever mesmo communicar-lhe a morte do irmão e dizer-lhe quem o matou. Ora, eu, além de homem, me acho com a intelligencia enfraquecida, pela falta de sangue e pelas terriveis commoções da noite que aqui acabo de passar. Portanto, o meu recurso unico é Leonor. Não ha remedio senão dar-lhe a noticia da morte de seu irmão, ainda mesmo que lhe amargue. Devia ella tambem saber que o seu amante já não existe, e que foi elle quem matou Affonso. Ella apenas poderá ter algum desmaio, que em poucos minutos se desvanecerá, pois não combateu, não foi ferida, nem perdeu sangue. Ella adora o pae: o amor filial e a esperteza feminil hão de por certo inspirar-lhe meios de illudir o Capitão-Mór por alguns dias, a respeito da morte de seu filho. Não quero que o velho morra: isso de maneira alguma me convém. Hoje mesmo, ao cahir da noite, hei de me entender com Leonor, porque hoje sou o senhor da casa: pouco me custa isso.

Entretanto, Leonor não tinha o espirito menos ancioso que seu pae, a respeito da sorte de Affonso. O dia estava a expirar e não apparecia.

O Capitão-Mór, todas as vezes que despertava de seus somnos breves e lethargicos, a primeira coisa que fazia era perguntar por seu filho:

— Que é do Affonso? Ainda não chegou? !! — perguntava com voz desfallecida, fitando em suas enfermeiras um olhar cheio de duvida e angustia.

— Não, senhor, mas não se inquiete: sabemos que nenhum mal lhe aconteceu.

Assim responderam ellas pelas primeiras vezes, imaginando qualquer pretexto que pudesse explicar a demora do moço; mas, por fim, já o sol descambava e não havia motivo algum

UNICAMP

plausivel, que justificasse tanta demora.

— Já chegou, sim, senhor, mas fatigadissimo; apenas tomou algum alimento, perguntou por Vossa Mercê, e, sabendo de nós que ia cada vez a melhor, recolheu-se a seu quarto e está a dormir profundamente. Só amanhã Vossa Mercê poderá vel-o.

— Ainda bem! suspirou o velho, como se sentisse tirarem-lhe de cima do coração um peso enorme. Deixal-o descançar. Pobre rapaz! Que precisão tinha elle de andar escaramuçando esses cánalhas!?

Foi Helena quem forjou essa mentira, com a qual conseguiu completamente acalmar as inquietações do velho; desta vez, elle tomou com mais apetite o alimento reparador, que lhe apresentaram, depois adormeceu em tranquillo e profundo somno.

Mas Helena e Indahyba não estavam ainda tranquillas, por que era mister continuar a illudir tambem a Leonor, que mostrava vivos desejos de ir vêr seu irmão mesmo adormecido. Era preciso muito ardil para desvial-a de seu intento, e foi difficil, por algum tempo, contel-a junto á cabeceira de seu pae, sem que lhe pairasse no espirito alguma suspeita sobre a illusão em que procuravam mantel-a. Por fim, o bom genio, ou o anjo da guarda de Helena, inspirou-lhe subitamente uma magnifica idéa; de mais a mais, não era uma mentira nem mesmo um pretexto.

— Oh! meu Deus! — exclamou ella de repente; — ha que tempo estamos aqui e não nos lembramos do pobre Calixto, que lá está sosinho no meu quarto!?

— Oh! e é mesmo assim, — respondeu Leonor compungida... Desculpem-me, minhas amigas; o estado de meu pae me fez esquecer Calixto. Vão para o quarto delle, e se precisarem de alguma cousa, venham dizer-me.

— Pois bem, minha boa senhora, — respondeu Helena—nós já vamos; Vossa Mercê procure não dormir, emquanto não voltarmos, que pouco demoraremos lá.

Helena e Indahyba sahiram e se dirigiram ao quarto em que se achava Calixto, a prestar-lhe os cuidados de que necesitava. O estado deste era o mais lisongeiro possivel e bem poucos cuidados reclamava; mas Helena, não só deixando levar-se pelo prazer de estar com o amante, como de caso pensado prolongando sua ausencia para extenuar de vigilia a Leonor, afim de que não lhe fosse possivel procurar naquella noite o irmão, que já não existia, prolongou sua ausencia até um bom pedaço da noite. Indahyba, a singela indiana, que bem mal comprehendia o alcance destes manejos, prestava-se a elles com ingenua confiança, e mostrava-se tão discreta e solicita como sua companheira.

Quando Helena entendeu que Leonor já não poderia resistir ao somno, e que era tempo de ir para o aposento do Capitão-Mór, disse a sua companheira:

—Agora, Indahyba, eu preciso ir pa o quarto do senhor Capitão-Mór; a coitada de d. Leonor deve estar a morrer de somno; e tu tambem, minha amiga, vae para teu quarto descançar um bocadinho .Calixto não corre perigo; póde ficar sósinho, e eu já cochilei um pouco; quando eu não puder mais, virei acordar-te, ouviste?

Indahyba não replicou, encaminhou-se para seu quarto, e Helena dirigiu-se immediatamente ao aposento de Diogo Mendes.

De feito, Leonor, acabrunhada por tão longa vigilia, por tantas e tão dolorosas emoções, estava quasi a succumbir ao somno. Com a mão na face e o

cotovello encostado ao espaldar da cadeira em que se achava sentada, á cabeceira de seu pae, de quando em quando sentia-se presa do somno invencivel, e o lindo e pallido busto resvalando da mão, que o sustinha, pendia rapidamente. Despertando, porém, de subito daquelle somno apenas começado, reerguia promptamente o collo e sacudia impaciente a cabeça, como para expellir a teimosa somnolencia. Fazia lembrar a açucena quando verga a haste flexivel ao peso do orvalho que lhe satura o calix e de novo o ergue, estremecendo, ao sopro da viração.

— Minha senhora, — disse Helena, chegando-se de manso a Leonor, — vá para seu quarto dormir um pouco; está a morrer de somno...

— E tu, Helena, não precisas tambem dormir?

— Eu já dormi demais no quarto de Calixto; foi até o motivo de demorar-me tanto, deixando aqui a senhora sósinha; peço-lhe perdão...

— Perdão de que, Helena? Eu tambem estou a cahir de somno, mas queria ver Affonso antes de deitar-me.

— Deixe disso por hoje, minha senhora; elle está a dormir um bom somno.

— Não faz mal; eu não o despertarei, quero vel-o mesmo dormindo.

Helena, a principio embaraçada com esta insistencia de Leonor, calou-se por alguns momentos, até que lhe acudiu ao espirito uma feliz lembrança.

— Mas, minha senhora, lembre-se que elle dorme no mesmo quarto com o senhor Fernando, que a esta hora lá se acha acordado.

Tão viva e extremosa era a affeição, que Leonor consagrava a seu irmão immediato e companheiro de infancia, quão profunda e invencivel a aversão que sentia por Fernando; por tanto, o receio de encontrar-se com este, principalmente naquella occasião, sendo mais forte que o desejo de ver seu irmão, Leonor não insistiu mais, porém quiz ficar ali mesmo, no quarto de seu pae.

—Pois bem, Helena, paciencia! Deixarei para amanhã, — disse ella, e, cedendo o logar que occupava á cabeceira de seu pae, assim mesmo vestida como estava, foi recostando-se em um espreguiceiro acolchoado. Momentos depois, estava profundamente adormecida.

CAPITULO XVIII

Bem ao contrario da noite que precedera, passou-se aquella em que nos achamos, na vivenda do Capitão-Mór, tranquilla e silenciosa, mas nesse socego lugubre, nesse silencio tumular, que costuma succeder aos gemidos da agonia e aos gritos do desespero.

Fernando velou até alta noite, entregue sempre a seus sombrios e sinistros pensamentos, e vendo que tudo em casa jazia em silencio e profundo repouso, assentou de guardar para o dia seguinte a execução de seus planos. Não importa, — pensava elle — até é mesmo conveniente que ella repouse um pouco, para ter forças que a ponham em estado de receber, sem grande abalo, as agradaveis noticias que tenho a dar-lhe, e ficar conhecendo quem era esse amante, a quem baixára suas vistas.

Na manhã seguinte, o dia surgiu esplendido e festival; as aves agrestes, as pombas do pomar, os pequenos passarinhos, reanimados pelo silencio e apparente tranquillidade que reinára

durante a noite, voltaram como de costume a esvoaçar, chilrear e arrulhar em torno da casa do Capitão-Mór.

O sol nascente, inteiramente desafrontado de nuvens, batia em cheio seus raios horizontaes sobre os topes das serras e florestas longinquas, formando um vasto deserto. Parecia que o céo queria enviar um sorriso de paz e consolação áquella habitação, theatro recente de tantos horrores, e asilo que abrigava agora tanta amargura e desolação, tanto luto angustia e inquietação.

Leonor, ao romper do dia, percebendo que a manhã despontára serena e luminosa, fora sentar-se no terraço que o leitor bem conhece e que dominava o pequeno jardim de flores, que Mauricio havia de proposito construido para ella. Vinha ver se ali, ás auras da manhã, em presença do panorama risonho da natureza que se desenrolava á seus olhos, poderia acalmar um pouco as mil anciedades que lhe torturavam o coração e as innumeras inquietações que lhe attribulavam o espirito. Mas foi debalde; os pensamentos angustiosos, as sinistras apprehensões, que lhe devoravam o espirito, não lhe deixavam ver as brilhantes fachas de ouro e purpura, que orlavam os horizontes, nem ouvir as vozes dos passarinhos, que esvoaçavam por diante della, soltando alegres trinos, como que a acordal-a de seu angustiosos cuidados ; nem sentir o delicioso bafejo da aragem matinal, que, depois de ter roçado as azas pelas flores do jardim, vinha com seu halito perfumado afagar-lhe a fronte e agitar-lhe brandamente os cabellos soltos em desordem pelos hombros de alabastro. E' que as galas e sorrisos da natureza não podem, são inefficazes para levar contentamento e paz ao seio de um coração violentamente agitado pelas angustias do presente e inquietações do futuro. O lago, cujas aguas revoltas e turvas, acabam de ser agitadas pelo sopro da tormenta, não póde espelhar em sua superficie o azul do firmamento, nem os verdores e louçanias das risonhas e vicejantes margens.

Indifferente, pois, ao espectaculo Leonor scismava profundamente, ou antes, extorcia-se entre mil amarguradas reflexões, que lhe escaldavam o cerebro, como num accesso de ardentissima febre.

As palavras mysteriosas e sinistras, que ouvira de Mauricio: — Estaes salva, e eu perdido... perdido para sempre! — acudiam-lhe de continuo ao espirito e lhe echoavam no coração como um dobre funereo, que sem cessar lhe estrugisse aos ouvidos.

As vagas suspeitas que concebera contra a lealdade do joven paulista, alimentadas pelas perfidas insinuações de Fernando, não tinham força para extinguir um amor, que, tendo sua origem no berço, tinha lançado profundas raizes no coração da moça; e destino della estava irrevogavelmente unido ao de Mauricio; o infortunio delle seria tambem o seu. A idéa de perdel-o aterrava-a.

— Elle perdido! perdido para sempre! — scismava Leonor, mas porque, meu Deus!?... Que veio elle fazer aqui nessa noite de sangue e matança!... Seria por nós ou contra nós? Não sei; talvez Helena e Indahyba saibam... mas onde tenho eu a cabeça? Essas tambem, coitadas, durante o combate não sahiram de perto de mim...

— Ah! Já sei quem me pode dizer tudo... Esse moço paulista que ahi está ferido, o amante de Helena, oh! sim, Calixto, que tomou parte no combate; esse deve saber de tudo.

Assim pensando, Leonor levantou-se lentamente afim de ir entender-se com

Helena. Pretendia ir com ella immediatamente ao quarto de Calixto informar-se por miudo do papel, para ella inexplicavel, que Mauricio desempenhara no morticinio da vespera. Mas apenas deu o primeiro passo para a unica porta que do terraço communicava para o interior da casa, avistou nella, immovel e mudo, o vulto de Fernando, que, encostado ao portal, de braços cruzados, contemplava-a silencioso. Leonor estremeceu e recuou.

— Que tem, minha prima? Não se assuste! — disse Fernando, dando á voz uma inflexão de brandura, que ressumbrava, porém, a um toque de quasi imperceptivel ironia. Daqui em diante nada temos que receiar nesta casa: os malditos paulistas levaram uma boa esfrega e nunca mais terão a idéa ou a audacia de nos importunar.

O perverso considerava simples importunação tão deploravel carnificina.

— Desculpe-me, senhor, murmurou a moça, ando tão sobresaltada que qualquer cousa me assusta.

— Já lhe disse que daqui em diante nada tem que temer; os traidores, uns vão longe, e outros já não existem... mas diga-me, senhora prima, como vae meu tio?

— Vae melhor, graças a Deus, e julgo que está fóra de perigo... E Affonso, como vae elle? Ainda não o vi desde essa terrivel noite...

— Ah! Affonso... balbuciou Fernando, hesitando se deveria dar de chofre a terrivel noticia, ou se devia ir preparando de antemão o espirito de Leonor para supportar tão doloroso golpe. Resolveu pela segunda alternativa. — E' preciso que ella nada ignore — reflectiu rapidamente. Tenho que lhe dar duas noticias bem tristes, duas mortes: a do irmão e a do amante. Principiemos pela segunda.

— Mas Affonso? como vae elle? Não me sabe dizer? insistiu Leonor, impacientada com o momentaneo silencio de Fernando.

— Ah! perdão, minha prima; eu estava distrahido... Affonso está dormindo profundamente.

— Sempre dormindo... desde hontem á tarde! ponderou Leonor, fitando em seu primo um olhar desconfiado.

Fernando já tinha adivinhado que as duas prisioneiras amigas de Leonor, bem certas da morte de Affonso, tambem procuravam esconder-lhe por emquanto o triste acontecimento.

— Dormiu hontem um pouco, — respondeu elle sem hesitar; — mas passou muito mal a noute; teve muita febre e só pela madrugada conseguiu adormecer.

— Está bem; logo que Affonso acordar, tenha a bondade de mandar chamar-me; estou anciosa por vel-o. Não terei tranquillidade de espirito nem coração socegado emquanto não abraçar meu irmão, felizmente escapo de tantos perigos.

Fernando, apesar de possuir uma alma de gelo, não deixou de sentir-se algum tanto commovido com esta ultima exclamação da moça, que erguia os olhos ao céo como dando graças a Deus por ter-lhe salvo o irmão.

— Pobresinha! murmurou elle dentro d'alma; quasi não tenho animo de revelar-lhe a verdade!... Mas é preciso.

— Agora, continuou Leonor, permitta que me retire; ha muito tempo que me acho aquì; preciso estar junto de meu pae.

— Perdão, minha querida prima, atalhou Fernando; peço-lhe como um grande favor que me escute ainda por alguns momentos. Tenho cousas importantes a communicar-lhe e não posso guardar para mais tarde.

— Mas, meu pae...

— A prima não disse ainda ha pouco qué o seu estado não inspira cuidados?

— E' verdade, mas...

— Helena e Indahyba lá não estão junto delle?

— Estão sim.

— Nesse caso nada ha que receiar; qualquer novidade que haja, ellas nos virão avisar.

— Pois bem, respondeu Leonor, não achando mais replica nem pretexto plausivel para esquivar-se a um colloquio, que tanto lhe repugnava, vamos a isso: mas peço lhe que seja breve; meu pae ainda necessita de meus cuidados.

— Oh! minha linda prima, perdão! eu não abusarei de sua paciencia; mas já lhe disse que as cousas que tenho a communicar-lhe são importantes e...

— Cousas importantes!... Ah! meu Deus!... Ainda me estarão reservados golpes mais crueis do que os que já tenho supportado nesta maldita terra! — atalhou Leonor, como que falando comsigo mesma.

— Resigne se, minha prima; as circumstancias em que nos achamos são extraordinarias, e a prima, infelizmente, ainda não conseguiu bem comprehendel-as. Sei que as cousas que vou communicar-lhe não podem ser agradaveis. Eu bem quizera guardal-as para mais tarde, ou antes, nunca ter necessidade de lh'as contar; mas as circumstancias são imperiosas, e eu me acho na dolorosa situação de dizer-lhe tudo, por que, no estado em que seu pae se acha, a senhora não póde ficar na ignorancia de nada do que tem occorrido de ante-hontem para cá.

— E o que de mais tem occorrido, que eu não saiba?! Oh! conte-me tudo já, ou não me diga mais nada; quer ver ainda mais torturado do que se acha, este pobre coração?

— Deus me defenda; mas repito: é meu dever contar-lhe tudo, como é tambem dever de minha prima ouvir com calma e resignação o que tenho a revelar.

— E porque?

— Para salvar os dias de seu pae.

— Oh! meu Deus! meu Deus! cada vez vos entendo menos, senhor Fernando. Pelo amor de Deus! explique-se em termos claros, e sem rodeios, — atalhou Leonor, erguendo-se pallida, hirta e ainda mais anciosa. — Se é algum novo golpe que me prepara, esteja certo que saberei supportal-o com a mesma coragem e resignação com que tenho recebido os que já me têm fulminado.

— Não sou eu, é o destino que os tem preparado, minha senhora, — replicou Fernando com fria impavidez; — mas muito estimo que minha prima esteja disposta e resignada a receber sem grande abalo as novas pouco agradaveis, que tenho a dar-lhe. Assim, pois, queira revestir-se de toda a coragem, de toda a calma, afim de que possa escutar-me.

— Continue, senhor, que o que está me faltando é paciencia! — retrucou a moça com aquelle ar senhoril, que tanta vezes fizera baixar os olhos de Fernando.

Desta vez, porém, Fernando não se turbou, porque jogava com cartas superiores, porque tinha em mãos os meios com que ia esmagar o coração da pobre moça.

— Bem, continuou elle, — não fatigarei por muito tempo a sua paciencia; ha de permittir, porém, que rememore um pouco o passado.

— Para que, senhor Fernando?

— Porque é indispensavel... A senhora não se esqueceu, por certo, desse joven paulista, que era o objecto de

todas as suas predilecções e que ha tempos anda arredio desta casa...

— Isso todos os poulistas andam, que Vossa Mercê assentou de os perseguir.

— Mas, senhora, não trato dos paulistas, mas de um paulista, em quem a prima depositava tanta confiança, sobre quem abaixava olhares que até pareciam exprimir sentimentos que não me atrevo a declarar...

— Porque não?

— Porque não devo; escuta-me, senhora, ainda por alguns instantes...

— Mas esses seus instantes me parecem seculos!

— Tenha paciencia, eu vou terminar: Esse paulista, sobre quem a senhora, esquecendo o seu nascimento e a sua alta posição, se dignou baixar olhares de ternura...

— Oh! senhor, basta, — interrompeu Leonor, com altiva impaciencia. Bem sei de quem fala: porque não lhe diz simplesmente o nome? Não sabe que se chama Mauricio?

— Chamava-se! murmurou Fernando, dando a esta palavra uma sinistra inflexão.

— Chamava-se!?... que quer dizer isso? — perguntou Leonor estremecendo e sentindo gelar-se-lhe o coração.

— Ah! não sei, minha senhora, — respondeu Fernando, um pouco perplexo e arrependido da phrase que soltára. Ainda não é chegado o momento de desfechar o golpe — pensou comsigo; — nem tanta precipitação. Mas creio — continuou em voz alta, — dizem... que mudou de nome, como costumam fazer todos os bandidos.

— Queira continuar, — disse Leonor, desaffrontada da sinistra impressão que lhe causára a phrase — *chamava-se,* — que Fernando a seu pesar e irreflectidamente proferira, com inflexão bastante significativa.

— Pois saiba que este homem, — continuou Fernando, — em quem a senhora depositava tanta confiança, com quem desperdiçava tanto affecto, foi o primeiro e talvez o unico causador de todas estas calamidades que nos têm affligido.

— Elle? Mauricio?!

— Sim, senhora. Foi elle que, tendo concebido um louco amor á prima, e tendo perdido a esperança de obter, por meios legitimos, a posse do objecto amado, não recuou diante de meio algum para conseguir seu nefando projecto... Foi elle quem animou, açulou e organisou contra nós essa malta de aventureiros paulistas, que desde que aqui chegamos tem constantemente pertubado o nosso socego, posto em perigo não só a honra e a propriedade, como tambem a vida dos portuguezes. Foi elle, emfim, o principal autor dos acontecimentos da noite de antehontem para hontem, dessa noite de sangue e horrores.

— Elle?! Não é possivel, senhor Fernando.

— Elle, sim! Escuta-me, senhora. Depois de ter excitado e organizado o levante, poz-se de fóra e não quiz aceitar o commando do assalto...

— Que fez elle então?

— Ficou de parte, espreitando o movimento em que os paulistas levariam tudo de vencida, para depois de destruida e afastada toda a resistencia, então se arrojar sem perigo pelo interior desta casa e raptal-a, minha prima...

— Raptar-me! replicou Leonor.

— Sim, raptal-a! — insistiu Fernando — e leval-a...

— Para onde?

— Eu sei lá! Para os seus antros de bandido, por certo.

— Mas, não posso acreditar nisso, porque elle chegou até a porta de meu

quarto, onde eu estava rezando com Helena e Indahyba, disse-me algumas palavras e retirou-se sem manifestar a menor intenção de nos fazer mal...

— Porque já não podia fazel-o! E que palavras foram essas que lhe disse?

—Foram simplesmente estas: "Senhoras, não roguem mais por si, nem pelo senhor Capitão-Mór, que estão salvos; roguem por mim, que estou perdido... perdido para sempre."

— Ah! pois a prima não está comprehendendo o sentido dessas palavras?

— Creio que sim; essas palavras querem dizer que elle, para salvar-nos, perdeu-se.

— E' que elle já se achava perdido. Eu vou explicar á prima as machinações infernaes de que esse homem perfido lançou mãos, em vão, para conseguir seus fins sinistros. Vendo que no fim da refréga, os paulistas se achavam vencedores e quasi de posse desta casa, percorreu o arraial em procura de alguns portuguezes, allegando o protexto de vir proteger-nos contra os aggressores. Ajuntou alguns, e apresentou-se aqui com elles, combatendo contra seus patricios e amigos!

— Deveras, senhor Fernando?...

— Escute ainda. Matou alguns delles, ajudado por esses portuguezes, a quem disse que vinha salvar o Capitão-Mór e sua filha; mas estes, vendo que elle começava a combater contra nós, voltaram-se contra elle e por nós. De outro lado os paulistas, que havia muito desconfiavam de sua traição, derrotados pelo reforço que Mauricio nos trazia, carregaram tambem sobre elle, até emfim o infame, abandonado de todos, viu-se obrigado a sahir daqui, saltando pela janella, como um ladrão que era. Os unicos que lhe ficaram fieis foram o tal Gil, tão bom como elle, e o velhaco do indio Antonio, que tambem não passa de um traidor, da mesma laia daquelle Thiago, que fiz enforcar ahi no quintal... Se não acredita em mim, e pensa que quero illudil-a, vá perguntar aos prisioneiros, aos feridos que aqui se acham, quer paulistas, quer portuguezes, que elles lhe dirão se eu minto.

Leonor ficou anniquillada sob o peso destas terriveis revelações, que aliás tinham a apparencia da mais completa probabilidade.

Mauricio, Gil e Antonio, os tres entes em quem depositava a maior confiança, com cuja lealdade sempre contára, eram os principaes autores de todos os infortunios que a acabrunhavam...! Repugnava-lhe acreditar em tanta perfidia e malvadez!

Fernando leu na physionomia alterada de Leonor a profunda e dolorosa impressão que essas palavras tinham produzido em seu espirito.

— Tem confiança ainda na lealdade, na dedicação e no amor de semelhante homem, minha prima?...

— Não sei... não sei o que responder-lhe...

— Ainda não sabe?... Pois vae saber já. Affonso, seu irmão Affonso, já não existe mais, e quem o matou foi...

— Foi quem?

— Foi Mauricio.

— Quem lh'o disse?...

— Estes olhos, que o viram cahir a meu lado, traspassado pela espada de Mauricio!...

—Oh! meu Deus! Será possivel!—exclamou Leonor com voz sumida e angustiada, e sentindo seus joelhos vacillarem, sua cabeça atacada de vertigem, ia cahir, se Fernando, acudindo de prompto, não a sustivesse, collocando-a na cadeira de braços em que ha pouco se achava sentada.

Fernando correu a chamar Helena para ficar junto da senhora; e esta, com cheiros e affagos, fel-a voltar a si.

— Já não soffro nada, senhor; foi apenas uma vertigem, que me accometteu, — retorquiu Leonor, esforçando-se por assumir a sua energia, e procurando abafar sob o peso do resentimento e indignação, de que se achava possuida contra Mauricio e seus amigos, o pezar, que lhe ralava o coração pela noticia da morte de seu irmão.

— Se Vossa Mercê tem ainda mais alguma calamidade a me narrar, póde continuar sem receio de affligir-me; afianço-lhe que não fraquearei mais, pois que em meu coração não ha mais uma só fibra que já não tenha sido ferida dolorosamente.

— E' verdade; e perdoe-me se a tenho magoado tanto; era necessario dizer-lhe tudo, o que faço por dever, mas com muito pezar. E já que minha prima se acha disposta a ouvir-me, peço-lhe mais alguns instantes de attenção.

Agora que a prima conhece bem quem era esse homem que, com diabolica habilidade, soube trazel-a illudida por tanto tempo; agora que a prima quasi viu com seus proprios olhos a abominavel traição com que pretendia pôr cumulo ás machinações e perfidias, que de longa data tece em derredor de nós, atrever-se-á ainda a interceder por esse miseravel bandido? Quererá ainda desviar de sua cabeça o castigo ignominioso que merece?

— Que pergunta, senhor Fernando! De hoje em diante posso eu ter no coração senão desprezo e asco pela memoria desse homem, e na bocca outras palvras, que não sejam de maldição para seu nome?

— Bem, senhora; tendes razão; mas agora sou eu quem vos pede: — tende piedade delle.

— Piedade delle, e por que?

— Porque agora já nada pode influir sobre seu destino o odio da senhora, nem de quem quer que seja.

— Não o entendo, senhor.

— E' escusado odiar e amaldiçoar um morto.

— Um morto! Mauricio é morto?! Esta exclamação irrompeu dos labios de Leonor com um estremecimento involuntario; o sangue refluiu-lhe todo ao coração e seu rosto já pallido cobriu-se de uma lividez plumbea de cadaver.

O amor que ainda ha pouco parecia ter-se apagado repentinamente naquelle coração ao sopro da indignação, lançou novas chammas ao choque da terrivel idéa da morte do amante. Mas o pundonor, a dignidade offendida, o pejo reagiram logo com toda sua energia no espirito altivo de Leonor. Recalcou no intimo d'alma essa paixão teimosa, que lhe turbava a mente, e conseguiu triumphar do desfallecimento, que de novo a ameaçava.

E' assim que, num grande incendio, uma parede que desaba apaga uma chamma, que momentos depois renasce ainda mais violenta e crepitante, para ser ainda outra vez abafada debaixo de novos escombros.

— Oh! meu Deus! exclamou Fernando, ao notar a alteração da physionomia de Leonor, fingindo-se assustado. Perdão, minha prima... Quer desfallecer de novo... quando me deu segurança de ouvir com espirito calmo?...

— Não se afflija, senhor; não desfallecerei mais, já o disse. Fallando assim, Leonor levantava-se, firme e altiva como a palmeira, que depois de vergada pelo furacão se ergue de no-

vo, balanceando-se ufana, na atmosphera serena, como que desafiando novas tempestades. Seus olhos se encheram de brilho e suas faces se tingiram de um carmim afogueado, porque uma nova indignação vinha incender-lhe as faces.

Acreditava em tudo quanto Fernando lhe dizia, porque as provas ahi estavam bem claras e irrecusaveis; mas tambem comprehendia perfeitamente a intenção perversá com que Fernando, de um modo que não podia disfarçar aos olhos de Leonor, se comprazia em dar-lhe aquellas funestas e lugubres noticias. Se deixava de amar Mauricio, não podia deixar de detestar Fernando, por quem sempre sentira a mais decidida aversão e cujo caracter abjecto e atroz bem conhecia.

— O que é preciso fazer agora, senhor Fernando, — perguntou Leonor, terminando suas phrases incisivas e fitando um olhar não menos incisivo em Fernando, que se viu forçado a baixar os olhos diante daquelles que tantas vezes o tinham fulminado.

— Agora, — respondeu Fernando, hesitando e um pouco perturbado, — agora é mister occultar do melhor modo que for possivel aos olhos do senhor Capitão-Mór a morte de seu filho, ao menos por alguns dias; no estado melindroso em que elle se acha, essa noticia, dada de chofre, pode ser fatal, e, ai de nós! si elle nos faltar! E' preciso que elle viva e que fique conhecendo agora os seus verdadeiros amigos, afim de que possa melhor governar estas minas, que foram confiadas aos seus cuidados.

— Não se inquiete a esse respeito, senhor; Helena, que aqui está, e Indahyba já tomaram a si o cuidado de occultar essa triste nova não só a meu pae, como tambem a mim, que, se não fosse o senhor, até agora a ignoraria.

— Ah! fizeram bem, — disse Fernando; mas... que traça deram para conservar na illusão meu pobre tio?

— Nós, acudiu Helena, — lhe temos feito acreditar que o senhor Affonso chegara hontem muito tarde, depois de ter perseguido até muito longe os fugitivos, e que por muito fatigado se acha dormindo.

— Dormindo, é verdade... disseste a verdade, — suspirou o fingido secretario de Diogo Mendes, — e dormindo o somno eterno!... Mas, minhas donas, esse somno não pode durar sempre... é preciso inventar mais alguma coisa. O Capitão-Mór, por estes dois ou tres dias, não pode levantar-se sem perigo de se abrirem suas feridas, ainda mal cicatrizadas, e entoã se lhe chegar ao conhecimento ou ao menos tiver desconfianças...

— Mas o que havemos de dizer, — perguntou Leonor, cheia de susto e solicitude.

— Lembra-me uma coisa.

— Qual é?

— Digam-lhe que Affonso levou uma quéda do cavallo, destroncou um pé, e se acha impossibilitado de sahir da cama por estes quatro ou cinco dias.

— Bem lembrado! — exclamou Helena; eu me encarrego de lhe fazer acreditar tudo isso, e assim, nem um nem outro podendo levantar-se da cama, é facil sustentar o engano...

— Mas, replicou Leonor, e quando meu pae puder se levantar e quizer ver meu irmão?

— Então, atalhou Fernando, trataremos de urdir mais alguma... porém, vejo que por fim tudo será inutil. Elle, tarde ou cedo, desconfiará e então não teremos remedio senão dar-lhe a noticia com toda a precaução.

Leonor, pallida e offegante, despediu-se de Fernando, e, encostando-se ao braço de Helena, retirou-se.

Primeiramente foram ao quarto do Capitão-Mór, onde Indahyba se achava junto á sua cabeceira. O Capitão-Mór dormia; Leonor tomou o logar da India, que sahiu com Helena, afim desta dar-lhe conta da conversação que tinham tido sobre o meio combinado para manter o Capitão-Mór mais alguns dias na illusão em que se achava, a respeito da morte de Affonso.

— Que insensivel e soberba mulher! exclamou Fernando, apenas achou-se sosinho. Nem mesmo quebrantada por tantos sustos, fadigas e infortunios, dobra aquella cerviz indomita e altaneira... Mas se pouca ou nenhuma esperança me resta de por ella ser amado, fica-me ao menos a consolação de ver-me plenamente vingado de suas tolas esquivanças e desdens.

CAPITULO XVIII.

A muito custo, Fernando e Leonor, de combinação com as duas prisioneiras, conseguiram durante dois dias, ir ainda illudindo o Capitão-Mór sobre o fim tragico de seu filho. Neste piedoso intento, as tres moças eram inspiradas por sentimentos puros e humanitarios; Leonor, por um extremoso amor filial, e as outras, não só por ella, pela ternura e dedicação á sua joven e boa ama, que lhes tinha sabido inspirar affeição, como pelo natural impulso de seus generosos e singelos corações. O mesmo não acontecia a Fernando, o qual, cumpre dizer em abono da verdade, se mostrava, algum interesse pela vida de seu tio, não era seguramente por espirito de amizade e gratidão, mas sim porque essa vida interessava muito a seus planos ambiciosos. Desejava muito a mão de Leonor, não tanto para ser genro de seu tio, como para ser seu herdeiro, e herdeiro não tanto da fortuna, como da vantajosa posição e poderio de que gosava.

Por vezes o Capitão-Mór lhe dissera: — Fernando, eu não pretendo ficar por muito tempo neste cargo, que me é muito penoso e contrario a meus gostos, e não vejo ninguem melhor do que tu para succeder-me nelle; havemos de arranjar isso.

Ora, Fernando, que além de ambicioso era dotado de habilidade, perspicacia, e cultivada intelligencia, podia, com razão, aspirar não só a esse como a outros mais altos cargos. E os sonhos dourados de sua ambição elevavam-se até o governo de uma capitania.

Mas, para que lhe fossem abertas de par em par as portas desse porvir esperançoso, era mistér que primeiro obtivesse a mão de Leonor.

Sem o grande credito e decidida protecção do Capitão-Mór, que gosava de bastante influencia junto ao governo da metropole, bem difficil, se não impossivel, se lhe tornaria a realização de todos esses sonhos de grandeza, prosperidade e elevação. Fernando, porém, como sabemos, nenhuma esperança nutria de que Leonor annuisse de bom grado a dar-lhe a mão de esposa; mas, nem por isso desistia de sua pretenção, confiando no ascendente e na autoridade que o Capitão-Mór exercia sobre o espirito de sua filha e na certeza que tinha que este não desapprovava, antes desejava com véras, esse consorcio.

Embora tivesse de leval-a constrangida ao altar, isso não repugnava a sua consciencia pouco escrupulosa.

Apezar dos encantos e formosura de Leonor, não era o amor, mas sim a ambição, o movel principal do procedimento de Fernando. Até então o ciume, a inveja, o despeito de se ver supplantado por um rival de condição obscura, que tantas vezes o tinha humilhado, suppria a violencia da paixão e lhe inspirava todos esses actos de perseguição e crueldade, que deram em resultado a sublevação dos paulistas.

Em negocios de amor, a inveja que toma o nome de ciume, é a mais ferez de todas as paixões. Agora, porém, que suppunha morto o seu feliz competidor e julgava removida a principal difficuldade que se oppunha a seus projectos, só cuidava em affagar os seus sonhos ambiciosos, tratando de lhes dar prompta realização.

Ao passo que os habitantes da casa do Cpitão-Mór, cuja inquietação e desconfiança cada vez mais augmentavam, viam-se em torturas para occultar-lhe a morte de Affonso, Helena não menos emboraçada se achava para impedir que viesse ao conhecimento de Fernando que Calixto, graças aos cuidados e solicitude della, alli se achava com elles, debaixo do mesmo tecto.

Era forçoso que Fernando ignorasse esse facto, porque, sendo Calixto um dos mais audaciosos e implacaveis inimigos dos emboabas e um dos mais exaltados chefes do levante, não podia ser poupado por Fernando, que havia jurado a morte de todos os cabeças da insurreição, e a proscripção de todos os paulistas do territorio das Minas, sujeito á jurisdicção de Diogo Mendes. Entre os cabeças, que eram Mauricio, Gil, mestre Bueno, Antonio e mais alguns, estava incluido e nem podia deixar de assim ser, o nome de Calixto.

Bem se póde imaginar o continuado susto em que devia andar a pobre Helena, os incessantes cuidados e precauções, que devia tomar, afim de que seu pobre amante escapasse ás vistas desconfiadas e prescrutadoras de Fernando, até que elle se restabelecesse e se achasse em estado de pôr-se a salvo.

Felizmente para ella, os affazeres e cuidados de que Fernando se achava encarregado, durante a enfermidade do Capitão-Mór traziam-lhe o espirito bastante preoccupado e não lhe davam tempo de prestar muita attenção ao que se passava dentro de casa.

Estava-se já no quinto dia, depois da terrivel noite do assalto. Fernando, Leonor e suas duas companheiras já não sabiam mais o que inventar para acalmar as continuas e crescentes apprehensões do Capitão-Mór a respeito da sorte de seu filho.

Era pela manhã. Leonor e Helena, tendo deixado Indahyba junto ao leito do ferido, que ainda dormia, achavam-se debruçadas sobre o parapeito da varanda que dava para o grande pateo, conversando mysteriosamente, excogitando entre si os meios de manter, ao menos por mais aquelle dia, o engano em que se achava o Capitão-Mór e esconder aos olhos de Fernando a existencia de Calixto dentro daquella casa.

Fernando achegou-se, cumprimentou-as.

— Mas o que estão aqui a contemplar? — perguntou elle, depois de se ter informado do estado de seu tio e procurando entabolar conversação com as duas moças. E' bem triste e sinistra a memoria, que vae deixar nos annaes da historia destas minas, o terrivel acontecimento de que foram

theatro este pateo, esta varanda e aquelle salão.

— E' verdade, senhor, mas, para que rememorar tão tristes cousas?...

— Para que?... Emquanto o morticinio aqui commettido não for expiado, emquanto as victimas, tanto de paulistas como de portuguezes, aqui immoladas pela cobiça infrene e a treda scelerata de alguns bandidos desalmados não forem cabalmente vingadas, não podemos nem devemos esquecer o feroz ultrage que esteve a ponto de nos aniquilar. O sangue das victimas, que ainda ensopa estes logares, está clamando vingança.

Ouvindo estas terriveis palavras, Helena, pensando no seu Calixto, sentiu gelar-lhe o sangue nas veias.

— Mas, senhor, esses desgraçados a esta hora devem estar bem cruelmente punidos; vencidos e perseguidos a ferro e fogo, quantos delles não terão tido a sorte do senhor Mauricio?

— Cala-te, boa menina; não é de ti, que perdestes teu bom e fiel amante, traspassado de golpes vibrados pela mão de seus tredos companheiros; não é de ti, que se devia esperar interesse e commiseração por essa malta de facinoras... Vem — continuou elle, tomando Helena pela mão, — quero mostrar o logar em que teu pobre Calixto cahiu crivado de golpes de seus patricios. Foi aqui, continuou elle, parando qunto á porta do salão. Vendo que Mauricio, seguido por alguns portuguezes, os atraiçoava, poz-se de nosso lado como todos os paulistas que o acompanhavam. A dupla traição de Mauricio, que por um nunca visto requinte de perfidia, pretendia embair a ambos os partidos, poz-nos a todos em uma confusão horrivel, combatendo cada qual a esmo, sem saber qual era o amigo, qual o inimigo. Ao grito de Calixto — *A elles, meus amigos!... morra Mauricio! morra o traidor!*, paulistas e portuguezes, todos se voltaram contra Mauricio e contra os poucos que lhe ficaram fieis. D. Leonor, Helena, acreditem-me: foi esse brioso e denodado moço quem, com seu procedimento leal e corajoso, nos salvu a todos nós, habitantes desta casa, das mais tremendas calamidades! Combateu a nosso lado, como um leão furioso, até que, crivado de golpes e esvaindo-se em sangue, cahiu, por um golpe de espada que Mauricio lhe desfechou, e que quasi lhe cerceou o braço direito!...

Leonor, que machinalmente acompanhara Fernando e Helena, escutava, transida de horror, aquella temerosa narração, sentindo, entretanto, no fundo da alma grande repugnancia em acreditar que Mauricio, aquelle generoso e leal mancebo, que durante tantos annos nunca desmentira o elevado conceito em que ella e seu pae o tinham tido, fosse capaz de tanta infamia e de tão atroz perfidia!...

Helena, porém, que tinha pensado todos os ferimentos de Calixto e que bem sabia que, além de alguns golpes leves, só tinha no braço direito uma forte contusão, começava a duvidar da veracidade da narração de Fernando. Este bem poderia estar mentindo inconscientemente, pois, no ardor do combate, talvez se enganasse sobre a gravidade do golpe com que Calixto cahira inanimado.

Mas a filha de mestre Bueno, sempre prevenida contra Fernando, cujo caracter embusteiro e perverso de ha muito conhecia, começou por desconfiar e duvidar de tudo quanto elle dizia!

— Deixa estar — reflectiu ella; — quando Calixto se achar restabeleci-

do elle ha de me contar por miudo quanto se passou.

— Foi aqui mesmo tambem, — continuou Fernando, — que vosso infeliz irmão cahiu com a garganta traspassada por uma estocada que Mauricio lhe atirou; deu apenas alguns passos vacillantes e foi cahir sobre o cadaver de Calixto, enlaçando-lhe o collo com um dos braços estendidos... Pobres moços!... Era um espectaculo pungente capaz de commover o coração mais feroz!... Nos ultimos instantes da luta, tinham combatido ao lado um outro, contra o mesmo inimigo, e parece que, ao morrer, quizeram reconciliar-se, esquecendo os odios e rivalidades da vida, abraçando-se e misturando seu sangue no chão da lucta. Oh! mil maldições são poucas para o nome do auctor de tão dolorosa e sanguinolenta scena! Quem dera não tivesse elle morrido para soffrer o castigo ignominioso que merecia por seus crimes!

Fallando assim, Fernando procurava esmagar o coração de Leonor, aviltando e estigmatizando aos seus olhos, o homem que havia amado.

Quanto a Calixto e Helena, sua intenção era inteiramente diversa.

— Consola-te, minha menina; tu tambem perdeste o amante, mas elle morreu heroicamente, combatendo pela boa causa e salvando toda uma familia das garras de um facinora. Quanto me dóe não ter Calixto sobrevivido ao menos um dia ao seu falso e traidor amigo; saberia ao menos que este não poude esquivar-se ao merecido castigo, em consequencia dos bem certeiros golpes que elle lhe desfechou, indo morrer miseravelmente, abandonado e amaldiçoado por todos. A acção generosa e heroica, com que Calixto rematou seus dias, purifica, a meus olhos, a sua rebeldia e as imprudencias que commetteu, levado pelo ardor da mocidade e pelas instigações de seus perversos conselheiros. Assim não tivesse elle succumbido nessa lucta feroz! Com que frazer eu e meu tio lhe teriamos perdoado, attentos a sua pouca edade e o eminente serviço, que nos prestou nos seus ultimos momentos! Seria elle o unico excluido da perseguição e do supplicio destinado a todos os seus companheiros.

Ao ouvir estas palavras, Helena sentiu um suave effluvio de esperança banhar-lhe o coração, vendo affastar-se de sobre a cabeça de seu amante a nuvem sinistra, que a ameaçava.

— Se eu agora declarasse que elle se acha são e salvo dentro desta casa... — pensou ella.

Mas o conhecimento que tinha do caracter aleivoso e refalsado de Fernando, lançou logo uma sombra nesse reflexo de esperança que começava a expandir-se dentro em sua alma; hesitou e fitou seus grandes olhos meigos e negros em Leonor, que logo comprehendeu essa muda interrogação.

— Pobre moço!... continuou Fernando, sempre no mesmo tom de magoa e compuncção; — não só perdoariamos, como mesmo, se elle quizesse mostrar-se docil, como foi valente e generoso, procurariamos os modos de o tornar feliz, casando-o com a sua bella Helena, para que nos seus braços esquecesse os vexames que soffreu por causa de Affonso; era uma reparação que de bom grado fariamos em homenagem a sua memoria.

Rendendo este tributo de commiseração, enthusiasmo e gratidão á memoria do amante de Helena, que elle suppunha morto, Fernando não dei-

xava de ser sincero até certo ponto; mas o seu principal intuito era captar a sympathia e benevolencia da filha de Bueno, por que bem conhecia a intima e reciproca affeição que a ligava a Leonor, desde que estava ali junto della, affeição que cada vez mais se fortalecia e estreitava, e que tinha feito de Helena a intima amiga e confidente de sua ama.

Se Fernando conseguisse dissipar o pessima impressão que suas crueldades e perseguições contra seus parentes e patricios tinham deixado no espirito da joven paulista, e tornar-lhe o animo favoravel a seus intentos, acharia nella, por certo, um poderoso auxiliar para a realisação de seus projectos.

Leonor, a principio vacillante sobre o conselho que devia dar a sua amiga, animada agora com as ultimas palavras de Fernando, que pareciam repassadas de sincera compuncção, tomou uma resolução e com um aceno de cabeça affirmativo animou-a a fazer a declaração que lhe pairava nos labios.

— Pois bem, senhor — começou Helena — é bem agradavel para mim o bom conceito que faz do infeliz Calixto. Diz Vossa Mercê que, se elle tivesse escapado da matança de outro dia, nem o senhor Capitão-Mór, nem Vossa Mercê lhe haviam de fazer mal algum.

— Era preciso que fossemos uns vilões ingratos para lhe fazer mal. Se por felicidade, elle tivesse escapado, mandaria procural-o, estivesse onde estivesse, e o faria recolher a esta casa, para aqui ser tratado como merece.

— Oh! senhor! exclamou Helena, — o que Vossa Mercê está dizendo é para mim uma grande felicidade!

— Maior seria ainda, menina, se elle ainda fosse vivo; verias até que ponto chegaria a minha generosidade para com elle, em honra de Affonso, que foi seu rival na vida, e que, tudo faz crer, morreu seu amigo.

— Pois saiba vossa mercê que Calixto não é...

— Não é o que, menina? — acaba...

Helena interrompeu-se, sem ousar dizer o resto; ainda tinha n'alma um resto de receio e desconfiança.

— Não é o que, menina?! acaba.

Helena resolveu responder por ella:

— Não é morto — disse resolutamente.

— Não é morto!? — exclamou Fernando com desagradavel surpresa, que não poude disfarçar, e, recuando um passo, franziu o sobrolho com expressão tal, que fez estremecer as duas meninas.

Mas Leonor, que por seu assentimento, tinha induzido a amiga a fazer aquella perigosa revelação, tomou a si, com a decisão e sobranceria que lhe eram naturaes, toda a responsabilidade do passo imprudente que haviam dado.

— Sim, senhor, não é morto — disse ella, voltando-se para Fernando com olhar altivo e gesto decisivo. — Não é morto e acha-se aqui dentro desta casa, são e salvo. Se Vossa Mercê não cumpre a palavra, que ha pouco deu, de que se elle estivesse vivo nenhum mal lhe faria, e até lhe daria gasalhado e protecção, é indigno do nome de fidalgo, que tem, e não passa de um vilão ingrato e refalsado, em cujas palavras ninguem mais poderá acreditar.

— Mas quem lhe disse, minha prima, que eu desejo fazer mal a esse

moço? replicou Fernando, inteiramente desconcertado com a nova e com o tom imponente e imperioso que tomara Leonor. Quando tambem dei eu occasião á minha prima de duvidar de minha palavra?

— Desculpe-me, senhor; pareceu-me, pelo seu ar, que lhe desagradava a noticia que lhe dei; a desconfiança, o receio e o interesse que tomo por esse pobre moço, tornaram-me suspeitosa...

— Essa desconfiança não deixa de offender-me, minha senhora; mas é digna de desculpa. Temo-nos achado enredados em um labyrintho tal de intrigas, odios e traições, que é licito até duvidar dos santos e dos anjos. Mas é quasi incrivel... Como poude salvar-se esse moço, que eu julgei realmente morto, pois o vi a meu lado, crivado de golpes e esvaindo-se em sangue, cahir hirto e immovel junto a mim, e que meia hora depois ainda fui encontrar estendido no mesmo logar e na mesma posição, sem dar o menor indicio de vda, como tu' e Indahyba presenciastes?

— Não sei, senhor; — respondeu Leonor. Mas o certo é que está vivo e fóra de perigo.

— Fui eu que o salvei, senhor — acudiu Helena — e peço-lhe perdão...

— Bem, boa menina; em vez de reprehendel-a, louvo muito a sua acção e nem poderia levar-lhe a mal o ter salvado aquelle que deu occasião a que todos nos salvassemos. — E onde se acha elle?

— Aqui mesmo nesta casa, no quarto de Helena.

— E' preciso que eu o veja, mas ficará para logo... Vem-me agora ao espirito uma excellente lembrança... E' mais um ardil de que podemos lançar mão, com successo, para manter o Capitão-Mór na illusão, em que se acha, sobre a sorte de seu filho.

— Qual é? — perguntaram as duas moças ao mesmo tempo.

— Calixto, que se julgava morto, agora redivivo, vai prestar-nos ainda um bom serviço a bem do prompto restabelecimento do seu pae, D. Leonor... dando-lhe tempo para vigorar-se afim de poder receber sem perigo a dolorosa nova, que temos de lhe dar.

— Mas como? Explique-se, senhor.

— O Capitão-Mór talvez amanhã mesmo se ache em estado de poder levantar-se do leito e percorrer a casa. Seu primeiro cuidado, e será impossivel impedil-o, ha de ser, sem duvida, o de ir ao leito de seu filho...

— ...que achará vasio — exclamou Leonor, suspirando.

— Escute, senhora; não achará vasio. Farei transportar Calixto para esse leito, que é no meu quarto, como sabem; levaremos lá o Capitão-Mór e teremos o cuidado de ter o quarto com muita pouca luz. No porte, Affonso e Calixto, eram eguaes; as feições no escuro não se distinguirão. Calixto ou melhor, Affonso estará dormindo e faremos ver ao Capitão-Mór, com vivas instancias, que não convém despertal-o, pois que o somno, a tranquilidade de espirito e a immobilidade são as principaes condições para seu prompto restabelecimento. Será muito conveniente manter o Capitão-Mór no seu engano ao menos até amanhã.

Esta idéa agradou muito não só a Leonor como a Helena, e esta tratou logo de ir prevenir a Calixto do luctuoso e singular papel, que tinha de fazer, isto é — de fingir-se adormecido afim de passar por outro, que realmente dormia o somno eterno.

CAPITULO XIX

Com este ardiloso, mas innocente embuste, que foi perfeitamente executado graças ao interesse que as pessoas nelle envolvidas tinham em seu bom resultado e pleno successo, as desconfianças e inquietações de espirito do Capitão-Mór se acalmaram durante aquelle dia, dando logar a que dormisse tranquillamente durante a noite que se lhe seguiu.

Mas, no outro dia, já não era mais possivel, nem convinha entretel-o naquella illusão, que não podia perpetuar-se.

Fernando, em vista do estado, já fóra de perigo, em que se achava o Capitão-Mór, de accordo com Leonor e Helena, entendeu que era tempo de desenganal-o; mas, a despeito das precauções que tomaram, dos rodeios que empregaram para não lhe dar de chofre e de um modo brusco a terrivel nova, esta não deixou de affligil-o de um modo assustador e cahiu em profundo abatimento. Affonso e Leonor eram seus idolos; um brilhante futuro para ambos era o seu sonho de ouro, eram as flores que lhe adornavam as eis; um delles via esvaecer-se para sempre; o outro estava ainda sujeito a tantas vicissitudes?...

Acabrunhado pela dor, e immerso no mais profundo desalento, encerrou-se em seu quarto, e por dois dias esteve prostrado no leito, recusando todo o alimento, e não querendo falar a ninguem sinão a Leonor, que em vão empenhava todos os esforços, todos os recursos, que lhe inspirava a ternura filial, para consolal-o e induzil-o a resignar-se a viver.

Meu pae — dizia-lhe ella, com as lagrimas nos olhos—se a vida lhe é um fardo insupportavel, tenha ao menos piedade de sua filha. Que será de mim, se Vossa Mercê me faltar? Qual será o meu amparo no meio deste sertão, rodeada de gentios e de homens turbulentos e ferozes talvez mais ainda que os gentios?...

A dor que acabrunhava o coração do Capitão-Mór com a perda de Affonso era extraordinaria, porém, vendo a afflicção que seu estado causava a sua filha, unica affeição sincera que lhe restava, procurou disfarçar a magua; posto que essa resignação não fosse verdadeira, comtudo as palavras de Leonor o enterneceram e não pôde o Capitão-Mór impedir que lhe brotassem dos olhos algumas lagrimas. As supplicas da filha foram um balsamo para sua alma, suavisaram-lhe as agruras do soffrimento.

—Não, disse elle, mal se erguendo e um tanto mais tranquillizado, — eu quero, eu preciso viver, visto que ainda me resta em ti um amparo e um consolo nas minhas afflicções. Não te inquietes por minha causa; foi apenas uma recahida de que eu espero sarar breve... Depois do choque que levei com a morte do meu pobre Affonso e de tão atrozes afflicções, que me têm dilacerado a alma, não pode haver mais infortunios que eu saiba superar com resignação e coragem... Assim, Deus me dê saúde para viver mais alguns annos e fazer ver a esses paulistas quanto vale a vida de um portuguez!

O Capitão-Mór exaltava-se um pouco ao lembrar-se dos Paulistas, que eram os unicos causadores de seus tormentos e afflicções.

—Não, minha filha, continuava elle, é preciso vivermos, para tirarmos uma desforra e salvarmos a nossa honra, que tem sido muito aviltada.

— Ah! meu Deus! exclamou Leonor, — ainda meu pae falla em vingança!? Eu que cuidava já acabadas essas lutas...

— Assim é preciso, minha filha. Que dirão de mim, ao depois, quando souberem que fomos batidos, e destroçados por um grupo desses paulistas, sem tiramos uma desforra e levarmos a nossa honra?

A esse desejo de vingança, que começava a despertar na alma bonachã de Diogo Mendes, excitavam-n'o a morte fatal de seu querido filho, que ali se achava sepultado e as narrações, ás vezes falsas e exaggeradas, que ouvia de seu sobrinho. Antes com a presença de Leonor, que sempre a seu lado o consolava, do que mesmo com os remedios, que bem pouco effeito produziam, foi elle experimentando melhoras, até que chegou a supportar com mais coragem e fortaleza outros revezes e contratempos que lhe estavam reservados.

Não havia, felizmente, outro facto que o tivesse abalado tanto como o da morte de seu caro filho; os outros revezes, bem que fossem numerosos, consistiam na mór parte em damnos e prejuizos da fazenda: — os escravos que fugiram, aproveitando a occasião do ataque e o numero diminuto de portuguezes, que bem pouco podia valerlhe; os longos barracões que formavam o pateo da fazenda e que naquella noite haviam se convertido em chammas; os portões desmantellados e mil outros destroços que havia deixado aquella horda no seu arremesso devastador. Dos portuguezes que ainda restavam, uns se achavam convalescendo, outros, que menos soffreram no conflicto, tinham o braço quebrado ou o pé destroncado, talvez effeito de alguma escaramuça e alguns chegaram a ficar tão desfigurados por cicatrizes e brechas, que causariam riso a outros que não fossem o Capitão-Mór e sua familia.

Tambem o arraial ficára meio despovoado, não havia permanecido ahi nem um só paulista: as casinhas e algumas tendas conservavam-se fechadas e toda aquella povoação se via então entregue ao mais completo abandono. Vendo-se só com esse punhado de homens invalidos, que se achavam em redor da fazenda, o Capitão-Mór e seu sobrinho receiavam que os paulistas, conhecedores disso, voltassem a completar a sua obra de devastação.

Embora já tivesse decorrido mas de um mez depois de tão desastroso acontecimento, tudo parecia-lhes revelar que um novo ataque mais decisivo ia perfazer aquella scena de sangue. Com razão desconfiavam: os paulistas, certos do estado indefeso da fazenda e do arraial, por menor que fosse o numero que reunissem, não hesitariam um só momento em marchar de novo contra elles.

Reunindo, pois, alguns moradores do povoado e dos arredores, com promessas de grandes recompensas, os distribuiram em patrulhas que rondassem pelos arredores, em distancia de duas leguas. Quanto ao resto de sua gente, trabalhava quanto podia na construcção de trincheiras, fossos e outros meios de defesa que seriam então de grande auxilio ao numero minguado e fraco dos seus defensores.

Embora tivessem os seus espias angariado mais alguns homens, o estado quasi inerme de sua gente os teria desanimado, em semelhantes conjuncta-

ras, se alguns de seus espiões, que eram mui bem galardoados, não lhes viessem trazer a boa nova de que a legoa e meia do povoado se acampava um grande reforço.

A S. João d'El-Rey já havia chegado a noticia do affrontoso desafio de Caldeira Brant a Amador Bueno e, pelas indicações dos espias, viram logo que devia ser o chefe emboaba que vinha na direcção indicada.

Esta notícia auspiciosa encheu de orgulho e de alvoroto a alma amesquinhada de Fernando, que poude tranquilisar o Capitão-Mór das scismas e receios que jamais o abandonavam. Nas circumstancias em que se achavam, não lhes podia ser esse grande evento mais benefico, nem mais propicio. Tanto que soube deste facto, Fernando, de accordo com Diogo Mendes, enviou dous emissarios ao campo de Caldeira Brant, levando-lhe a relação das circumstancias em que se achavam e offerecendo-lhe a fazenda, onde juntos e com mais vantagens dariam combate ao inimigo commum.

Assim foi que, no outro dia, o arraial de S. João d'El-Rey, que cuidava continuar no goso de tranquilla paz, foi despertado em sobresalto pelo estrepito e vozeria das forças do audaz bandeirante.

Era um bando numeroso de cerca de quatrocentos homens, que, atravessando o povoado, se dirigiam para a fazenda.

Por informação de Irabussu', que acompanhou todos esses factos, prescrutando e espionando, o leitor deve saber que a gente de Caldeira Brant, tanto que chegou á fazenda do capitão-mór, empenhou-se, toda ella, na construcção de trincheiras, estacadas e outros misteres e estrategias de guerra.

Depois de transformar a fazenda quasi inerme e indefesa de Diogo Mendes em uma possante fortaleza, Caldeira Brant esperava impaciente que seu inimigo o viesse atacar; mas ainda que bem fortificada, affligia-o a incerteza que tinha da distanca e posição de Amador e da força que trazia. Reunindo, pois, uma escolta de quarenta homens bem providos de armamento, mandou-a, como espia fazer reconhecimentos para as bandas do Rio Grande, por onde devia chegar Amador. Já o leitor conhece a sorte desastrosa e funesta que teve esse grupo de homens, por sua ambição e temeridade, na encosta daquella serra que, desde esse acontecimento, tomou o nome, que ainda hoje conserva, de "Morro da Victoria".

Caldeira Brant, despeitado com esse desastre, antevia a necessidade de sahir com sua gente a campo; mas ainda que elle fosse temerario e arrogante nos seus fóros de fidalguia, não ousava ainda assim dar esse passo tão arriscado, sem primeiro conhecer as forças e os meios de seu adversario. Assim foi que, no outro dia, despachou uma escolta bem armada, com ordens terminantes de ir ao logar em que se achava acampado Amador e voltar, trazendo-lhe noticias cirumstanciadas de tudo que lá observasse.

Mas essa escolta de emboabas, que seguia o rumo da precedente, ao chegar ao campo indicado, já o encontrou abandonado, com alguns começos de trincheiras.

Depois de certificar que o inimigo havia deixado aquelle acampamento, voltou a turba de emboabas para a fazenda, conduzindo alguns feridos que, na volta desastrada da primeira expedição, tinham ficado sem forças pelo caminho. A nova da sahida de Amador

do sitio que occupava irritou, ainda mais, a iracundia de Caldeira Brant, que, ignorando a resolução do chefe paulista, e temendo ser atacado de surpresa, tratou logo de pôr vigias, durante a noite, ao redor da fazenda, e, durante o dia, em observação pelos altos do morros.

CAPITULO XX

Entretanto Amador Bueno, que havia escondido a marcha ao longo de valles e grotões, chegou á gruta de Irabussu' ao cahir da noite. Ahi foi elle recebido com grande contentamento, não só da parte dos selvagens, que entoavam pocemas de guerra, como de todos os paulistas, que o acolheram com enthusiasmo indescriptivel. Ao achar-se diante da immensa massa de granito, que se elevava perpendicular, fendendo-se num espaçoso e vasto portico, os paulistas pararam estupefactos, e o proprio Amador, homem avisado e experiente conhecedor dos sertões, não pôde conter uma exclamação de pasmo.

Tanto Amador como sua gente não podiam ficar por muito tempo no contemplação da gruta de Irabussu'; a longa marcha que fizeram, cheia de rodeios e máos caminhos, os havia fatigado, augmentando-lhes a sêde e a fome. Foi, pois, toda essa gente introduzida na gruta, onde, depois de copiosa refeição, cahiram logo em profundo somno.

Havia no meio da gruta um leito natural de estalactite, onde prepararam a cama de Amador; mas este, apesar de estar muito fatigado, não quiz abandonar seus hospedes. O desejo de ouvil-os falar sobre os acontecimentos que os obrigava a refugiarem-se alli na gruta, o enthusiasmo de reunir-se a seus patricios, a esperança de alcançar victoria, excitaram-no de tal maneira que perdeu completamente o somno. Recostado, pois, nesse leito, e sentando-se os outros em pequenos blocos de pedra, puzeram-se a conversar, allumiados pelo fraco clarão de um fogo que Antonio alimentava.

Satisfazendo-lhe a natural curiosidade, Mauricio fez-lhe a narração, ainda que superficial, da longa historia de sua vida que, por ligar-se tambem á de seus companheiros, era sempre interrompida por apartes e exclamações.

Todos os factos dessa existencia aventureira despertavam sobremodo o interesse de Amador Bueno, que só tinha para seus actos louvores e elogios.

Quanto a Amador, o que o impellira a pegar armas era breve e positivo e elle o narrou em poucas palavras.

Tendo ouvido dizer que Caldeira Brant espoliava seus patricios e os perseguia e maltratava com desalmado despotismo, reclamou contra um tal abuso. O fidalgo, muito offendido em seu orgulho, pretencioso e altaneiro como era, respondeu-lhe com um desafio. Embora não esperasse Amador por essa affronta e estivesse desprevenido não só de armas como de gente, reuniu com difficuldade um pequeno contingente e poz-se logo a caminho para São João que foi o ponto marcado pelo arrogante emboaba para ferir-se o combate. Este grupo foi se augmentando no decurso de sua marcha por paulistas que fugiam á perseguição do chefe portuguez.

Amador havia escutado com o mais vivo interesse a narração de Mauricio. Esta conversação durou até alta noite, até que, fatigados, cada um procu-

rou o seu commodo nos nichos e cantos da immensa gruta.

O chefe paulista agradecia á Providencia, com todo o fervor de sua alma, o ter lhe proporcionado um encontro tão feliz. Reunindo sua gente á de Mauricio e Gil, que só se compunha de homens fortes e resolutos e alliando-se aos dous mancebos em quem reconhecia as mais abonadoras qualidades, já não lhe dariam tantos cuidados as ameaças do inimigo, embora o numero de sua tropilha, unida á de Mauricio e Gil, ainda fosse bem inferior ao das forças do caudilho emboaba.

Mauricio e Gil, por sua vez, com seus outros companheiros, não podiam ficar mais satisfeitos com um evento tão afortunado... Ademais a chegada de Amador veio lhes pôr termo ás apprehensões e cuidados, pois receiavam a cada momento serem descobertos pelos espias de Caldeira Brant, que, segundo disse Irabussu', andavam sondando pelas immediações e podiam descobril-os na gruta.

Depois de um somno reparador, foi Amador despertado pelos malhos de mestre Bueno, cujo tinido compassado, repercutindo pela extensa gruta, chegava-lhe multiplo aos ouvidos. Assim que se levantou, encontrou logo a seu lado Mauricio, Gil e Nuno que dali o levaram a visitar a tenda do velho ferreiro, onde com grande alegria e admiração poude ver a' enorme provisão de armas de fogo, de zagaias e chuços, todas concertadas e promptas, bem como a abundancia de polvora, que era uma grande providencia nas circumstancias em que se achavam.

Estas e outras precauções, que não havia tomado, Amador Bueno encontrava-as ali na gruta. Só um homem experimentado e prudente, como o era mestre Bueno, se lembraria dessas prevenções, e se não fosse elle, passariam despercebidos ao espirito agitado de seus comparsas esses objectos indispensaveis na occasião em que estavam. Mauricio e Gil relataram a Amador Bueno os meios de que dispunham e as circumstancias em que se achavam.

Agora o que mais urgia era prevenir e armar sua gente e engendrar os planos de combate, pois não era mais possivel conservar por muito tempo aquelle bandó de quasi trezentos homens na gruta de Irabussu'.

O momento do impetuoso combate não podia tardar muito: os espiões de Caldeira Brandt, cada vez em maior numero, vagavam agora dia e noite por aquellas cercanias em minuciosa observação, andavam mais de duas leguas distante da fazenda e naturalmente descobririam a gruta. Não desejava Amador dar um assalto á fazenda; queria antes ser atacado ali mesmo, não porque temesse suas trincheiras, mas porque considerava a Diogo Mendes, cujo caracter e procedimento já Mauricio lhe havia preconizado.

Mauricio, Gil e seus companheiros, enthusiasmados com a chegada de Amador, perderam todo o receio de serem vistos e denunciados pela gente da fazenda. Estavam anciosos por um combate decisivo e logo foram ter com o chefe paulista, a ouvir sua opinião sobre o que deviam fazer.

Amador mandou armar barracas em frente da gruta de Irabussu', porque assim seriam vistos. Conhecedor da audacia de Caldeira, esperava para logo o ataque.

Ordens dadas e executadas, dahi a 2 horas estavam as barracas armadas e o povo esperando ancioso o momento de mostrar sua coragem e dedicação.

O sol já ia alto, quando no acampamento de Amador entrou um grupo de indios e paulistas, trazendo presos al-

guns emboabas que haviam encontrado nas proximidades da gruta. A entrada destes homens no acampamento de Amador e Mauricio levantou grande alvoroço, não só do lado dos selvagens, que entoaram suas pocemas de guerra, como da parte dos paulistas, que, embora respeitassem a ordem, não podiam conter gritos e pragas.

Cercados de toda aquelle gente, foram elles levados aos trambulhões á presença de Amador e Mauricio, que logo lhes vieram ao encontro; a muito custo puderam accommodar sua gente e acalmar a agitação e o alarido que reinava em torno dos pobres portuguezes. Estes evocavam o nome de quantos santos havia em seu auxilio...

Os chefes não consentiram que elles ali fossem maltratados, com grande contrariedade dos selvagens, que já antegosavam o momento de experimentarem nelles suas flexas.

Aquelle grupo de portuguezes imprudentes parecia enviado ali para avviar e accender a sêde de sangue e de vingança.

Mauricio e seus companheiros os puzeram logo em liberdade, não só porque lhes repugnava fazer-lhes mal, senão porque elles iam prestar maior serviços voltando para a fazenda, e indicando a Caldeira e Fernando o logar em que se achavam acampados.

Não podendo sustentar sua gente por mais tempo aquartelada na gruta, por falta de provisões, e para que por outro lado não incommodassem Diogo Mendes, levando a guerra á sua casa, os paulistas não queriam mais se occultura. Já os aborreciam tantas delongas e cuidados, e mesmo estavam bem preparados para fazer frente a quatrocentos ou quinhentos portuguezes.

Trataram, pois, de soltar aquelle grupo de emboabas, afim de que fossem informar a Caldeira Brant, da posição que Amador Bueno occupava e da existencia de Mauricio na gruta de Irabassu'.

Logo que se viram livres e perdoados pelos generosos paulistas, e mal se orientaram da situação do povoado, ao dobrar a serra de S. José, puzeram-se a correr com toda a velocidade que lhe permittiam as forças, anciosos para se distanciarem do acampamento, e mais ainda para levar a Caldeira Brant a nova de suas descobertas e receber o premio promettido.

Chegaram estafados á fazenda, onde encontraram o seu chefe com o Capitão-Mór e Fernando, que conversavam na varanda e que logo sahiram ao encontro delles, avidos de curiosidade.

A noticia que traziam da estada de Amador na gruta de Irabussu' veiu confirmar as desconfianças de Fernando quanto á existencia de Mauricio ali; porque Amador só poderia ali chegar, guiado por pessoas conhecedoras daquelles logares e estas eram de certo Mauricio e seus companheiros.

Esta noticia pareceu atear mais o odio e o despeito de Caldeira Brant. Outro tanto não succedeu a Fernando, que exultou de prazer quando os homens o inteiraram de que Muaricio se achava tambem na gruta.

Trataram logo de reunir sua gente, passar revista nas armas e munições e enthusiasmal-a; para a encorajar, deram-lhe instrucções para o tiroteio e prometteram-lhe boas pagas.

Era já tarde. O acampamento distava da fazenda; portanto, deixaram a marcha para o dia seguinte, isto com bastante sacrificio dos chefes, pois estavam anciosas por decidir a sorte.

Tinha Fernando a certeza de vencer e esmagar os paulistas, para o que contava com o auxilio da gente de seu patricio, com quem muito se havia amistado.

CAPITULO XXI

Mauricio e Amador tinham bom vigia em Irabussu', e este, que era respeitado em S. João d'El-Rey, percorria o arraial sondando disfarçadamente, para communicar na gruta tudo que via e ouvia. Algumas horas depois que os emboabas se retiraram, chegou Irabussu' que, voltando de suas excursões, trouxe aviso aos paulistas de que os emboabas viriam atacal-os na manhã seguinte.

Mauricio e Amador Bueno trataram logo de pôr em pratica os seus planos de combate, e, reunindo sua gente, deram-lhes as instrucções necessarias.

A gente de Amador era toda paulista e bem disciplinada, porém a de Mauricio compunha-se de tres raças differentes: paulistas, indios e negros, commandados respectivamente por Nuno, Antonio e Joaquim.

Antonio, que era indio e sabia dominal-os, teve ordens de emboscar com sua gente num capoeirão que margeava o caminho, á espera da força inimiga, e de fazer resistencia á primeira columna. Joaquim, com os outros, emboscados, iam tambem á distancia de duzentos passos, de modo que pudessem acudir logo. Nuno, Mauricio e Gil, com os paulistas a seu commando, avançariam pelo caminho, ao encontro do inimigo.

Amador e os seus ficaram de promptidão no acampamento para soccorrel-os, se preciso fosse.

Isto combinado, trataram de revistar as armas de fogo dos paulistas e negros, e os arcos e flexas dos indios e pôr tudo em ordem para se emboscar. Ao alvorecer do dia, antes da chegada de Caldeira Brant, já deviam estar em seus postos. Antonio recebeu instrucções particulares de seu amo, sobre certos pontos que deviam ser executados na hora do combate.

Na fazenda de Diogo Mendes tudo andava em alvoroço; o grosso numero de portuguezes que se preparava para a luta, não tinha conhecimento algum de exercicio d'armas; nem ao menos sabiam infileirar-se.

O Capitão-Mór não queria perder a occasião de mostrar sua coragem acompanhando-os ao campo de batalha; mas Caldeira Brant e Fernando se oppuseram logo, fazendo-lhe yer o perigo em que se ia metter. Leonor tambem mostrou desejos de assistir ao combate e lembrou a seu pae que podia ficar de longe, sem se envolver na luta. Diogo Mendes não concordou com o alvitre da filha; receiava que ella não tivesse coragem para assistir a uma peleja sem perder o animo. Fernando, sempre que se tratava de Leonor, procurava contrarial-a, mas desta vez protegeu-a, acoroçoando ao tio a irem ficar de longe para ver o combate. Isto não era aconselhado por bondade, nem para satisfazer o desejo de sua prima, mas sim, antevendo a dupla vingança que antecipadamente gosava de matar Mauricio em sua presença.

Leonor percebeu que seu primo urdia naquelle mesquinho cerebro algum trama infernal, pois deixava transparecer em seu rosto um contentamento visivel; mas, dando-lhe pouca importancia, não desistiu de sua pretenção. Combinaram, pois, que os espectadores ficariam no alto do morro, onde podiam observar todo o combate sem perigo e voltar para a fazenda quando estivessem cançados.

As duas companheiras de Leonor bem desejavam acompanhal-a, ambas tinham em perigo seus paes e amantes.

Indahyba, por ingenuidade, ou por ser de origem selvagem, nada temia quanto a seu pae e a Antonio; mas Helena, que fora creada com outro mimo, muito soffria quando pensava em seu pae, de quem ha muito não tinha noticias, e de Calixto que, tendo ficado prisioneiro ainda pelo amor della, ia agora forçadamente bater-se contra os seus. Procurou o mancebo e referiu-lhe tudo que incommodava seu espirito. Calixto tranquillizou-a dizendo que nada receiasse quanto a mestre Bueno, nem mesmo quanto a Mauricio, a quem elle considerava um amigo, e não um perfido, como lhe fizeram acreditar.

— Perfido é este fidalgo e hei de mostrar-lhe para quanto presto. Hei de vingar mestre Bueno, Irabussu' e outros, que soffreram castigos brutaes por mandado delle. O Capitão-Mór tem bom coração e, se algum mal nos faz, é por insinuações desse malvado. Não lhe farei mal algum, nem consentirei que os outros o façam; Leonor é um anjo, meu braço estará sempre prompto para sua defesa: a ella e a ti devo a vida.

Helena conhecia os bons sentimentos de Calixto, e sabia quanto elle era grato a Leonor, e ao Capitão-Mór, e tambem o odio que consagrava a Fernando; portanto, não teve mais que dizer-lhe e confiou na sorte.

Na manhã do dia seguinte, os quatrocentos homens de Caldeira deixavam a casa de Diogo Mendes, e, atravessando o povoado, num falatorio confuso e interminavel, demandavam a gruta de Irabussu'. Iam elles bem providos de armas e munições e divididos em dois pelotões, um dos quaes estava á disposição e commando de Fernando, que marchava na frente; o outro era commandado por Caldeira Brant.

Na formatura e na marcha, não mostravam a menor noção de disciplina; esbarravam-se, feriam-se uns nas armas dos outros e por isso praguejavam e faziam uma gritaria infernal. Parecia mais um batalhão desbaratado do que um exercito regular marchando para a guerra. A' distancia acompanhavam-no o Capitão-Mór, Leonor e alguns pagens.

Depois de uma hora de marcha á vontade, chegaram ao alto da serra, onde deviam ficar o Capitão-Mór, sua filha e criados. Os guerreiros descançaram um pouco; emquanto isto, os chefes tiveram tempo de observar o acampamento inimigo, e viram, com grande prazer, que nas poucas barracas que existiam, não podia haver numero sufficiente de homens para fazer-lhes frente, e, cheios de enthusiasmo, deram ordens de escorvar as armas e proseguir a marcha.

No acampamento de Amador, logo que perceberam o movimento da gente de Caldeira, deram o signal convencionado, pondo-se a postos.

Fernando, talvez mais impaciente do que Caldeira, avançou na frente com sua gente. Mauricio e os seus vieram até a altura em que se achavam emboscados Antonio e seus indios, e esperaram.

Fernando, logo que chegou a distancia que seus tiros pudessem attingir o inimigo, parou e deu ordem de fogo. Mauricio sustentou o tiroteio por alguns instantes e deu ordem á sua tropilha de recuar, e, a um signal dado, os indios dispararam suas flechas, que partiram sibilando. Os portuguezes avançavam tropeçando, aqui num ferido, alli num cadaver de um

companheiro. Atiravam sem fazer pontaria, na confusão das tropas sem disciplina. Mauricio foi sempre recuando, até que cahiu. Immediatamente Antonio deixou os indios, pegou seu amo, pol-o ás costas e correu para o acampamento.

Fernando sentiu prazer inexprimivel quando viu çair o seu maior inimigo, mas esse goso foi instantaneo; mal Antonio havia deixado a phalange que Mauricio commandava e esta já se achava debaixo das ordens de Nuno e Gil, que avançavam ao encontro do fidalgo.

Fernando, cego de colera, continuou a marcha, como se uma força magnetica o impellisse para diante; foi logo ferido e cahiu.

Os paulistas, não encontrando mais espaço para carregar suas armas, levaram o resto da gente de Fernando a coice d'armas e empurrões, abrindo passagem para continuar o combate com Caldeira Brant.

A força de Caldeira Brant não tinha nem disciplina, nem pratica de carregar e atirar, de sorte que, emquanto preparavam e escorvavam as armas, já haviam recebido duas descargas cerradas dos combatentes de Mauricio e innumeras flexadas dos indios.

Caldeira Brant, em um instante, estava prisioneiro: tinha nos flancos os indios commandados por Antonio, na rectaguarda os negros com seu chefe, e na frente os paulistas.

Quando, apertado o cerco, o intrepido bandeirante viu-se prisioneiro apesar da altivez que o caracterizava, pediu misericordia para os seus. Acabado o combate, os poucos portuguez que restavam em pé achavam-se quasi tão inutilizados como os que haviam cahido feridos ou mortos.

Amador observava impavido a lucta e admirava a disciplina que Mauricio havia dado a sua gente, tanto a seus patricios, como aos indios e negros. Na hora do combate não se ouvia a sua voz, nem a de combatentes; só se ouvia o sibilar das flexas, o estampido dos tiros e o baque dos corpos.

Caldeira, levado á presença de Amador, foi recebido cavalheirosamente por este. O caudilho paulista era um homem de maneiras distinctas; não tinha a arrogancia de seu antagonista, mas achava-se nesse momento satisfeito por ter feito sentir ao insolente emboaba que o sangue que corre nas veias dos paulistas tambem é nobre, e talvez mais nobre porque elles não provocam guerras, e só sabem responder dignamente aos insultos.

Leonor não desviava os olhos do logar onde estavam sendo sacrificadas tantas victimas, por causa do odio de um homem e do infundado capricho de outro.

O Capitão-Mór fez ver á sua filha o mal que resultava para o trabalho essas guerras, armadas sem motivo justificavel, que, por simples caprichos dos chefes, sacrificavam tantos homens necessarios, que nada tinham que ver com as discordias particulares.

Leonor ouvia, mas não respondia; seu pensamento estava no acampamento; ella vira Mauricio cahir, mas não sabia em que estado se achava.

O pae percebeu a tristeza da filha e convidou-a a voltar para a fazenda. Já estava terminada a lucta; nada mais os prendia ali. Com este convite, Leonor despertou de seus tristes pensamentos e pediu a seu pae a levasse ao acampamento, pois queria prestar seus serviços aos feridos; que a retirada delles dali para a fazenda sem soccorrer os que soffriam seria uma impiedade digna de censura.

Diogo Mendes achou razoavel o desejo de sua filha, mas receiava alguma hostilidade da parte de Amador, a quem não conhecia, ou mesmo das indios e paulistas de Mauricio. Debaixo da suspeita que lhe havia suggerido Fernando, de que Mauricio era um traidor, o Capitão-Mór temia que o desrespeitassem e á sua filha.

Leonor fez-lhe ver que Mauricio sempre o respeitára como filho, e a ella tantas vezes havia salvo; não era, portanto, traidor como seu primo o inculcava. Demais, — accrescentava ella — nem todos os portuguezes morreram; lá temos Calixto que, apesar de ser paulista, nos é grato, porque nos deve sua vida e a de Helena; lá está Antonio que sempre lhe foi fiel e submisso como um cão, e que, além disso, lhe é reconhecido pelos beneficios que tem recebido desde pequeno, e tambem pelo carinho com que tratamos Indahyba. E, emfim, confio em Mauricio, que vale por todos e não consentirá que nos façam mal. Antes de Fernando entrar em nossa casa, Mauricio vivia com Affonso como se fossem irmãos, e Vossa Mercê nunca teve motivo para o achar mau ou traido. Já vê que seus receios são infundados. Elle continua a ser o que foi; está arredado de casa por que não póde viver com meu primo que o odeia, e procura intrigal-o, não só para que Vossa Mercê o expulse de casa, como de sua affeição. Não ha perigo algum para nós; elles não podem nos esperar á mão armada, porque sabem que nós não queremos nem podemos fazer-lhes mal algum.

Diogo Mendes attendeu ao pedido de Leonor e puzeram-se em movimento.

O coração de Mauricio batia agora mais accelerado do que na hora do combate, ao avistal-os descendo o outeiro em direcção a elles. O prazer alterou-lhe mais as pulsações do coração, do que o susto e fadiga por que havia passado.

Receioso de que sua gente, ou a de Amador, não respeitassem convenientemente a pessôa do Capitão-Mór, sua filha e criados, chamou por Antonio e mandou-o conter os indios que o obedeceriam. Preveniu tambem a Gil e Nuno para conterem os paulistas, e elle foi ter com Amador, avisando-o da chegada de Diogo Mendes e sua filha. O joven paulista e Amador foram ao encontro dos recem-chegados, e este convidou-os a descançarem em sua tenda.

Foi-lhes servido o que de melhor havia ali. Já era tarde e precisavam de alguma refeição.

Diogo Mendes pediu para ver seu sobrinho. Mauricio conduziu-o a uma barraca em que elle se achava e onde havia sido tratado com toda a caridade por Amador; mas seu estado era gravissimo, tanto que não os conheceu.

Foram depois ver Caldeira Brant; este, apezar de alguns ferimentos, não se achava abatido de corpo, mas soffria bastante do espirito. Homem orgulhoso, esperava cantar victoria e via-se supplantado por seu antagonista.

Valeu-lhe a lição, e deu-lhe ensejo de ver como Amador era considerado e estimado por seus patricios. Comprehendia que a verdadeira fidalguia existe nas almas bem formadas e não no sangue azul, como elle acreditava.

Diogo Mendes animou-o muito, mostrou-lhe muitos exemplos iguaes. Depois foi ter particularmente com Amador e pediu-lhe o perdão do vencido, e tambem permissão para mandar conduzir para sua fazenda os feridos.

Amador concedeu tudo o que lhe pediu, contou os motivos que ali o trouxeram, e que, tendo salvado sua digni-

dade, estava satisfeito e não queria vingar-se; antes sentia que a insolencia de Caldeira o obrigasse a derramar tanto sangue.

Amador elevou os dotes de Mauricio a um gráo extraordinario, não por ser seu patricio, — dizia elle — mas sim pela nobreza d'alma que possuia, e que o tornava um homem de caracter invulneravel. Mauricio — accrescentou Amador, — foi muito feliz em encontrar em seu protector sentimentos nobres e humanitarios; deu-lhe além da educação necessaria, exemplos de honradez e probidade, e elle, reconhecendo tudo isto, lhe consagra uma affeição filial.

Um resto de desconfiança, que ainda lhe pairava no espirito, sobre a fidelidade de Mauricio dissipou-se ao ouvir as palavras de Amador. Diogo Mendes, enternecido prometteu ao chefe paulista que em breve faria de Mauricio seu filho legitimo, unindo-o á sua querida Leonor.

Mauricio abraçou-o transportado de alegria. Leonor beijou-lhe a mão com vehemencia, mas nem um nem outro podia articular palavra: a commoção embargava-lhes a voz, não esperavam tanta indulgencia.

Antonio e Calixto, que a um canto escutavam a conversação, comprehenderam logo que era chegado o momento do perdão, e vieram pedir a liberdade de Indahyba e Helena pora com ellas se desposarem.

Gil foi communicar a Mestre Bueno e a Irabussu' o que alli se passava nesse momento e levou-os á presença de Leonor e do Capitão-Mór, que os trataram com affabilidade, fazendo-lhes sentir que Helena e Indahyba nunca foram tratadas como escravas, mas sim como companheiras e amigas de Leonor.

Irabussu' voltou á gruta e trouxe dous saccos de ouro, que Mauricio e Gil haviam confiado a sua guarda, — e disse: — Brancos, àqui está o thesouro que me foi entregue! Irabussu' vae ver sua filha, e nenhum compromisso tem mais neste mundo.

Mauricio e Gil fizeram presentes do ouro a mestre Bueno e a Irabussu' para dote de suas filhas. Os dous heroes haviam-se alquebrado no trabalho pelos dous jovens paulistas. Impunham-se-lhes agora mostrar sua gratidão.

FIM

EDIÇÕES
DE
MONTEIRO LOBATO & CIA.

	Broc.	Enc.
URUPÊS, contos, *Monteiro Lobato*, 7.ª edição	4$000	5$000
CIDADES MORTAS, idem, idem, 3.ª edição	4$000	5$000
NEGRINHA, idem, idem, 1.ª edição	2$500	3$500
IDÉAS DE JÉCA-TATÚ, critica, *Monteiro Lobato*, 3.ª edição	4$000	5$000
ONDA VERDE, critica, *Monteiro Lobato*	4$000	5$000
A MENINA NO NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, illustrado a côres com desenhos de Voltolino (cart.)	2$500	3$500
FABULAS DE NARIZINHO, *Monteiro Lobato*, album illustrado por Voltolino, (cart.)	—	3$000
FABULAS, edição escolar, muito augmentada e approvada pela Directoria Geral de Instrucção Publica de S. Paulo, (cart.)	—	2$500
O SACY, *Monteiro Lobato*, magnifico livro de historias para crianças, com illustrações de Voltolino, (cart.)	—	2$500
A LINGUA NACIONAL, João Ribeiro	4$000	5$000
IPÊS, magnifico livro de versos de *Ricardo Gonçalves*	4$000	5$000
O PROFESSOR JEREMIAS, o celebre romance de *Léo Vaz*, 4.a edição	4$000	5$000
SAPEZAES E TIGUÉRAS, excellentes contos regionaes, por *Amando Caiuby*	4$000	5$000
ALMA CABOCLA, versos de *Paulo Setubal*, 2.ª edição	3$000	4$000
SCENAS E PAIZAGENS DE MINHA TERRA, versos de *Cornelio Pires*, em papel bom	3$000	—
Em papel de jornal	2$000	—
ESPHINGES, edição postuma dos versos de *Francisca Julia*	5$000	—
ARTE DE AMAR, versos de *Julio Cesar da Silva*, um dos grandes successos literarios do anno	4$000	5$000
FIGURÕES VISTOS POR DENTRO, estudo sarcastico de *Simão de Mantua* sobre o mundo politico brasileiro, de grande opportunidade; no segundo volume trata de Borges de Medeiros e Nilo Peçanha. — 1.o volume	4$000	5$000
2.o volume	5$000	—
RITO PAGÃO, versos de *Rosalina Coelho Lisboa*, premiados em 1921 pela Academia Brasileira de Letras. A mais bella edição que se tem feito no Brasil	4$000	—
Encadernado em camurça.	—	12$000
MADAME POMMERY, notavel satyra de *Hilario Tacito*, que, em segunda edição, continúa uma brilhante carreira de critica e livraria	4$000	5$000
CONTRIBUINDO, o segundo dos "participios" do illustre Andrada — *Martim Francisco* — contendo interessantissimas contribuições historicas	4$000	5$000
TRADIÇÕES E REMINISCENCIAS PAULISTANAS, estudo minucioso de coisas do S. Paulo antigo, por *Affonso de Freitas* — (Edição cuidada)	4$000	5$000
VULTOS E LIVROS, valiosa contribuição para a critica e bibliographia nacional, por *Arthur Motta* (Bellissima edição)	5$000	—
JARDIM DAS CONFIDENCIAS, versos de *Ribeiro Couto*, auspiciosamente recebido pela critica, (Bellissima edição)	3$000	—

	Broc.	Enc.
VIDA OCIOSA, romance de *Godofredo Rangel*, fartamente elogiado pela critica nacional, que o considera uma das obras primas da nossa literatura	4$000	5$000
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, luxuosa edição dos excellentes versos de *Guilherme de Almeida*	4$000	—
BRASIL COM S OU COM Z?, minucioso estudo critico por *Assis Cintra*	4$000	5$000
VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ, romance de *Lima Barreto*, premiado pela Academia de Letras	2$000	—
PAIZ DE OURO E ESMERALDA, admiravel romance em que *J. A. Nogueira* estuda a formação da raça brasileira do futuro	4$000	5$000
FIM, ultimos sonetos de *Medeiros e Albuquerque*, da Academia Brasileira de Letras. (Bello volume)	4$000	5$000
O ELOGIO DO AMIGO, estudo de *Nestor Victor*, o autorisado critico. (Volume de elegante formato)	3$000	—
A ALLEMANHA SAQUEADA, por *Mario Pinto Serva*, obra que obteve o maior successo, não só no Brasil, como no extrangeiro, já tendo sido vertido para mais de um idioma. (2.ª Edição esmerada)	3$000	4$000
OS CABOCLOS, magnificos contos regionaes de *Valdomiro Silveira*, acompanhados de extenso vocabulario	4$000	5$000
A MULHER QUE PECCOU, novella de *Menotti del Picchia*, festejado escriptor paulista, que vem alcançando successo	4$000	5$000
PHYSIONOMIA DE NOVOS, critica literaria por *João Pinto da Silva*, o notavel critico rio-grandense	4$000	5$000
TROPAS E BOIADAS, contos de *Hugo Carvalho Ramos*, o grande escriptor goyano ha pouco fallecido (2.ª edição)	4$000	5$000
COMO SE APRENDE A LINGUA, por *Sampaio Doria*, ex-Director Geral da Instrucção Publica de S. Paulo; obra didactica de grande utilidade, adoptada neste Estado. — (Cart.)	—	3$000
SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES — HYGIENE, por *Miguel Milano*, compendio indispensavel aos escolares, adoptado em S. Paulo. — (Cart.)	—	3$500
HYGIENE VETERINARIA DO CAVALLO E DO BOI, por *Antonio Souza*, medico veterinario do exercito, obra de grande utilidade aos fazendeiros e criadores	4$000	5$000
O IMPOSTO DO SELLO, trabalho de *J. Amaral Gurgel*, indispensavel, como guia, a todos os commerciantes, industriaes, advogados, funccionarios do foro e juizes	8$000	10$000
CODIGO COMMERCIAL BRASILEIRO, tal como está em vigor actualmente, pelo *dr. Clovis Ribeiro*, director da "Revista de Commercio e Industria"; obra de innegavel valor, acompanhada de explicações detalhadas e de longo vocabulario. — (Cart.)	—	5$000
NOTAS DE UM ESTUDANTE, ensaios do eminente polygrapho *João Ribeiro*, da Academia Brasileira de Letras	4$000	5$000
REDEMPÇÃO, romance do illustre escriptor Veiga Miranda	5$000	—
A PAIZAGEM NO CONTO, NA NOVELLA E NO ROMANCE, ensaios criticos por *Fabio Luz*	4$000	5$000
SONHO DE GIGANTE, magnificos estudos sobre a vida nacional por *J. A. Nogueira*, o festejado autor do "Paiz de Ouro e Esmeralda"	4$000	5$000
JOAQUIM NABUCO, estudo critico-biographico, por *Henrique Coelho*	4$000	5$000
MEUS ODIOS E MEUS AFFECTOS, estudos criticos de *Almachio Diniz*.	4$000	5$000

BIBLIOTHECA DA RAINHA MAB, collecção de volumes de pequeno formato, destinados a figurar no cestinho de costura das moças: a 2$000 cada volume.

I — A VERANISTA, romance de *Abel Juruá*, pseudonymo de illustre senhora carioca. (2 volumes).

II — A CASA DO GATO CINZENTO, contos de *Ribeiro Couto*.

III — QUEM VÊ CARA..., contos dialogados de *Mario Sette*.

Doc. 819/70

Bibl. Paulo Duarte